



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

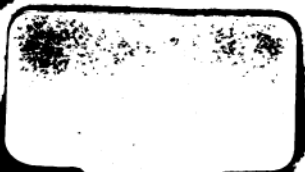
About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

44



Vet. Port. T. A. 25



Bought from Rosenthal,
Oxford



ENGANOS
DO BOSQUE,

DEZENGANOS DORIO,

**Em que a Alma entra perdida, e
sahe deenganada.**

THE
JOURNAL
OF
THE
ROYAL ANTHROPOLOGICAL INSTITUTE
OF GREAT BRITAIN AND IRELAND
VOLUME 100 PART 1
1970

ENGANOS
DO BOSQUE,
DEZENGANOS DO RIO,

Em que a Alma entra perdida, e sa-
he deenganada.

Com outras muitas obras varias, e admiraveis,
todas por sua verdadeira Autora

A M. R. MADRE SOROR

MARIA DO CEO,

*Religiosa, e duas vezes Abbadeffa do
Religiosissimo Mosteiro da Esperança
de Lisboa Occidental da Provincia
de Portugal.*

Dadas à estampa pelo zelo, e diligencia
DO

P. FRANCISCO DA COSTA,
do habito de S. Pedro.



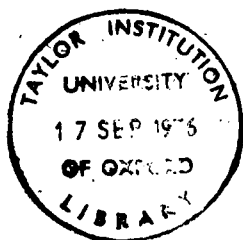
LISBOA OCCIDENTAL,

Na Offic. de MANOEL FERNANDES DA COSTA,
Impressor do Santo Officio.

Anno de M. DCCXXXVI.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se na Rua nova na logea de João Rodri-
gues de Carvalho.





PROLOGO.



S obras da muito Reverenda Madre Soror Maria do Ceo, Religiosa, e duas vezes Abadeſſa do Religioſiſſimo Moſteiro da Eſperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal, ſão hum theſouro de tantas riquezas, que parece inexhaurivel, pois tendo-ſe já repartido com todos por meyo da eſtampa em cinco tomos de oitavo, muita parte dellas, cada dia apparecem novas rique-

quezas para repartir, porque sempre se descobrem mais obras para communicar: e como muitas pessoas espirituaes, e curiosas sabem conhecer o valor, e estimação, que as taes obras merecem, cada hora, e com impaciencia manifestão os dezejos de que se lhes continue a posse destas riquezas; sendo eu o mais empenhado em que não fiquem algumas escondidas, com a minha costumada diligencia alcancey as que neste selecto tomo te offereço, não só em mais quantidade que nos cinco antecedentes; mas tambem com mais subidas, e proveitosas idéas de todos os assumptos, que em variedade gostosa discorre, e propoem, com que igualmente recreya

~~creya~~ o entendimento, e inclina
a vontade a todos os actos de per-
feição, a que devem aspirar os
Catholicos de todos os estados,
achando na lição destas obras em
que empregar o tempo sem delic-
to, evitar a ociosidade com pro-
veito, e gastar as horas, que de
suas occupações lhe ficarem li-
vres, em aprender o como podem
salvar as suas almas. No Index,
que vay adiante, conhecerás pe-
los titulos das obras, como te in-
clina o dezejo para veres a subti-
leza, e espirito, com que discorre
em cada huma dellas, variando
nas idéas, mas sempre encami-
nhando ao sequito das virtudes.
Muitas riquezas estão ainda por
descubrir neste thesouro, e nelle

se vão ajuntando cada vez mais; porque a mina, donde se criaõ, e o entendimento, em que se fórmaõ, não paraõ em compor outras obras, que por suas são avaliadas pelas melhores riquezas: se me continuar, a felicidade de as alcançar, prometto, dando-me Deos vida, de as offerecer à tua curiosidade, e bem ordenado desejo, e appetite.

Vale.



LICENÇAS

DO SANTO OFFICIO.

O Padre M. Fr. Manoel Coelho, Qualificador do Santo Officio veja o livro, de que se trata, e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 23. de Agosto de 1735.

*Fr. R. de Lancaſtro. Teixeira. Sylva.
Cabedo. Soares. Abreu.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

M Anda-me Voſſa Eminencia ver o livro intitulado: *Enganos do Boſque, Dezenganos do Rio*, em que a alma entra perdida, e ſahê deenganada. Autora a M. R. Madre Soror Maria do Ceo, Religioſa, e duas vezes Abbadessa do Religioſiſſimo Moſteiro da Eſperança de Lisboa Occidental da Provincia de Portugal. Li, Eminentiſſimo Senhor, com toda

toda a attenção este livro , e não ache-
nelle cousa alguma contra nossa Santa
Fé Catholica , ou bons costumes ; antes
são muitos dictames , de que se podem
aproveitar muitas almas para o dezenga-
no da vida ; e assim me parece digno de
se manifestar aos olhos de todos por
meyo da estampa. Vossa Eminencia
mandará o que for servido. S. Domingos
de Lisboa 14. de Setembro de 1735.

Fr. Manoel Coelbo.

O Padre M. Dout. Fr. Manoel da Ave
Maria, Qualificador do Santo Offi-
cio veja o livro, de que se trata , e infor-
me com seu parecer. Lisboa Occidental
16. de Setembro de 1735.

*Fr. R. de Lancastro. Teixeira. Cabedo.
Soares. Abreu.*

EMINENTISSIMO SENHOR.

E Sta obra , que com o titulo de *Enga-
nos do Bosque, e Dezenganos do Rio*,
compoz a M. R. Madre Soror Maria do
Ceo , Religiosa , e duas vezes Abbadessa
no

no seu Convento da Esperança , he tão conforme à nossa Santa Fé , e bons costumes , que sobre o ser digna de imprimirse , he dignamente merecedora de se estampar nos corações de todos. Assim, o julgo , e me parece o julgarão assim os que com a reflexão que devem , se dignem de reparar no que sendo dotes, posto que raros , da natureza se animão, e parecem mais impulsos da graça, com a qual fortalece tanto , e de tal sorte suaviza , e recrea para bem das almas a erudição, noticia , e naturalidade, com que discorre, e falla assim nisto , como em todas as mais obras , que se reconhecem , e venerão por suas , que a não serem todas tão singulares como esta, poderia esta só pela recomendação de sua merecer o credito de singular entre todas. Isto o que me parece. Vossa Eminencia mandará o que for servido. Convento da Santissima Trindade em 26. de Setembro de 1735.

Fr. Manoel da Ave Maria.

Vistas as informações, póde-se imprimir o sexto tomo das Obras da Madre Soror Maria do Ceo , e depois de impresso

presso tornará para se conferir , e dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 27. de Setembro de 1735.

*Fr. R. de Alancastro. Teixeira. Sylva.
Cabedo. Soares. Abreu.*

DO ORDINARIO.

O Muito R. P. Dout. Fr. Martinho do Amor de Deos veja o livro , de que se trata , e informe com seu parecer. Lisboa Occidental 28. de Setembro de 1735.

Miranda.

REVERENDISSIMO SENHOR.

M Anda-me V. S. ver esta obra com o titulo de *Enganos do Bosque , e Dezenhanos do Rio* , que escreveo, e quer imprimir a Madre Soror Maria do Ceo, e o Reverendo Francisco da Costa, Clerigo do habito de S. Pedro , e muito teria que admirar , que sendo duas vezes Prelada a Autora desta obra , lhe dêsse lugar o governo, para que se empregasse tanto no dezafoço do seu espirito ; mas
quize

quize assim mostrar dezempenhado o seu nome, e o seu Mosteiro, senão he que tudo he o mesmo ser do Ceo, e Religiosa da Esperança, aonde tem a Corte hum grande parte da sua Fidalguia, e remos cá na terra hum pedaço de Ceo com digna morada do Rey da Gloria, Espozo seu, que empregando-se na vida contemplativa, e religiosa, entraõ a provar nos seus escritos, que daõ ao Mundo a melhor lição para os dezenganos, e aos aproveitados a mais segura regra para perseverarem na sua melhora, dezafo-go preciso, emprego necessario de hum coração, que arde no Divino Amor, pois ainda que o Index deste livro o não declarára, arto se chega a entender, porque estes são os effeitos de semelhante causa, e propriamente me lembra o em que no profano rompeo o nosso Camões. Já me dezenganey, que de queixarme não se alcança remedio, mas quem pen-na, forçado lhe he gritar, se a dor he grande. Deve-selhe dar a licença, que pede, e provera a Deos, que este fosse o emprego do estudo religioso de hum, e outro sexo; porque na lição de tão fan-tas obras teriaõ os curiozos mais, e me-lhor fruto, do que tiraõ de outias, que se dei-

deixaõ imprimir. Este o meu parecer,
V. S. mandará o que for servido. Santo
Antonio dos Capuchos hoje 29. de Se-
tembro de 1735.

Fr. Martinho do Amor de Deos.

PO'de-se imprimir o livro, de que se
trata, e depois de impresso tornará
para se conferir, e dar licença que cor-
ra, sem a qual não correrá. Lisboa Oc-
cidental 30. de Setembro de 1735.

Miranda.

D O P A C, O.

O Padre M. Fr. Lucas de Santa Catha-
rina, da Ordem dos Prégadores, vê-
ja o livro, de que se trata, e interpon-
do seu parecer o remeta a esta Mesa.
Lisboa Occidental 3. de Outubro de 1735.

Pereira. Teixeira. Rego.

S E N H O R.

VI o livro, de que trata a petição in-
clusa, e não tendo cousa, que en-
contre o Real serviço de Vossa Magestade,

tade, me parece digno de que a voz da estampa o participe à curiosidade discreta, como parto de hum engenho, e genio, que fecundos, e versados, assim no metro, como na proza, souberão com singular industria morigerar a natureza. Assim se acha todo o livro tão redundante de agudezas, e elegancias; de moralidades, e allegorias, que servindo para recreyo, pôde tambem contribuir para o ensino. Estas as justificadas adherencias para a licença, que se pede, Vossa Magestade ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa Occidental em 7. de Outubro de 1735.

Fr. Lucas de Santa Catharina.

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará para se conferir, e taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa Occidental 11. de Outubro de 1735.

Pereira. Teixeira.

E Stá conforme com o seu original. S.
Domingos de Lisboa 27. de Abril de
1736.

Fr. Manoel Coelho.

V Isto estar conforme com o original,
póde correr. Lisboa Occidental 27.
de Abril de 1736.

*Fr. R. de Lancastra. Teixeira. Sylva.
Cabedo. Soares. Abreu.*

V Isto estar conforme com o original,
póde correr. Lisboa Occidental 27.
de Abril de 1736.

Gouvea.

Q ue possa correr , e taxaõ em cento
e oitenta reis. Lisboa Occidental
28. de Abril de 1736.

Teixeira. Banicho.



INDEX

DAS OBRAS, QUE SE CONTEM
nesto Livro,

ENGANOS DO BOSQUE,
dezenganos do Rio,

Em que a alma entra perdida, e sahe
dezenganada.

CAP. I. Mostraõ-se à alma signi-
ficada na Peregrinaçõs
caminhos, o do Ceo, e
o do Mundo; as virtu-
des a chamaõ para o Pa-
raiso Vergel do Pastor,
os vícios para o Mun-
do, do Caçador Bos-
que, pag. 1.

CAP. II. Resoluta a alma a seguir
o conselho de Christo
**
-fi

Index das obras,

figurado no Pastor, dá os primeiros passos pelo caminho da virtude; porèm logo o mimo de seu amor proprio lho representa impossivel de vencer, e destina ao Bosque do Caçador, aonde bebendo de suas aguas lhe rouba o Mundo o coração; alli he cortejada de suas lizonjas symbolizadas nas Nynfas, pag.13.

CAP. III. Deicrevem-se as condiçoens do Mundo significadas no Bosque, neste he mostrado à Peregrina o primeiro Idolo Nobreza, e namorada de sua soberania, corre o dezengano significado no Rio a dezenganalla, pag. 28.

Dezengano primeiro, p. 35.

CAP.

Que se contém neste livro.

CAP. IV. He a alma levada ao segundo Idolo do Mundo Formosura, e indo a cegar-se em suas luzes, a foccorre o dezengano com suas vozes, p. 45. Dezengano segundo, p. 52.

CAP. V. Passa a alma ao terceiro Idolo Discripção humana, torna a enganar-se, e o dezengano a dissuadilla, pag. 62. Dezengano terceiro, p. 66.

CAP. VI. A esperança do Mundo Idolo quarto chega a alma; primeiro a olha reverente, e logo a deixa dezenganada, p. 74. Dezengano quarto, p. 77.

CAP. VII. Em que a Peregrina passa ao Idolo Riqueza, leva-se primeiro de suas vozes, e logo piza seus poderes, pag. 85.

Index das obras,

Dezengano quinto, pag.
89.

CAP. VIII. Em que a alma he leva-
da ao culto do amor
proprio, primeiro, e
ultimo Idolo, pag. 96.

Dezengano sexto, pag.
100.

CAP. IX. Em que dezenganada a
alma resolve deixar o
Bosque, symbolo do
Mundo, procuraõ de-
tella as suas lizonjas na
voz do Caçador, ven-
ce seus enganos com o
favor das inspiraçoes
significadas nos avizos
das Pastoras, pag. 108.

C A P. X. Em que vacilante a alma
nas sombras do Mun-
do, penetra ao Ceo com
sua oração, e allumçada
com hum rayo de luz
em suas escuridades,
sahe do Bosque seguin-
do a Christo, pag. 114.

A Ei-

Que se contém neste livro.

- A Espola dos Cantares, doença, e
febre de amor, pag. 121.
Dor, pag. 123.
Desmayos, pag. 126.
Gemidos, pag. 131.
Sede de amor, pag. 136.
Sono, pag. 139.
Retrato de Christo Menino, pag. 141.
Pranto, pag. 145.
Retrato de Christo Homem, pag. 147.
Retrato de Christo morto, pag. 151.
Retrato de Christo resuscitado, p. 158.
A' Samaritana, pag. 161.
Vilhancico para a Circuncizaõ, p. 173.
Ao Santissimo Sacramento, pag. 181.
Passos de Christo, Horta, prizaõ, e
bofetada, pag. 181. e 182.
No tribunal de Herodes, e acoites,
pag. 183.
Coroa de espinhos, e Ecce Homo,
pag. 184.
Ao lavar Pilatos as mãos, ao encon-
tro da Senhora na rua da amar-
gura, e à Veronica, pag. 185.
A' Cruz de Christo, pregado nella,
e à lança, pag. 186.

A Chr

Index das obras,

A Christo morto, e sepultado, pag.
190.

Soledade de Nossa Senhora, pag. 191.

Resurreição de Christo, appareci-
mento a Nossa Senhora, e à Mag-
dalena, pag. 193.

A's lagrymas de David; e ao cego
que pedio vista a Christo, p. 195.

A nosso Padre S. Francisco, pag. 196.

Vilhancico à Magdalena, pag. 197.

Significações das flores moralizadas,
pag. 199.

Significações das frutas moralizadas,
pag. 218.

Significações das ervas aromaticas
moralizadas, pag. 239.

Clavel, e Rosa; breve Comedia allu-
dida aos despozorios de Maria, e
Jozé, pag. 249.







OBRAS VARIAS, E ADMIRAVEIS
DA M. R. MADRE SOROR

MARIA DO CEO,

Religiosa, e duas vezes Abbadessa do Mosteiro da
Esperança de Lisboa da Província de Portugal.

ENGANOS DO BOSQUE, dezenganos do Rio.

PARTE PRIMEIRA,

Em que a Alma entra perdida, e sahe desenganada.

CAPITULO I.

*Mostraõ-se à Alma significada na Peregrina dous cami-
nhos, o do Ceo, e o do Mundo; as virtutes a chamaõ
para o Paraíso Vergel do Pastor: os vícios para
o Mundo, do Caçador Besque.*



R A M da manhã as aurotas
despedidas do dia, crescidas
as luzes, da tarde não entra-
das as sombras, quando as
primeiras jornadas de seu ca-
minho se achou hũa Pere-
grina sedenta; buscava com a vista o crys-
tallino



ella (dizia ella) alentarey meus passos, que ache mais apressado o remedio a seus designios ; aqui me convidão conformes dous caminhos oppostos ; se me arrojao aos rigores de hum, sepulto as esperanças , que em tanto verde me promette o outro, que não crescem nos desvios da agua os favores de Flora : se me levo deste às lisongjas, fujo daquelle aos impossiveis , pois ha fonte , que rompe na dureza de huma pedra , não a criar o mimio das flores, mas a abater a dureza dos penhascos ; aonde pois me chamará o crystal escondido com mais brevidade, se na diffimulação destes espinhos , se na ostentação daquellas rosas ? Haja luz, que me guie, Estrella, que me conduza, voz, que me responda. Aonde irey ? Aqui foy suave melodia oraculo prompto , que diz assim.

Al Vergel , al Vergel ,

Que en sus flores se aviva el incendio,
Y en sus aguas se aplaca la sed.

Passeou a Peregrina os olhos pela capacidade daquelle sitio, para avistar quem nelle respondia a suas ansias, e encontrou olhando huma companhia de Pasto-

Obras da Madre Soror

ras, que do caminho, cuja aspereza re-
tratamos, se conduziao ao lugar, em que
ella se suspendia, tao leves no passeio,
tao seguras no passo, tao alegres na mu-
sica, como se fora o caminho outro, e
continuavao sua cantiga, dizendo.

Al Vergel las aldeanas

Se conduzan esta vez,

Porque ansi miren las rosas

Las finezas del clavel.

Amor Cupidillo de las flores

Divi- Entre las flores se vé,

no, Que el hizo Rey a Cupido,

Y Cupido Amor a el.

Estuvo por el partido

Gustozo el clavel, porque

Entre el arder, y el luzir

Más que luzir, quizo arder.

Viste purpura abrazada

De tan fino rocicler

Por el incendio de amante,

Nó por la color de Rey.

Y en tanto fuego, Pastoras,

Si es que lo quereis saber,

Hay crystal contra el incendio.

Que queda calor por el.

Al Vergel pues, aldeanas,

Por-

Porque en su fuente vereis
Estrellas como a parar,
Y perlas como a correr.

Al Vergel, al Vergel, (cendio,
Que en sus flores se aviva el in-
Y en sus aguas se aplaca la sed.

Acabáraõ as Pastoras a musica, che-
gando a Peregrina, que reparando *Belle-*
em suas perfeições, se admirou del- *za das*
las; eraõ todas bellissimas, na cor *Vir-*
retratavaõ ao crystal das fontes, nas *tudes.*
faces as rosas do campo, nos cabel-
los aos rayes do Sol, nos olhos as
luzes do Firmamento; vestiaõ a pu-
reza dos arminhos, toucavaõ a gra-
eiosidade das flores, admittiaõ a fi-
neza dos coraes. Alegre a Peregri-
na em taõ agradaveis objectos lhes
disse.

Pastoras, por quem melhor, que *As*
por Clymene podia o Sol tornar a *Vir-*
fer pastor, já que vossa belleza fa- *tudes*
tisfez a meus olhos, satisfaça vos- *facili-*
sa noticia a minha fede; conduzi- *taõ a*
me a esse Vergel florido, aonde es- *Alma*
tá a fonte desejada, que eu agrade- *ao ca-*
cercy à vossa belleza quanto dever *minho*
do Céo.

En-
ganos
dos
bens do
Mun-
do.

a seus crystaes; acho-me neste paiz
Peregrina, só, e sedenta, e virey a
morrer de minha sede, se me não
valer vossa compayxaõ. Peregrina,
respondéraõ as Pastoras, se quereis
seguirnos, alentay-vos a pizar des-
te caminho as asperezas, porque
vencido o seu trabalho, entrareis no
Vergel do Pastor, aonde achareis
humã fonte puta, perenne, e fai-
davel, cujas aguas não só satisfa-
zem a sede, mas também seguraõ a
vida ao sequioso; porém, se vosso
melindre fizer espanto do que nós
conveniencia, e tomardes por essa
vereda, para onde as rosas vos con-
vidaõ com lisongias, sabey que a
poucos passos encontrareis outra
fonte crystallina aos olhos, mortí-
fera ao ooraçaõ, clara à vista, enga-
nosa à experiencia, prata advertida,
veneno provada; em suas perolas
dissimula peçonha, em suas flores
acautela serpentes, em suas sombras
esconde espantos: esta tende-la a
passos de rosas, mas como a tendes?
Aquella achareis a rigores de espi-
nhos

nhas, mas como a achais? Duas são, e só duas, de ambas vos avisamos as condições; huma está no Vergel do Pastor, que encontrareis sem mais guia que a de seguirdes o caminho aspero; a outra no Bosque do Caçador, que descobrireis sem mais luz que a de vos oegardes na belleza das flores: à nossa nobreza esteve o aviso, ao vosso alvidrio está a escolha; e pois não tendes o perigo da ignorancia, valey-vos do seguro do defengano.

Diletao as Pastoras, e seguirão seu caminho sem que as vozes da Peregrina bastassem a detellas; mas, como em sua advertencia lhe deixassem a melhor guia para seus passos, dava os primeiros para a escabroza Vereda, aonde a convidava fonte benigna; mas atrazou sua resolução prompta voz, que do opposto caminho cantava suave.

Al bosque, al bosque, (tan
Que en su fuente las Nynfas se pa-
A mirasse en las perlas, q corren.

Os vi-
cios
per-
sua-
dem a
Alma
a que
figa o
Mun-
do.

Al bosque, que en sus crystales
Venus su aliño compone,
Siendo olvido para Marte
El cuydado para Adonis.
Al oro de sus cabellos
Fragante tocado pone,
Donde el uno taca espinas
Quando el otro coge flores.
Jove, que ve su fatiga,
De su cuydado sintió-se,
Que al mirarla como Dios
Tuvo zelos como hombre.
Al dia arroja una sombra,
Que sus desiguños estorve,
Que para cegar al Sol
Empeñò toda la noche.
Al bosque, al bosque, (ran
Que en su fuente las Nynfas se pa-
A mirarse en las perlas, q̃ corren
Voltou a Peregrina o rosto, e viò
desoer pela florida estancia huma
esquadra de Caçadoras, que ao de-
pois de cantarem a suspendella, che-
gando a ella, que reparou em seu
traie, lhes admitou a gala; vestiaõ
à ligeira para o desembaraço, que
pedia o officio, de varias primave-
ras,

ra, roupas curtas, o calçado guarneci-
do de penolas, arcos nas mãos, frechas
nos olhos, gala no andar, liberdade no
ver, efficacia no persuadir, e confiadas
nesta differença à Peregrina. Aonde, inno-
cente belleza, te despenha tua ignoran-
cia a ferir nas plantas o que não podes
curar no Vergel, pois primeiro que a el-
le chegues, serás sacrificio ao trabalho,
victima ao tormento, e as pedras, que pi-
zas para o remedio, te darão sepultura
para o cadaver; teu delicado pé magoa-
da flor naquelles espinhos, quando te
conduzirá aquellas aguas, que te não dei-
xe no caminho a beber só por ellas os
ventos, e só dellas os defenganos. Torna,
muda o passo a buscar as perolas, que no
Bosque te convida a fonte com hum já,
e tua sede não está para hum logo. No
Bosque do Caçador, ó Peregrina, acharás
agua tão clara como o teu rosto, tão li-
songeira como teus olhos, tão risonha
como tua boca, tão de perolas como teus
dentes, tão aprafivel como teu sembran-
te, tão de neve como tua garganta, tão
de prata como tuas mãos, tão peregrina
como teu nome, e tão salutifera como

toda rã. Esta he a verdade, as outras informações são bacharelíces: nossa fidalguia te tem avisado generosa, tua resolução fará o que quizer destemida. Dissorão, e seguirão seu caminho, sem que as vozes da Peregrina bastassem a detellas, e parada em sua duvida dizia: Que dano me podem fazer as aguas do Bosque, que ao depois não possa curar nas do Vergel? Beberey dellas huma vez, tempo me fica para gostar das outras muitas, buscando-as sem as ansias da sede, e com os commodos do vagar: a fingeleza pastoril sim he verdadeira, mas tambem he cobarde, e só as sombras daquelle malquistarão a pureza dos crystaes, tanto fará seu medo; vamos pois a pizar nas flores os receyos, e póde ser que sejaõ fantasticos os perigos. Resoluta a Peregrina começou o caminho pela deliciosa estância, aonde a festejavaõ as aves com o canto, as rosas com a alegria, as flores com a fragrança, e já a fonte com o murmurinho. Poucos passos tinha dado sua mal tomada resolução, quando clara voz lhe penetrou o ouvido, dizendo.

Adonde corres, ovelha, q̃ vaz perdida?

Le-

Levantou os olhos, e avistou ao longe hum Pastor pastoreando hum rebanho de ovelhas tão brancas, que podiaõ ser opposição ao Arminho, todas com capellas de rosas nas cabeças, fazendo o nacar com a neve huma graciosa mistura: já mais ao perto reparou no Pastor, não que lhe pudesse ver o rosto, porque a este fez sua cautela sombra com a mão, e também dissimulação com os cabellos, podendo a mão ser vidraça pelo crystalino, e os cabellos vista pelo luzente: vestia hum pelote de pelles cor dourada, e ainda sem ser esta a cor, elle fizera lustroso o pelote, porque era seu passo airoso, seu corpo delicado, animadissima sua acção. Pastor, lhe disse a Peregrina, fallais comigo perdida, ou com a ovelha desgarrada? Com a ovelha desgarrada, respondeu elle, que sois vós perdida. Já que, Pastor, me fazeis aviso, tornou ella, day-me o conselho do que hey de fazer para ganharme; trocar os caminhos, respondeu o Pastor, que nem sempre he melhor o que melhor parece. Advertiz bem, disse a Peregrina; mas descobri o rosto, que de quem me deu o conselho

selho quero ver o semblante. Caminhay, respondeu elle, para o Vergel do Pastor, que ahi matando a sede, me vereis a face, disse; e tomando o caminho para o Vergel, se apressou tão ligeiro, que a poucos passos se fez desapparecido, deixando a Peregrina confusa. Se será, dizia ella, este Pastor o do Vergel, de cuja fonte me contárao as aldeanas taes maravilhas? Elle he sem duvida, pois para o Vergel me chama, que ainda que em sua capacidade assistaõ mais o brio de sua pessoa, o ar de seu passeyo, e o magestoso de sua voz, não póde conhecer superioridade a outro. Desandemos pois, cobardes plantas, os errados passos a vencer a via, que nos assombra, caminhemos com fadiga ao Vergel, aonde já me levaõ duas sedes, huma de provar suas aguas, e a outra de ver seu Pastor.

CAPITULO II

*Resoluta a Alma a seguir o conselho
de Christo figurado no Pastor.*

DA' os primeiros passos pelo ca- *Incli-*
minho das virtudes, porém lo- *nada*
go o mimio de seu amor próprio lhe *a Al-*
representa impossivel de vencer; e *ma a*
se destina ao Bosque do Caçador, *Christo*
aonde bebendo de suas aguas, lhe *to re-*
rouba o Mundo o coração, alli he *solve*
estejada de suas lisonjas symboli- *los*
zadas nas Nynfas. Obedecendo à
imperiosa voz do Pastor, desandou
a Peregrina os errados passos, que
da belleza das rosas a levavaõ à ser-
pente do perigo, começou a seguir
animosa pela segura, se desabrida
estancia duas vezes chamada ao
Vergel, huma a ver suas perolas nas
aguas da fonte, outra a ver suas flo-
res no rosto do Pastor, de quem a
memoria lhe facilitava o trabalho.
Caminhou primeiro enganada e fa-
diga no desejo, mas logo entibian-
do

do o desejo na fadiga, o coração pulsava ao compasso, sem que bastasse a esperança para adoçar-lhe a queixa: a seda do vestido padecia ultrajes nos carrafcos, o ouro dos cabellos prifões nos espinhos, a perola do pé mágoa nos penedos, sem que a concha do calçado bastasse a feguardalla do punçante das sylvas; os penhascos se alguma vez arrimo, hiaõ muitas a fer despenho, e já a fer arrependimento à Peregrina, que tendo aos olhos o rigor desta via, e nos ouvidos a murmuração daquella fonte, o que deixou com a execução, tornava a abraçar com o desejo: aonde vou, dizia ella, aonde me leva a faudade de hum Pastor, que não vi, e a faude de humas aguas, que não vejo, se primeiro que chegue ao anfiado Paraíso, perderey a memoria nos trabalhos, e a vida na sede, que caminho he este tão desabrido ao ver, tão pavoroso ao intentar, tão cruel ao seguir, aonde se contaõ pelos passos os desalentos, perdendo-se nos desmayos as esperanças; a meu vestido despedação as alpercezas, a meus cabellos quebraõ as esquivanças, a meus olhos cegaõ as sombras, a minha

vos prendem os affombros, a meus pés ferem as crueldades, e sente mais a minha vaidade os desalinhos, que os descommodos, mais se doe que das penaldades, dos desmanchos: eu entregar meu adorno à grossaria dos espinhos, meus cabellos à inconstancia dos ventos, meu caraõ às invejas do Sol, e ficar a huns olhos lastima, a outros zombaria, quando hontem tudo era zombaria a meus olhos, eu quebrar na delicada planta, por conculcar até na dura pedra, eu penetrar arrastada as asperezas, por fugir ligeira às lisongas, eu deixar as rosas, que pisava, por ser pisada dos espinhos, que bufquey, não, não he possível: perdoay-me, Pastor, que algum dia tornarey a buscar-vos com mais commodo para o caminho, e com menos pressa para a sede, que, ainda que vos repudio na inconstancia, vos immortalizo na memoria, tivera vosso Vergel outra via, que eu só bebera as aguas da sua fonte; mas já a do Bosque murmura minha ingratição, pois quando me convidava com lisongas, vê que a deixava com porfias: vamos pois, faborosas, ainda que mal prognosticadas aguas, a pro-

a provar vossos crystaes, não me pa-
gueis com o defengano e confiança.

Disse, e desfandando os seguros
passos, se tornou a atroxar aos pra-
ticados perigos, que dissimulados
aspides na lisonja das flores contra
a noticia dos ouvidos enganárao os
olhos. Trocou os caminhos, pizou
as rosas, medio a distancia, chegou
ao Bosque, em cuja entrada corria
a maliciosa fonte a crescer a ansia,
não a matar a sede. A's floridas mar-
gens sahio a receber a Peregrina
hum tropel de Nynfas, de quem po-
dendo o nome ser credito da belle-
za, foy alli a nobreza credito do
nome, tudo de fermosura, nada de
fer; pareciao as Nynfas Divindades
pelo claro feitas do crystal da fon-
te, ou que dellas tomara a fonte
tanto crystal: de muitas erao os ca-
bellos luz de rayos, de outras olhos,
e cabellos cor do Ceo, de algumas
cabellos, e olhos cor do campo, e
nesta differença, em que a natureza
as particularizou mais, não as en-
graçou menos. Era sua gala ló de
ouro,

ouro, menos braços, e peito, que estes
só vestiaõ de perolas; os cabellos borri-
fados de aljofar, os pés calçados de flo-
res, as mãos occupadas de conchas, e bu-
zios, em cuja madre perola traziaõ à Pe-
regrina a desejada agua, sendo offerta
de todas a que havia de fer aceitação de
humã: entoavaõ suavissima musica, cal-
mando os ventos, e desatando os montes
nestas coplas.

Parablen estas aguas,
O' soberana Dea,
Alcancen de tu boca
Rubies, corales, marfiles, y perlas.
Recibante las Nynfas
En su orilla serena,
Siendo embidia, y festejo
Naiades, Sirenas, Dryades, Napeas.
Para besar tus plantas
De sus margenes bellas
Corran a suspenderse
Girgeros, favonios, crystales, arenas.
En tu pié se transformen,
Quando a pizarlas llega,
En su punto de ambar
Hazares, amores, jasmynes, violetas.
B. Ve

Veas en sus espejos,
 Quando en ellos te veas,
 Narcizo de tu Cielo,
 Candores, luzeros, fargles, estrellas.
 Por este verde bosque
 En venatoria guerra
 Rindes de amor, y embidia
 Cupidos, Beldades, Apolos, Minervas.
 Sus flores te confagren,
 Por si assi no las dexas,
 Siendo prizion, e imperio,
 Cadenas, coronas, laçadas, diademas.
 Sus arboles frondozos
 En sus sombras amenas
 Te adormescan graves
 Passiões, cuydados, sentidos, idéas.
 Del nido de una rosa
 Te cante, a un que sin lengua,
 La Sirena del ayre. (chas
 Motetes, canciones, tonillos, endes-
 Para texerte alfombras,
 Si acaso te passeas,
 Sopleñ los ayrezillos. (quetas
 Almendros, naranjos, rosales, mos-
 Mirente desde lexos,
 Blandos en tu belleza,
 Partidos en tus rayos. (ras.
 Escollos, peñascos, montañas, y sier-

Callou o canto das Nynfas, e não houve Pastor tão grosseiro, Fanno tão sylvestre, Tritão tão bruto, que por ou villas de mais perto não deixasse cabana, cova, e rio. Chegárao todos á Peregrina a offercerlhe agua em buzios, e conchas, de quem as mãos pareciao as perolas, e ella namorada de tão apparente belleza, e obrigada de tanta cantada lisonja, quize-
ra que as ansias da sua sede pudessem esgottar o todo de seu offercimento, mas na capacidade de cada concha cabia mais de huma sede de agua. Não sey, nobilissimas Nynfas, lhes dizia a Peregrina, se por attenta ao vosso sacrificio me deixarey morrer de meu desejo, e excluindo o de todas, por não aggravar a de nenhuma, que melhor que com vósco ser ingrata, acabarey comigo ser cruel; todas me offereceis agua, e eu só de huma posso admittilla, e já pudeço mais na duvida, que na sede; e pois só bebendo na fonte, bebo de todas, sendo a fonte vossa, me arrojo sem mais ceremonias a seus crystaes, e agradecey-me a sede, que me fica de vossas mãos. Disse, e chegando á fonte bebeu seus perigos, tão segura,

que não houve mister mais, agua contra o fusto, e hydropica daquelles crystaes ao depois de bebellos ficava a desejallos, com que não acabava de bebellos; nesta satisfação repetida, e nesta ansia continuada levantou os olhos ao Bosque, dilatando-os por sua capacidade, e namorada delle em virtude de sua fôrte dizia assim.

Gof-
tando
a Al-
ma
das
deli-
cias do
Mun-
do, se
namo-
ra del-
le.

Enge-
nada a
Alma
nas de-
sicias
da Mãe
do de-
seja fi-
car se-
pre lo-
gran-
do ar.

Oh que arvores tão soberanas por activas, que flores tão maravilhas por fermosas, que frutos tão appetecidos por excellentes, que sombras tão aprasiveis por seguras, que luzes tão estrellas por ditosas, que ares tão mansos, que zefyros tão brandos, que aves tão musicas, que fragrancias tão suaves, oh quem ficára perpetua destas flores, Nynfa destas aguas, Diana destes Bosques, aura destas sombras, Venus destas luzes, e destes ares Filomena! Não passe daqui minha peregrinação, que esta he a Patria do gosto, senão do fer; aqui Caçadora quer ferir ao bruto com as frechas, ao racional com

os olhos ; aqui Nynfa quero refrescar as flores com os crystaes, e abraçar os penhascos com a belleza ; aqui livre quero seguindo aos cervos na carreira fazer parar os rios na suspensão ; aqui altiva quero pizar as maravilhas por soberba , e coroarme de rosas por galantaria ; aqui pratica persuadirey as pedras com a eloquencia , polirey as cortiças com o concerto , e finalmente aqui fico a lograr delicias do Bosque até que busque nas asperezas ao Vergel.

Assim arreoava a Peregrina, quando arrojado tiro lhe arrancou o coração só com a voz, sentio que lho tirava do peito, já lho dizia a dor, já o fusto, já a afflicção, que em hum instante pode affligilla, e deixalla, e cobrada de tão repentino sobresalto olhou, e vio a hum Caçador mancebo de galharda presença, semblante aprasivel, olhos lisongeiros, gentil parecer, fazia gala o abrigo de hum tacação verde o panno na cor, vario no forro, que delle era a

Vai-
dades
da Al-
ma no
Mun-
do.

O Ma-
do.

seda furtacores, os botões, que bri-
 lhantes o favoreciaõ, feriaõ na luz
 do ouro a luz da vista, a carapuça
 coroa de flores, e de plumas, que
 a vaidade, e a inconstancia trazia
 sua estimação sobre a cabeça; fez-
 se objecto aos olhos da Peregrina, a
 qual reparou que descançando ao
 hombro o instrumento do seu tiro,
 prendia nelle a hum ferido coração.
 Que he isto, disse ella assustada, foy
 por ventura aquelle tiro vosso; e he
 por desgraça esse coração meu, que
 conforme ao sobressalto, que dei-
 xou seu grito em meu peito, pois
 não podia sentir mais, não posso cui-
 dar menos? Cuiday tanto, respon-
 deu elle; que para valer a fineza,
 me he forçoso confessar o delicto:
 avistey-vos neste Bosque, Peregri-
 na, e desejando-vos nelle natural,
 vos roubey o coração para o Bosque,
 porque assim não pudesteis deixallo,
 que he grande penhor o coração; se
 foy rigor contra vossa belleza, foy
 piedade para meus olhos; perdoay,
 Senhora, a grossaria de quèrer pri-
 meiro

List-
 jas do
 Mun-
 do.

meio morrer a vossas iras, que á minha saudade, e se attendeis ao que vos usurpey, lá vos fica coração por coração.

Caçador, respondeu a Peregrina, tão satisfeita me tem a fermosura deste Bosque, que antes de vovos lhe dava meu affecto o coração, mas depois de ouvirovos lhe dá minha vaidade as costas; porém não sey que impulso, se benigno antes, violento agora, me obriga a ficar nelle, será estrella desta verde esfera, que melhor que vossa setta, me podia inclinar seu astro. Neste Bosque, disse o Caçador, eu só sou o destino, não ha férra, não ha ave, não ha bruto, não ha racional tão obediente a outra estrella, que não fique fugeito a meu impulso. A coroa da cabeça do Leão segue arrastada neste Bosque meu imperio, a tímida condicção do Cervo se faz ira aos fogosos exemplos do meu brio, ficando desta sorte o Cervo Leão, o Leão Cervo, a voracidade do Lobo se aqui executa os estragos, aqui tambem acha em meu poder os castigos, à paz da Ovelha ao fumo de meu alento faço colera, deixando assim

Ovelha com as condições do Lobo; ao Lobo com os perigos da Ovelha; à candida pureza do Arminho, se não nos dezaceyos do lodo, faço manchar nas sombras do Bosque, por não izentar a meu poder o seu melindre, e por riso das flores tal vez obrigo a ascarosa condição do Javali a que faça empenho de hum fonte, ficando o Arminho maculado na sombra; e purificado o Porco no crystal; da ave o remontado voo abate as azas à minha sujeição, trocando sua inclinação a meu dominio; a Filomena, que em outro lugar cantava a hum tragedia de fenganos, aqui à belleza das flores canta lisonjas; a Aguia, que nos fumos de penetrar o Sol levantava o voo, aqui escondendo-lhe o Sol, a cego nos fumos; ao Chamariz, que chama em seu favor aos arés, aqui não deixa liberdade para os voos; ao Solitario, que estuda a não falar em seus retiros, aqui o faço cantar em minha esfera. Assim dos brutos sou, ò Peregrina; destino fero, e assim dos racionais sou fatal Estrella; à Nynfa, que nestas aguas quando escondida congela o peito, faço que nestes Soes quando manifesta

nifesta abraze o coração ; sendo perigo
 a luz , seguro o pego ; o Satyro, que syl-
 vestre ou he tronco com alma , ou pare-
 ce que fez a alma de hum tronco , não
 tendo ser para entenderse , abre aqui os
 olhos para namorar-se , e perdido na bel-
 leza das Nynfas não faz memoria do
 que foy , por fazer vontade do que he ;
 ao Pastor simples mando estudar enredos
 nos labyrinthos , à Fé lavradora incons-
 tancias nas flores , e finalmente ao passa-
 geiro estranho naturalizo neste paiz , tão
 proprio , que só da sua patria parece
 alheyo ; com que às feras , às aves , às
 Nynfas, aos Satyros, aos homens sou des-
 tino , guiando meu poder sua fortuna, e
 coroando hoje todas estas grandezas meu
~~giz~~ com vosso coração. Falava o Caça-
 dor, e a Peregrina às memorias do Pastor
 desnatural a furto de tanta izenção pro-
 fessada ; o escutava com huma attenção
 affectuosa ; admirada das suas razões, cre-
 dula a suas grandezas , e namorada da sua
 gala , introduzindo-se por ouvidos , e
 olhos veneno, que fobrava a hum senti-
 do para huma morte , e dissimulando o
 accidente lhe respondeu.

Do-

CAPITULO III.

Descrevem-se as condições do Mundo significado no Bosque, neste, he mostrado à Peregrina o primeiro Idolo Nobreza, a namorada da sua soberania, corre a desenganar significado no rio a desenganalla.

Theatro verde de fingidas esperanças, fatal cetro de traições dissimuladas, opaca sombra de cuidados adormecidos, tarefa incansavel de divertimentos loucos, apparente Ceo de Estrelas caducas, fragil Paraíso de flores envenenadas, mappa de labyrinthos, capa de fingimentos, aonde toda a flor fallava lisonjas, toda a fonte ensinava murmurações, toda a ave cantava enganos, toda a arvore mentia altivezas. Alli fazia o Alemo escola de inconstancias, aonde queria aprender até o Carvalho, e houve penha vizinha, que se temeu ao contagio dos ares, como se achariao as firmezas aonde as pedras receavao as mudanças; alli a Palma negando ao agricultor o fruto, quando lhe devia a pompa, da-

dava exemplo de ingratitude, sendo symbolo de vitoria, porém não lhe estudava a vitoria, e só lhe imitava a ingratitude, tal era a condição deste paiz; alli a Faya elevava sua altiveza até as nuvens, e tendo na terra as raizes, queria ser no Firmamento a coroa; plantas humildes já à sua imitação desvanecidas ainda sem se poderem medir com as flores, já se querião levantar com as Estrelas, e desta soberba da Faya fez gala toda a capacidade do districto; alli o Limoeiro nas entranhas do mesmo pomo manifestava o agro, e o doce da sua condição, não sendo hum mesmo, nem no mesmo que era hum, e à sua imitação todos alli pareciaõ outros; alli a Oliveira, porq̃ vivia de pacifica, se motejava de cobarde, à arvore do Paraizo lhe desconheciao o nome da patria, e só lhe conheciaõ a lisonja da flor; alli o Acipreste fazia sombra à alegria das rosas, mas nem assim lhe fazia desengano, mais de sua presumpção que de seu aviso fiavaõ das cores, o que não desconfiavaõ da duração; alli a Murteira era adorada por prenda de Venus, e não aborrecida por mágoa

goa de Flora, que como idolatrava a Faya, não temia dor; alli a Azeiteira, a quem lhe pedia humma folha, rendia toda a gala; e até as Nynfas espreitando-lhe o exemplo lhe tomavaõ a lição, taes eraõ daquelles crystaes as Nynfas; alli a Romeira para coroar as soberbas conservava as coroas, e com tudo lhe faltavaõ as coroas, porque eraõ mais as soberbas; alli o Freixo fugindo à constancia das pedras, buscava affento junto à inconstancia das aguas, deixando humma lição de eternizar-se, por não perder humma occasião de ver-se, ignorante Narciso, que por olhar a gentileza descuidava a vida; alli o Loureiro por favorecido do Sol era inveja das sombras, sendo aquelle rayo, que o não feria, o incentivo, que o malquistava; alli o Espinheiro se mostrava armado não a defender as flores, mas só a lastimar as vidas; alli a Giesteira mentia esperanças, e produzia desesperações; alli a Mosqueta era cuidado, o Cravo guerra; o Jasmin perigo, a Rosa engano, o Amor mentira, o Gyrafol idolatria, o Lirio delirio, a Chaga dor, a Margarita falsidade, o Goyvo hypocrizia, a Violeta pai-

paizão, o Jacintho ciume. Este era o Bosque do Caçador, vejamos quem he o Caçador do Bosque.

Era o Caçador hum homem de *Tam-*
pouco ser, e de muita soberba, de *bem o*
muita lisonja, de nenhuma verdade, *Mun-*
de muito estroendo, de nenhum fun-
damento, na apparencia tudo, na
realidade nada; seus divertimentos
eraõ loucuras, suas resoluções in-
constancias, suas promessas menti-
ras, suas liberdades enganos, seus
extremos fatalidades. Deste Bosque,
que a elle de poufada, e aos mais
servia de labyrintho, sahia a enga-
nar já ao descuidado peregrino, já
ao innocente passageiro, desvian-
do-os do caminho do Vergel, para
perdellos nos entados do Bosque;
alli os deixava a adorar seus Idolos,
e fazer gosto da idolatria com o es-
quecimento da jornada, parando
miseraveis os que caminhavaõ ditos-
los: já a estes enganados duplicava
nossa Peregrina o numero, que dos
enganados o numero sempre se du-
plica, e entregue às lisonjas, e aos
des-

despenhadeiros do Bosque, Nynfas, e Caçadoras, começou a discorrer por aquellas estancias floridas, aonde mais que as folhas havia enganos, porèm alli até dos enganos se fazia folha. Levaraõ-na a ver a primeira Divindade do Bosque, e chegando reverentes a seu culto, prostradas as Caçadoras adoráraõ com affecto verdadeiro a Divindade fingida; era o Idolo huma mulher magestosa, grave, severa, no olhar tão arrogante, que parece lhe sahia a soberba pelos olhos, mas tornava-lhe a entrar pelo coração: vestia de huma delicadissima tela cor de purpura, tecida a partes em coroas de prata, o toucado rematava em altissimas plumas, no peito prendia hum Pelicano de diamantes, não como em outras partes jeroglyphico do amor dos pays, que aqui só dava o sangue aos filhos para darlhes a entender com o sangue que só da sua nobreza podiaõ sustentar os seus alentos: fazia culto à falsa Deusa do que humas Romeiras faziaõ sitio, e à sombra destas contava pelas coroas das romans as da sua ascendencia; logo de mulher vaidosa passava a Deusa mentida, ficando assim indigna

digna de mulher , e só capaz de vaidade. Quem he , disse a Peregrina , esta Deusa, que lhe respeito a Divindade, e lhe ignoro o nome? Quando for a invocalla minha fé , não quero deixar queixosa minha voz. Aqui soltou a sua o apparente Idolo , e respondeu assim à Peregrina.

Yo la Nobleza soy ,

Que en folio sacro (los años.

Doro los Segres, luzo los dias, lustro

Queda con mi esplendor

Por más espanto (el Sol opaco.

La Luna impura , la Estrella turbia,

No llega a mi altives

Por encumbrado (ave bolando.

Monte creciendo , humo subiendo ,

Es para mi grandeza

En sus espacios

. (el mar un átomo.

La tierra un punto, el ayre un soplo,

Para assentar mis huellas

Miro muy baxos (elevado.

Celeste cumbre, altivo folio , throno

Para adornar mi templo

Es poco fausto (do.

Hilada seda, texida plata, oro labra-

A guarnecer mis plantas

Llegan varios (mante claro.

Rubi precioso, perla custosa, dia-

No se esconde a mi antojo,

A unique liviano, (pez en lago.

El ave en nido, el bruto en cova, el

Por servir mi Deidad

Gimen sudando (sabio.

Guzano util, rustico simple, maestro

Aromatico culto

Es mi olfato, (Abril cortado.

Nardo esprimido, ambar molido,

Para elevarme estatua,

Fragil hallo (ro alabastro.

Constante bronze, robusto azero, du-

Y al fin a mi obediencia

A los humanos (no Astro.

Sugeto Reyna, obligo Diosa, incli-

Callou a falsa Deusa, deixando à Pere-

grina hum reverente obsequio a seu cul-

to, o activo affecto a seu trato, e a No-

breza, que ainda sem ser Divina lhe adi-

vinhava os pensamentos, se he que lhos

não vio pelo crystal da testa, quiz pagar-

lhos, offerecendo-lhe hum coroa das

flores de mais gala, e mayor soberba:

foy a Peregrina alegre a pegar della, mas

bus-

búseou coroa, e tocou nada; vista era coroa, palpada era ar, aos olhos facil, à mão impossível; e porfiando a Peregrina em vencer este, advertio que do mais alto do Olympo se despenhava às inferioridades do Bosque hum rio tão claro em suas aguas, que as pode converter em desenganos, e fazendo-se em pedaços por lograr avizos, murmurou assim.

DESENGANO I

Quem es tu, ó Nobreza de ser humano, sendo de humano ser; como te levanta tua soberba às Estrellas; quando no lodo podes manchar o Firmamento, pois nem o aço de tua arrogancia bastou a gastar o aço de teu principio; porém tu tiras os olhos do que começaste, e por isso te persuades a que creceste; aonde está esta grandeza, de que te jactas, se para a duração cabe em hum instante de tempo, se para o lugar caberá em dous palmos de terra? Respondes-me que te alargas em quem te deixas, e em quem te deixas, já que me respondes? Deixas-te em quem por her-

darte ser tão pouco, não póde passar de
tão pouco ser, deixas-te em quem por
herdarte os perigos, se hade estreitar às
fragilidades; deixas-te em quem por her-
darte tão pouca vida não póde desaggra-
varte das injurias da morte; deixas-te
em quem por herdarte as condições de
barro, te não póde satisfazer as queixas
da duração, e finalmente deixas-te em
outra tu, que quando mais, não póde ser
menos; pois, se isto he assim, ò Feniz
de misérias, quanto melhor te estava ser
mariposa de luzes? Melhor te estava, ò
mulher Nobreza, acabares tua vaidade
às luzes de teu desengano, que renasce-
rem tuas presumpções à custa de teus es-
carmentos. Dize-me aonde fazes teus
fumos, se he que os não levantas de teu
pó, pois tal he teu desvanecimento, que
atè do pó levantarás os fumos, e nem a
tua vileza perdoará assim tua vaidade, e
sendo esta vento para despenharte, a fa-
zes azas para subirte. Dize ao nobre que
nasça como nenhum, que cresça como
só, que acabe como unico; mas se o no-
bre nasce pranto, cresce perigo, acaba
desengano, de que se desvanece o nobre?

Olhay

Olhay para o seu berço , achareis lagrymas , para o seu palacio , vereis sobressaltos , para o seu sepulchro , descobrireis horrores , e ainda que ao sepulchro levantem marmores , ao palacio ennobreçam titulos , ao berço cubraõ purpuras , dizey-lhe que isto he o que tem de seu , e aquillo he o que tem de si , mas esquece-se elle do que tem de si por se lembrar do que tem de seu .

Se choras, Nobre, ao nascer as misérias , para que nascees , porque te não lembras destas misérias quando vives ? Lamentas teu mal quando sem entendimento , descuidas-te de reu mal quando com razão , e não advertes que este he o mayor mal ; ao nascer choras tua fragilidade , ao viver procuras tua adoração : se perguntares ao que choras pelo que procuras , primeiro choras-te perigo , ao depois fazes-te Divindade , sem advertires que ficou desmentida tua Divindade em teu perigo ; como queres cultos de Divino ao durar , se trouxeste sentimentos de humano ao nascer ? Mal pôde tua soberba endeofarte , se tua mortalidade hade consumirte ; não porfies ,

ò Grande, em fer Idolo ; que o que hoje he sacrificio , à manhã será fogo , e assim te abrazarão teus sacrificios ; fumos em tua vida para a presumpção , incendios em tua alma para o castigo ; entraſte no Mundo chorando-te , e cresces no Mundo desvanecendo-te , quando ignorante como quem ſabe , quando ſabio como quem ignora , mas tu fizeste de tua razão malicia , por iſſo fazes de teu pranto innocencia ; bem ſabes , ò miseravel Soberano , que choraste ao nascer como menino , porém que de menino não choraste , olha , e teme que nasceſ pranto para durar ſuſpiro ; mas tu deſcuidas-te de teu lamento paſſado , porque deſprezas teu perigo presente ; ſendo aquelle lamento eſte perigo ; nasceſ com fragilidade de vidro ; vives com confiança de bronze , dize , ò Grande , quem te deu tanta confiança ? Que queira fazer tua culpa o que não póde fazer tua natureza ! Se vives para viver , trata-te como eterno , ſe vives para morrer , ve-te como mortal , não procures encobrir com as vaidades os deſenganos , que iſſo he querer dourar as ſombras , e eſconder as

lu-

lizes, olha que defenganos diffimulados são enganos conhecidos. Todos teus borcados não podem encobrir tua vileza, todos teus diamantes não podem desmentir tua fragilidade, toda tua arrogancia não pôde affugentar teu risco, todo teu ouro não pôde dissuadir teu pó, toda tua prata não pôde esquecer teu lodo, todas tuas perolas não podem desviar tuas lagrymas, todo teu fausto não pôde diffimular tua miséria, todo teu titulo não pôde dourar teu fer, todo teu palacio não pôde escusar tua tumba, toda tua purpura não pôde desterrar tua mortalha; como fazes logo tua soberania do que não podes desfazer tua baxeza, levantando-te em cabeças de ouro, quando te não podes segurar em pés de barro, que importa, ó Nobre, que a vida te trate como grande, se a morte te ha de tratar como pequeno?

Descuidas-te do teu fim, quando para teu fim caminhas; quem continuando a jornada, se pôde esquecer do termo della, senão aquelle, que delirante perdeu o entendimento na jornada? Porém tu, a quem tua vaidade tem louco,

esqueces-te do termo, porque perdes a razão; sabe pois que cada passo, que dás, ainda sendo para teu divertimento, o dás a teu sepulchro, cada Sol, que se põe, te diminue as luzes da vida, cada sombra, que se te passa, te avifinha às sombras da morte, e finalmente cada respiração, que tomas para viver, te põe mais perto de acabar, persuade-te, ò Grande, a que chegas, e não a que sobes; mas tu nem a que sobes, nem a que chegas te persuades, cuidas que paras a não poder ser mais, e corres, miseravel, a não poder ser menos; à tua fantástica grandeza responde Alexandre, que não coube no Mundo, e coube na sepultura. Se o fingido Deos da Monarquia aerea se lembrára da sua presumpção, muito dilatára seu imperio, trinta e dous ventos contou em sua Região, trinta e dous mil acharia em tuas vaidades, e o peyor he que fias do vento. Os Gigantes fabulosos levantáraõ montes sobre montes para subir, mas tu levantas montes sobre ares para estar, com que he mayor tua loucura que a dos Gigantes.

Fazes teu merecimento de teu nome,
quan-

quando só devias fazer teu nome de teu merecimento ; tuas obras haviaõ de ser tua nobreza ; que não ha mayor nobreza, que a de bem obrar, mas fidalguias no sangue, e vilezas na alma, he querer ser tudo na terra, e nada no Ceo, assim escolhes cego fazendo-te fidalgo de tempo, e vil de eternidade, tua soberba não passa de tua vida, e he mayor desgraça de tua soberba ; neste Mundo fazes fantasia de ser mais, no outro não fazes descredito de ser menos, aqui queres exceder aos mayores, lá não tratas de te igualar aos grandes, aqui desejas tocar com o dedo nas Estrellas, lá não reparas tocar aos abyssos, tão pequeno es, ó Soberano, que ainda em tua soberba não pudeste ser grande. Nobreza, nobreza, não está teu ser em ascendencias passadas, está tua realidade em virtudes presentes ; se se ensoberbece a Magestade de teus mayores, levanta as pedras a seus munumentos, e alli verás quem foraõ teus mayores, e os que tem sido engano, fiquem teu espelho. Se te desvanecem teus titulos, saõ para a vaidade nomes dourados, porèm para a valia

lia não podem fer outro de nome : se te ensoberbecem teus Estados , são muitas leguas para o cuidado , e mais dous palmos de terra para a soberania , se te en-deosa tua estimação , he huma adoração , que te mente idolo , mas não he adora-ção , que te desminta humano ; se te en-louquecem tuas galas , são tarefa de bi-chos tecida em vaidade de homens , se te elevão tuas riquezas , são cabedal , que te não póde comprar mais duração , e só te póde valer mais fantasia ; e finalmen-te , se as riquezas , as galas , os Estados , os titulos , a estimação , e a fidalguia te ensoberbece por fer da vida o melhor , olha que o Sabio dos homens chamou a tudo o melhor da vida vaidade de vai-dades ; a virtude he , ò Nobre , a que pó-de eternizar tuas coroas em melhor Rey-no , fazer perpetuar tuas memorias em melhor fama , levantar teu mausoleo em melhor pyra , elevar tua estatua em me-lhor nome , dilatar tua soberania em me-lhor dominio , duplicar teus titulos em melhor Corte , conservar tuas riquezas em melhor erario. Queres fer grande , ò Nobre ? Sê Santo , que só sendo Santo fe-rás

rás grande. Callou o Rio o fatal defen-
gano não voluntario, mas respectivo,
vendo que do Olympto até o Bosque me-
dia os ares Orfeu de penna com corpo de
ave, voz doce, gala de neve, conceito
de luz, e cantou assim.

Vana deidad Nobleza,

Solo de verte está

Democrito a reir,

Heráclito a llorar.

Tu pompa con el viento

Hey hé visto pezar,

Y siendo el viento nada,

El viento pezo más.

Si tan poco, Nobleza,

Vale tu vanidad,

De lo que hazes tu ayre,

Puedes hazer tu ay.

Mas tu locura es tanta,

Que en tal fatalidad,

Viviendo entre suspiros,

No sabes suspirar.

Que es tu lustre de Estrellas

Sobervia informarás,

Y robas lo Celeste,

Por luzir lo mortal.



Espera un poco , y mira,
Mas ay dolor fatal,
Que esse poco no fé
Si puedes esperar.
Tu ser , y fantasia
En ti luchando estan,
El humo por subir,
La tierra por baxar.
Si forda al dezengano
Dudas de la verdad,
Pregunta a lo que fuiste,
Y ve lo que serás.
Y tanto me lastima
Tu loca ceguedad,
Que , si llorar supiera,
No bolviera a cantar.
Vanidad , vanidad,
Falsa nobleza , prevencion fatal,
Si no puedes ser menos,
Como puedes ser más?
Vanidad , vanidad.

C A P I T U L O . I V .

Em que a alma he levada ao segundo Idolo do Mundo Ferosura, e indo a cegar-se em suas luzes, a soccorre o Desengano com suas vozes.

A Peregrina, que já adorava reverente a primeira Divindade do Bosque Nobreza, trocando o nada da sua coroa na que se lhe offereceu, ouvindo o menos de seu sen no que se lhe murmurou, advertindo-a corrida no que fugio, de todas estas circumstancias fez hum motivo para deestimalla, deixando-a para fantazia, sem buscalla para Divindade; e querendo arguir de sua falsidade as Caçadoras, e Nynfas, se achou só com a queixa, porque não vio a quem fizesse o queixume: adiantou o passo, passeou os olhos a ver se as encontrava, e a pouca molestia da planta, e menos fadiga da vista as descubrio devotas ao segundo culto de tão indigna Deusa. Era esta huma bellissima mulher, com quem as três Graças erão huma inveja, sendo
 ser

seus olhos huma esfera de luzes , sua boca hum thesouro de rubins, sua brancura huma alva de açucenas , suas faces hum Abril de rosas , seu composto hum todo de perfeições ; vestia cor celeste , porque em tudo se fingisse Celestial, de prata em corações partidos guarnecia a gala , que esta mulher fazia gala de partir corações ; o toucado brincava em mariposas de ouro , que se lhe hiaõ queimar às luzes dos cabellos ; no peito prendia hum espelho , de donde a espaços o trasladava aos olhos saudosa de verse , porém não tinha saudades de presumirse ; fazia esfera de hum bellissimo rosal, luzes e flores mostravaõ tanta fermosura , que aqui se desdenhavaõ de servir as Estrellas , sendo da Magistade a melhor purpura , do coral a melhor folha , do sangue de Adonis a melhor tinta , e à Divindade, a quem teciaõ solio de tanto nacar , a melhor perola.

A Peregrina , que escarmentada ao primeiro Idolo dava costas , agora namorada já ao segundo fazia rosto, perdida pela belleza que via, já não formava idéa no desengano , que deixava , e mariposa daquellas

quellas luzes caducas se arrojava a to-
callas persuadida da sua devoção, quan-
to esquecida da sua fé. Quem es, ó sobera-
na Deusa, lhe perguntava; cuja belleza
faz Paraíso deste Bosque, Céu deste ver-
de, luz desta sombra? Responde a en-
deusada humana, sendo partido cravo
fragrancia aos Zephyros, prisaó aos ven-
tos, noticia à Peregrina.

Yo soy aquella Deidad,

Que al Cielo hurtó las Estrellas,

Al campo robó las flores,

A los mares las perlas,

A Jupiter los rayos,

Al Amor las saetas.

Soy madre de amor por Venus,

Hija de amor por belleza,

Reyna de amor por imperio,

El mismo amor por fuerza,

Que el por mis ojos tira,

Y yo veo por sus flechas.

De mi belleza en las lizas.

Aciende amor sus hogueras,

Porque el mismo amor no arde,

Si en ellos no se quema,

Incendio, incendio, adonde

El fuego es la materia.

Baran los Dioses por verme
 De las esferas supremas,
 Y aquel que llega adorado,
 A adorarme se queda,
 Que a merecerme humana
 La misma Deidad ruega.
 Soy el Cielo de la vista,
 Quando a mirarme se eleva,
 Mas si de los ojos gloria,
 Tambien del alma pena,
 Que lo que es luz a ellos,
 Es solo fuego a ella.
 Soy el incendio de Troya,
 Porque quando se fomenta,
 No fuera Troya cenizas,
 Si yo las luzes no fuera,
 Y en ellas arden Paris,
 Y renacen las Helenas.
 Soy el desvelo de Apolo,
 Quando pastor galantea,
 Que el Sol por arder en mi,
 De abrazarse en si dexa,
 Y duplica los rayos,
 Trocando las esferas.
 Soy quien al Leon Thebano
 Afeminò la braveza,
 Mudando valor de rocas

En el uso de rueca,
Quando amor hazer supo
Hilo de la cadena.

Soy quien a moverte fiero
Quebranto la resistencia,
Azero, que es a Cupido
Espejo de sus fuerças,
A do Venus se alina,
Y Vulcano se afrenta.

Soy quien al tonante rayo
Transmuto la luz severa,
Quando el oro servio sombra,
Que la luz le acautela,
Fino con la Deidad,
Falso con la belleza.

Soy quien al lobrego Dios
Aclaro la sombra averna,
Quando de una Luna hurtada
Hizo una luz perpetua,
Que hay luz, que hasta el Infierno
Alumbra quando quema.

Soy la herida de Cupido,
Quando de Siques se acuerda,
No hallando en su essencia misma
Favor contra su essencia,
Porque quando amor mata,
Tambien de amores muera.

Soy la Anaxarte de Isis,
 Impenetrable dureza,
 Adonde hermosas embidian,
 E ingratas escarmentan,
 Mas luego bolví fuego,
 Si alli feneci piedra.

Soy de las Diosas los zelos,
 De Jove la ardiente empreza,
 A donde Juno se abraza,
 Y Calisto se yela,
 Y alli Deidad suspira
 Lo que muger desdena.
 Y al fin la hermosura soy,
 An si declararlo puedo,
 Porque a la belleza solo
 Decifra la belleza,
 Que el Cielo solo puede
 Del Cielo ser idèa.

Callou a bellíssima, se bem mentida; Deu-
 fa a metrica voz de sua soberba informa-
 ção, e tirando do Céu de sua esfera hu-
 ma Estrella de suas rosas, lisonjeou com
 ella a Peregrina, deixando-lha, quem o
 duvida, por retrato de sua fermosura,
 tão bella a rosa, que se atreveu a fingir-
 se copia daquelle original; pegou della
 a Peregrina, e levantando os olhos a Dea
 pa-

para agradecerlhe o florido favor, ao tomallos com brevidade à Rainha do prado, achou sua gala murcha, sua belleza affeada, seu nectar cardeno, e finalmente flor cadaver, que alli já se via sómente o cadaver da flor, sendo só a hum virar de olhos o mayor escarmento do campo a que foy a mais garbosa rosa do Abril: admirou a Peregrina na pouca duração da sua belleza a brevidade da sua morte, e querendo communicar este reparo com o Idolo, achou as rosas, que guarnecião seu culto, cuja cor prometia vida de muitos Soes, participada a mudança da primeira em tão poucos instantes, todas defengano, rosas nenhuma, neutral a Jovem vacillava entre os agrados da fermosura, e os avisos das flores; quando segundo despenho do Olympo no mesmo fio, se em outro defengano, assim murmurou com linguas de prata, aonde se não introduzio liga de lissonja.

DESENGANO II

Quem te elevou, ò pedaço de terra, a mentirte verdade do Ceo, que tens do Ceo para competillo, ou que tem o Ceo de ti para assemelharte? Não es Sol, porque o Sol nasce do seu occaso, e tu não hasde tornar do teu sepulchro; não es Lua, porque a Lua padece seus eclipses por accidente, e tu a qualquer accidente verás final eclipse: não es Estrella, porque hasde cair antes do dia do Juizo, e póde ser que seja teu juizo neste dia; não es regozijo, porque quando gloria de quem te vê, es logo Inferno de quem te ama; não es Serafim, porque ainda sem medir as mais desproporções os Serafims vivem de amar, e tu vives de amante; não es paz, porque da guerra alhea fazes a vitoria propria: não es bem, porque nascees a crescer mal: não es seguro, porque vives perigo; não es eternidade, porque só duras inconstancia: se pois, ò fermosura, não es Sol, Lua, Estrella, Serafim, gloria, paz, bem, seguro, eternidade, que tens de Ceo fe-
não

não o nome, que te deu teu desvanecimento: este chamá-te Ceo, o desengano chama-te flor, e certo que nem o desengano te acertou o nome: a efímera mais caduca da Primavera, ou já preza à esfera propria, ou já lisonja na mão alheia, tem de vida a idade de hum dia, e tu na incerteza de hum dia não tens de seguro nem hum respiração; a flor aquella pouca duração tem-na de posse, a fermosura nem duração tão pouca pôde ter senão em esperança; a flor logra hum seguro breve, a fermosura nem hum engano dilatado; a flor sabe quanto vive, a fermosura não sabe quando morre; a flor corre as suas horas sem sobresalto, a fermosura nem os instantes piza sem susto; a flor olha para o seu tempo como seu, a fermosura para todo o tempo deve olhar como alheio, com que excede muito a flor à fermosura; senão es pois nem o que te chama o desengano, como serás o que te chama a vaidade: consultas com teu espelho teu ser, e não advertes o que te dissimula teu espelho; tu perguntas-lhe o que es, elle diz-te o que pareces, e tu cuidas que o que pareces he o que es;

mostra-te, as boas cores de tua belleza, esconde-te o achaque de tua fragilidade, e correndo tua fermosura a morrer, te persuade que para a matar; se o buscares, fermosura, como defengano, não te falará como espelho: bellezas do Muudo, até dos espelhos fazem os defenganos, e se vos não tratarem como crystaes, quebray-os como vidros; sayes pois de teu espelho huma Divindade presumida, aonde a idolatria te deixa huma Divindade lisongeada, sem advertir que te busca humana o mesmo, que te appellida Divina; só Deos foy Deos, e homem, e tu, fermosura, queres ser mulher, e Deusa, o que póde unir seu poder, quer aqui vincular tua presumpção, grande presumpção a que se atreve ao poder de Deos, essa foy a que lançou a Lusbel no abyssmo; tem-te, fermosura, que elle tambem era Anjo de luz.

Naõ das credito à tua realidade, por dar ouvidos à tua lisonja, e quizeras desfazerte de teu ser, por te fazeres de teus hyperboles; teu ser he hum pouco de pò, teus hyperboles hum muito de mentiras, e melhor te está, ò fermosura, que tua

tua mentira tua terra, esta cuidada pôde valerte hum defengano, aquella escutada pôde levarte a hum precipicio; cerra pois os ouvidos à lisonja, que te despenha, abre os olhos à miseria, que te compõe, e porque primeiro que em tua apprehensão a vejas, em minhas vozes ouve qual he tua miseria: sabe, belleza, que toda a cor de tua fermosura não he mais que huma dissimulação de cáveira, essa graça, que representa tua vida, he só hum veio, que esconde tua morte, defengano cuberto de flores, horror embuçado de luzes, e que estando tua cáveira por alma de tua fermosura, te esqueças por tua fermosura de tua morte, isto he adorar o engano sobre o cadaver, quanto melhor te fora adorar a verdade debaxo do engano. Se tua belleza em sua luz attrahe tanta borboleta errante a consumir-se, a manhã em seu occaso chamará bicho faminto a sustentar-se; se agora a mariposa rodea a chamma, ap depois o bichinho buscará a cinza, senão podes renascer da cinza, porque fazes, ó fermosura, caso da chamma? Viver com estimação de Feniz, e

com perigo de belleza he passar-se a belleza à ignorancia do Feliz, e não à duração, e tomas assim da ave o bruto, e não o perduravel; desprezas pela fermosura a razão, com que fazes semrazão a fermosura, isto he fazer da graça culpa, pois a tornas culpa, quando a recebeste graça, e porque não premeditas, ó belleza, que não podem as estimações da vida livrarte das injurias da sepultura, e que se hoje não basta tanto racional a adorarte, à manhã fobrá qualquer bichinho a offenderte; dize pois àquella idolatria que te livre desta fatalidade, e se o seu affecto te não póde valer na morte, de que te serve o seu affecto na vida? Quando, ó fermosura, te exeluas das fadigas da Parca, como te hasde izentar dos estragos do tempo, se passada a primavera de tua perfeição, o que hoje he em tua belleza saude, à manhã será em teu espelho saudade, e os mesmos dias, que gastas em desvanecerte, são os proprios, que gastas em diminuirte, o tempo consome-se em desenganarte, e tu em enganarte consumes o tempo; mas nesta encontrada porfia hade ceder tua
tei-

~~Quem~~ a seus rigores, ficando por des-
pojo tua fermosura: faze pois escarmen-
to de tua razão, não esperes a fazer teu
desengano de teu desengano, que o pri-
meiro he voo do entendimento, e o se-
gundo vagar da ignorancia, e se tua bel-
leza porque hade ser nada ao depois he
nada agora, se a vês agora, seja con-
templando-a como ao depois, busca-lhe
as luzes só para lhe penetrares as cinzas,
e assim no que te encontrares fea, te fa-
rás sabia: Bellezas humanas, desenganay-
vos, antes que vos desenganem, fazey
já por vontade o que hade ser logo por
força, olhay que está a vossa vida a-
meaçada de duas mortes, e que são mui-
to duas mortes para huma vida: quem,
ò fermosura, te chama luz, bem sabe que
fogos como sombra, quem te nomea ma-
ravilha, bem sabe que duras como ro-
sa, quem te appellida diamante, bem sa-
be que estalas como vidro; quem te in-
voca Estrella, bem sabe que influes des-
graça; quem te compara gloria, bem sa-
be que te desvaneces suspiro, e quando
não tiveras mais mal que o de fazeres
mentirosos, eras, ò fermosura, grande mal.

Que

Que deixas aos seculos vindouros, def-
fa tua perfeição presente, por ventura
podes repartir o thesouro de tuas gra-
ças às idades futuras? Não, que com ti-
go sepultas tuas graças: a belleza mais
celebrada nas Historias Sagradas foy a de
Raquel, a fermosura mais memoravel nas
narrações profanas foy a de Helena, e se
de Raquel não ficou huma luz, se de He-
lena só ficou huma cinza, que valeu a
Helena o abraçar com suas chammas a
Troya, de que servio a Raquel o alu-
miar com seus Soes a Mesopotamia? Bem
que se não communica aos tempos, não
tem tempo, fermosura, de ser bem; a-
quella gloria, que se deixa, he a mayor
gloria, que se possuiue, mas tu só podes
deixar huma compaixão, ainda quando
logres huma memoria. Fermosuras hu-
manas, se quereis eternizar a perfeição,
desguiday-vos da belleza, quebray vos-
sos espelhos, e componde-vos de vossos
desenganos, que esses alinhos agora des-
troçados ao depois vos feriarão luzes te-
cidas; se vossa soberba deseja arrancar
as Estrellas do Firmamento para as fa-
zer alfinetes do toucado, o que não pó-
de

de fazer a vaidade presumida, poderá fazer a vaidade pizada, se hoje vos despirdes de enfeites, à manhã vos toucareis de Estrellas; olhay que a ambição de vossas galas só podem satisfazer os cortes das sáffiras, e que na terra não vos podeis vestir do Ceo, que para alcançardes huma gala do Ceo he preciso repudiardes os adornos da terra; que dera vosso vaõ appetite a quem lhe talhasse huma roupa do Sol? Sem duvida que a poder o Sol ser tecido, já farieis cara ao ouro fiabo; pois só com ter valor para despresarvos, tereis mais luz, que a de sete Soes para vestirvos; mas ah miseravel fermosura, que todo o teu desvelo he fazer galas para o valle, aonde ainda que adornada de perolas o hasde achar de lagrymas; todo o teu descuido he esqueceres-te dos luzimentos para a Corte, aonde até das lagrymas podias fazer perolas, tanto desmancho para os olhos do lince, tanto enfeite para as attenções dos cegos, isto, belleza, peza huma loucura, e tal he a tua loucura, que a não peza; mas se não tens juiso para o pezar, olha que se hade pezar em teu juiso, e
alli

alli o ouro , que arrastaõ tuas vaidades, fará carga à balança de tuas culpas; sem que baite a izentarte sua fineza tanta ambição de ser fermosa a tua vida , tanto interesse de ser fermosa a tua eternidade , só tinhas desculpa a poder fazer eternidade de tua vida ; para a esfera de hum instante queres ser muito para a capacidade de hum sempre , adquires fernada , cá que te singularizem como asombro , lá mas que te excluão como sombra , e es de tão máo gosto , fermosura, que te estimas caduca , para te desprezares immortal. Entendey , fermosas, que não está a belleza em fello , senão em haver de fello ; vossas luzes não podem ressusitar de vossas cinzas , que só podem renascer de vosso desengano: desenganay-vos pois se quer ao interesse de melhorardes as luzes, e assim se hoje sois fermosas de accidente , à manhã fereis fermosas de eternidade. Callou o rio para cantar a ave , que descendo do soberano ninho à inferior esfera do throno funebre de hum elevado acipreste disse assim.

O' tu beldad caduca
 En esta humana esfera,
 Si vives como rosa, (Estrelia?
 Que importa, di, que alumbres como

O' tu, que diamante
 Las luzes reverberas,
 Si duras como vidro, (dra?
 Que importa, di, te estimen como pie-

O' tu lisonja infausta
 De maripozas ciegas,
 Si huyes como sombra, (brera?
 Que importa, di, que estés como lum-

O' tu mortal hermosa,
 Tu celestial terrena,
 Si corres como agua, (perla?
 Que importa, di, que nascas como

O' tu de amor armado
 La más rara potencia,
 Si mueres como blanco, (flecha?
 Que importa, di, que mates como

O' tu de apprehension loca
 La más ardiente idea,
 Si buellas como humo, (hoguera?
 Que importa, di, que abrazes como

O' tu deidad mentida
 De muger verdadera,
 Si achacas como humana,
 Que importa, di, te adoren como Dea?

Y finalmente ò tu

Vanissima sobervia,

Si eres como accidente, (lleza?

Que importa, di, que estès como be-
Poz-se o Sol, fugio a fermosura no Ido-
lo, nas Caçadoras, e Nynfas, que he tão
grande a forsa do defengano, que valida
do Ceo a não espera nem o melhor da ter-
re; a Peregrina vencendo as saudades
com o escarmento, e por fugir à menti-
ra das flores, fixava os olhos na belleza
das Estrellas, mal satisfeita da fermosu-
ra, que quando tomou da rosa a seme-
lhança, foy para lhe tomar a duração.

C A P I T U L O V.

*Passa a alma ao terceiro Idolo deificação
humana, torna a enganarse, e o de-
fengano a dissuadila.*

NYnfas, e Caçadoras tornão à igno-
rante Peregrina; e intraduzindo-se
cantelosas, já com o affavel da conversa-
ção, já com o suave da musica, fizeraõ
se achasse com ellas à vista do terceiro
Idolo, cujo culto era hum domicilio de

frondosas arvores, aonde tudo flor, e nada fruto; aqui se idolatrava hum mulher de animado semblante, vivissimos olhos, gravissima presença; sua gala era branca, cujas guarnições formavaõ de ouro varias letras, diversas cifras: ao peito prendia huma Aguia de diamantes, na mão sustentava huma penna de preciosos esmaltes. Venerou a Peregrina este Idolo, que lhe influio affectos em instantes, e vendo que tocando com a penna as arvores, lhe duplicava as flores, conheceu serem todas aquellas flores produzidas da sua penna; admirou o valor de tal penna no primor de taes letras, e aqui começou a idolátrar ao Idolo, mas ignorando o nome à Divindade, assim como o ser, perguntando quem era as Nynfas, lhe respondeu a Deusa.

Yo soy la sabia Deidad,
Que en este ameno paiz
Subtilezas ensenõ a los ayres,
Quando flores debuxo al Abril.
El Abril, y el ayre,
Si se miran aqui,
Ni uno tan florido,
Ni otro tan futil.

E. *... Soy*

Soy del Parnasso la Diosa,
Porque sin mi aliento, oid,
Ni su fuente se obliga a correr,
Ni su Musa se atreve a influir.

Las aguas, las Musas
Del sabio pensil,
Si por mi no fueran,
No fueran sin mi.

El Aguila por volante
Al Sol se atreve gentil,
Sin mi vista no llega a mirar,
Sin mis alas no llega a subir.

Sus alas, sus ojos
Son, que así los vi,
Mi luz perspicaz,
Mi pluma gentil.

La Deidad de la hermosura
En competencia venci,
Y a quien la hermosura se prostra
Hasta el Cielo se puede rendir.

Beldad, hermosura
Es conmigo vil,

Que yo de mi renasco,
Ella acaba en sí.

De Grecia a los siete Sabios
La Rhetorica les di,
De fama de Athenas soy alga,
Que immortal no se pude morir.

A Sabies, y Athenas,
Que tanto applaudis,
Su mente illustre,
Su penna movi.

Thezoros son mis concetos,
Porque exceden, si advertis,
Quanto va de hermosura a la perla,
Quanto tratan de amor al rubi.

Rubies, y perlas,
Thezoros medi,
Y dexan grossero
Al oro de Oñit.

Y al fin tanto es mi poder,
Si lo llegas a advertir,
Que he vencido con quatro palabras
Lo que se prostra con hazañas mil.
Palabras, hazañas,
Que vence inferi

El esfuenco no,

La discrecion si.

allou a presumida Rhetorica os sober-
os metros, sendo seus conceitos intan-
activo para o coração da Peregrina;
a quem ella em prendas do que a festeja-
valhe deu a penna, que na mão tinha,
mas ao querer pegar della agradecida, a
Deusa voou ligeira, deixando-a corada,

e ao levantar os olhos mais desengañada, vendo que o mesmo ar, que levára da sua mão a penna, roubára das arvores as folhas; tão leves eraõ daquella discrição os conceitos, tão vã daquella penna a gala; assim o meditava a Peregrina, quando a murmuração do rio lhe ajudou as vozes do pensamento, dizendo assim:

DESENGANO. III.

Que sabes, discrição humana, sabes para teu applauso, ou sabes para tua importancia? Mas eu vejo que fazes de tua importancia teu applauso, e por isso não sabes, fazes de teu entendimento tua vaidade, e deixas de fazello tua razão; razão tiveras a não teres entendimento, que culpa será tornares as luzes em sombras, quando he culpa o não tornares as sombras em luzes; pois esta he, discrição, a tua culpa: logo aonde está a discrição, se está erro? Os cegos quizerão fazer sua claridade de sua cegueira, e tu fazes tua cegueira de tua claridade, bem podes suspirar pela luz dos cegos; elles conhecem-na para desejalha, e tu

e tu possuellas para destrui-la , e assim ficação de melhor luz , se de peyor vista ; derao-ta para saber , e tu sabes para presumir , e trocando a condição da dadiva , desestimas a obrigação da divida , tornando ingratitude por entendimento. Todo o teu estudo he saber viver a tua fama na vida , nada de teu desvelo he saber viver a tua eternidade na morte , ficando assim idiota de tua salvação por letuada de tua vaidade ; sayba o Mundo que sabes , mas que Deos veja o como delatantes , que tu fazes ponto em ser discreta da terra , e não fazes dezar em ficar ignorante do Ceo ! fação os homens conceito de teus conceitos , mas que os Anjos fação delles murmuração , que tu fazes-te dezententida com os Anjos , por ficares por entendida com os homens ; aonde pois está o levantado de teu juizo , se não passa de Estrellas acima , aonde está o sublime de tua sabedoria , se só comprehendes de telhas abaixo , que penetra tua agudeza , se te não revela o fegredo de tua importancia , que faz tua viveza , se não faz de tua morte tua vida , que faz tua prudencia , se não faz de tua

vida tua morte, que faz tua delicadeza, se não lima tua vontade, que fazem tuas palavras, se não ensinão tuas obras, que fazem teus escritos, se só faõ obras de palavras, que fazem teus equívocos, se te não aclarão, que fazem teus trocados, se te não trocãõ, e finalmente que faz teu entendimento, se se não aproveita de teu entendimento? Saber para viver, nescia discrição; atè o sabem os brutos, que a Providencia para a vida lhes fez graça contra a irracionalidade; se sabes só para viver, sabes como todo o bruto: logo de que presumes, se não sabes mais? Se nasceras bruto, e entenderas como racional, podias desvanecerte, mas se nascendo racional alcanças como bruto, de que ficas a vangoliarte? Saber para morrer he a verdadeira discrição, estudar na vida para não errar na morte he a verdadeira sabedoria, esta intelligencia he entendimento de racional, a outra he instinto: Saber na vida para a vida he huma sciencia, que forçosamente hey de sepultar acabando, saber na vida para a morte he huma discrição, que sem duvida hey de eternizar renascendo,

do, saber em quanto vivo, he saber pouco, perguntay-o à duracão humana, saber para quando revivo he alcançar muito, perguntay-o à infinidade eterna; saber para este instante he o ponto da tua vaidade, ignorar para aquelle sempre he a fatalidade de teu engano; e nem a ambição de ser mayor tua sabedoria te obriga a fazer menor tua presumpção, porque só em tua presumpção estudas. Se estudardes, discretos, em vossos desenganos, alli em vosso ser aprendendo os nada, de tudo sabereis melhor o como tudo he nada; alli na terra de vossa composição premeditando vos não cegaria o pó de vossa vaidade presumindo, alli na vileza de vossa condição conhecerieis a soberba de vossas condições, alli no vidro de vossa fragilidade repararíeis o constante do vosso perigo; alli olhando para a sepultura como casa propria, não olharíeis para a morte como pensão alheia, alli pezando a brevidade do vosso tempo, faríeis em quantidade de instantes negociação de eternidade, alli em vosso juizo futuro saberieis condenar vosso juizo presente, alli no conhecimento

de vossa miseria descobrireis o embuçado de vosso engano, e finalmente alli saberéis, porque alli só se sabe. Estuda pois, discrição, neste livro para fello, que não entender letras tão claras ainda para ignorantes he needade.

Ser discrição, ó Sabio, e ser erro não pôde combinar-se, pois eu sey que sois erro, e não dezo cuidar que sejais discrição; sois erro quando não fazeis só do Ceo conceito, sois erro quando não fazeis só de Deos estudo, sois erro quando não fazeis da graça sabedoria, sois erro quando não fazeis só da Gloria gloria, sois erro quando não fazeis do desengano papel, da dor penna, das lagrymas tinta, das firmas seguros; sois erro quando não fazeis do Parnazo Olympo, da fonte desengano, do Apollo luz, das Musas Illustrações; e resolutamente, entendidos, ou sois Santos, ou sois erro, que não se une poder ser sabios sem fazer por ser Santos: só o Santo, discretos, he sabio, ha mayor engenho que saber hum ajuntar as misérias da terra às superioridades do Ceo, ha mayor subtiliza, que em hum valle de perigos se-
mear

meas seguros, ha mayor capacidade, que em hum terra de loucos sustentar razão, ha mayor tino, que em hum Labyrintão de trevas não perder o fio, ha mayor entendimento, que fazer o que me está bem, ha mayor discrição, que fugir do que me está mal, ha mayor intelligencia, que conhecer o engano, ha mayor sciencia, que alcançar o desengano, ha mayor acerto, que trocar o Mundo pelo Céu, ha mayor habilidade, que gostar do Céu ainda no Mundo, ha mayor saber, q saber salvar-me. Pois esta he a sabedoria dos Santos, e quando, o ignorante sabio, fosses discreto, pedias negarme que eras discreto de não gosto? Gostas de tua vaidade, que he hum pouco de fumo, gostas de tua presumpção, que he hum pouco de vento, gostas de teus conceitos, que são humma mentira, gostas de tua penha, que he humma mentirosa, gostas de teu applauso, que he humma lisonja, gostas de tua fama, que he humma embusteira, gostas de teu entendimento, que he humma pequena de loucura, e gostas de ti, que es hum pedaço de lodo; vê agora, ignorante, se sendo de

tao máo gosto , podes ser discreto.

Cuida teu delvanecimento presumido que alcanças a saber tudo na terra, e ainda não alcanças o que só no Ceo se sabe; tudo queres saber, mas ò discreto, que ainda te falta muito por saber, tem habilidade para ir ao Ceo, e faberás esse muito; só no Ceo se sabe o que he o Ceo, e quem não sabe o que he o Ceo, não sabe; alli compreenderás na sciencia dos Anjos a verdade de toda a sciencia, aonde te farás sciente de verdade, alli estudarás no abrazado dos Serafins a arte de amar; quem quizer aprender esta arte, menos que por hum Serafim não estude; alli conhecerás na fortuna dos gloriosos a verdadeira fortuna, aonde sem haver roda, que atemorizo, ha Estrella fixa, que assegure, alli na alegria de todos alcançarás que na terra era alegria de nenhum; finalmente alli verás na luz de Deos que tudo o mais he sombra: faze pois, ò Sabio, por ir ao Ceo, e assim te farás sabio, estuda aquella sciencia, que fez ao simples Mestre, ao rustico politico, ao humilde Rey, às pedras fogo, aos bronzes cera, às flores maravil-

ravi-

ravilhas, à noite luz, à sombra dia, à nu-
vem Sol, à fera humana, à humana Dea,
ao homem amor, ao amor homem, e sa-
bendo esta sciencia do amor alcançarás
o Ceo, e só no Ceo, ó discreto, se al-
cança. Acabou o rio, e começou a ave
tão musica, que pode fazer doces os de-
senhados com as vözes, que forão estas.

O' tu del ayre symbolo,
Ciertoque obriga a lastimas,
Ver que, pudiendo solida,
Solo fãdes fantastica.

De la tierra en el ambito
Tus subtilezas parvulas

O' son flores inutiles,

O' son luzes incandidas.

Tus obscuros preambulos,

Tus vanissimas clausulas

Son necedades criticas,

Si no radezas satyras.

Tu que, pudiendo altissima

Beber luzes diafanas,

Te hazes terrestre florida,

Siendo volante Aguilã,

Tan falsa en tu Rhetorica,

Tan injusta tu maxima,

Que de ti las politicas

Son del Sabio las lagrymas.

Y al fin, Sabia loquissima,
 Llegas a fer tan fatua, (les
 Que pretendes en vida de marmo-
 Conservar duraciones de fabulas.
 Voou a ave, deixando pelas Estrellas do
 Olympo as flores do Bosque, aonde já a
 Peregrina não via ao Idolo, nem as ido-
 latras, que, como sempre, atemorizadas
 do desengano, deraõ costas à forsa da
 verdade.

CAPITULO VI.

*A esperança do Mundo Idola quarto che-
 ga a alma, primeiramente olha para ella
 reverente, e logo a deima desen-
 ganada.*

Buscada, outra vez de Caçadoras, e
 Nynfas a Peregrina, e achada sem-
 pre, porque não sabia fugir-lhe nunca,
 foy levada da tropa infiel ao quarto Ido-
 lo do Bosque, a quem fazião sombra a-
 mendoeiras arvores, cujas flores servião
 de primavera a esta do Mundo esperan-
 ça. Vestia de verde a mentida Densa, cu-
 ja cor guarnecia de varias flores, destas
 Y com-

compunha seu toucado, e adornava seu peito; era seu aspecto aprazível, seus olhos lisongeiros, seu semblante alegre, e todos estes attractivos forão imã, que leváráo a si o affecto da Peregrina, e querendo saber quem lhe roubava o coração pelos olhos, lhe perguntou seu nome reverente, ao que respondeu sonora.

Soy la hermosa lisonja suave,

En que humanos rigores se ablandan,

Más dulce, más agíl, más firme,

Que el nectar, q̃ endulga, q̃ el ayre, q̃

La Estrella, que para: (corre,

Soy del amor el aliento apacible,

La que sopla a su incendio las llamas,

Que esfuerço, q̃ avivo, que acendo,

La fe que estremece, la llama q̃ buela,

El yelo que ata:

Soy la fuerza amigable, y risueña,

La que a si corações arrastra,

Que lleva, que anima, que attraye,

El Colon que furca, el Marte q̃ lidia,

Adonis que ama:

Soy la Diosa, que el Mundo venera,

A mi culto sobervio, a mis aras

Se rinde, se prostra, se humilla

El sagrado adorno, la purpura Regia,

La abarca villana.

Soy

76 *Obras da Madre Soror*

Soy Deidad del consuelo benigna,
Que con migo piedosa, y sin saña
Se acalla, se sufre, se enxuga
El gemido tierno, el tormento duro,
La lagryma blanda.

Soy del bien precursora dichosa,
Y preludio feliz le adelanta,
Que influyo, que arrojo, que exhalo
Alientos, si soplo, vidas, si respiro,
Si pronuncio, almas.

Soy al fin la esperanza del Mundo,
Mas alegre à apreensões humanas
Que en bosque, q̃ en prado, q̃ en selva,
Las muzicas aves, las rosas sangrietas,
Las corrientes mansas.

Callou o Idolo, e alargou sua mão
a Peregrina ao que esta lhe pareceu
com hum thesouro; porque assim
lho promettia seu semblante, e abrindo
a mão para ver o q̃ee nella lhe
deixára, a achou vazia; levantou
os olhos a queixarse, e topou com
a vista as amendoeiras já despidas de
sua flor; que perdida a esperança se
desfolhárao antes de darem fruto.
Duas vezes advertida a Peregrina
hia apartando-se escaementado, quã-
do

*A es-
perã-
sa do
Mun-
do:
pro-
mette
mui-
to, e
dá na-
da.*

do a murmuração do rio a deteve a escutar seus claros desenganos.

DESENGANO IV.

Que promettes, esperança do Mundo? Riquezas, isso são vaidades, honras, isso são fantasias, voos, isso são precipícios, títulos, isso são nomes, coroas, isso he pezo, Imperios, isso he terra, mitras, isso he encargo, tiaras, isso são obrigações, bastões, isso são lidas, victorias, isso são batalhas, laureis, isso são folhas, e finalmente todos os bens do Mundo, isso he nada. Que são as riquezas, que promettes? Quando ouro, huma pouca de terra, quando prata, huma falsidade de liga, quando perolas, humas gottas de agua, quando diamantes, hum dissimulado veneno, quando esmeralda, humas pedras de melhor cor, quando saffiras, humma cor de melhor semelhança, quando crystal, hũ pedaço de caramelo, quando coral, o tronco de humma arvore, estas são as riquezas para quem as conhece; e q̃ são as riquezas para quem as possue? A quem as possue são quidados para a vida, falsidades

dades para a morte , cargo para o Juízo , embaraço para a conta , a moeda falsa para o Ceo , moeda corrente para o Inferno. Estas são as riquezas.

Que promettes nas honras, promettes titulos , e que são effes titulos? São huma excellencia , que me não faz excellente , porque me deixa miseravel, huma senhoria, cujo senhorio está na voz alhea, e não no merecimento proprio; as minhas obras podem-me fazer excellente, porque me podem fazer Santo; as minhas virtudes podem-me fazer senhor , porque me podem fazer grande ; mas cuidar hum que porque tem hum terra, ou huma nomeação de mais , fica excellente , he huma ignorancia, que bem parece filha da terra. Oh quantas vezes o que para o Mundo he excellencia, he insolencia para o Ceo! Fazeis Titulos, mais apreço daquelle nome , que vos dão em vosso estado , que daquelle nome , que vos derao em vosso Baptismo , pois acodis pelo titulo, e não pelo nome: em certo modo parece que antepondes a fortuna a graça ; defenganay-vos, Grandes, que sem graça não ha fortuna.

Promettes mais, ò louquissima esperanza, bastões, e a quem os promettes? A hum homem, que para alcançar esse bastão, passa primeiro por tantos perigos da vida, quantas são as occasiões de merecello; hum agonizante passa da morte a sua hora, hum Soldado vê-se na hora da morte quanto tem de vida, com que não só fazes comprar ao triste contendor a honra, que lhe promettes, com a hora da morte, senão com as horas da morte; e quantas vezes, ah falsissima esperanza, lhe chega a morte sem lhe chegar a honra! Servi, homens, a quem vos promette coras immortaes, e não a quem vos acena com laureis caducos, que a morte he rayo, que não respeita ao loyro, com que vos hade despojar da vaidade a morte, e se arriscastes a cabeça para merecello, não vos póde segurar a cabeça para conservallo. Se quereis ser valentes, sede Santos, não está o esforço em aprestar exercitos alheys, está o valor em dominar paixões proprias, em venceryos a vós, e não a outrem; olhay que mais faz hum justo em conquistar o Ceo, do que fez hum Alexandre em fugitar

geitar o Mundo; conquistar o Céo, que
padeça forsa.

Promettes mais, falsíssima Esperança;
Imperios, e que vem a fer esses Impe-
rios? Partes da terra, que he a terra to-
da miserias: logo vem a fer Senhor de
mais miserias o que vem a fer Senhor de
mais Imperios. Dize, Fortuna, nesse do-
minio ao Infante q' não nasce chorando, ao
mortal que não viva padecendo, a bel-
leza que se não olhe ameaçada de huma
caveira, a grandeza que se não veja es-
treitada a huma cova, a flor que dure, a
Estrella que pare, a alegria que fique, ao
pranto que duja, a vida que não acabe,
a morte que respeite, e se esse pranto for
riso, se esse homem não for miseravel, se
essa belleza não for sombra, se esse gran-
de não for mortal, se essa flor for per-
petua, se essa Estrella for fixa, se essa ale-
gria for duravel, se essa vida for cons-
tante, se essa morte for respectiva, eu re-
gabarey o Imperio, eu te não desdenha-
rey a Monarquia: Sentorio de mortaes
posse de terra, por isso de miserias do-
minio.

Promettes coroas, e que promettes
nessa

nessa soberania? Para a cabeça coroa, para os olhos venda, para os hombros pezo, para o coração lida, para o sono susto, para a vida trabalho, para a alma perigo, para o ser nada. Esta he a coroa, oh enganosa Fortuna, oh miseravel Rey! Promettes mitras, e que vem a ser esta dignidade? Obrigações dobradas, cuidado proprio em descuidos alheios, que he o mayor cuidado. Almas, á conta de quem muitas vezes não sabe ter conta com a sua alma, se o homem no Juizo fizera a poder, fizera extremos por poder de hum só alma não dar conta, como se achará o homem em Juizo, tendo que dar conta de muitas almas, o como só o poderá dizer o mesmo homem em Juizo, apertos daquelle tremendo Tribunal, menos que o proprio Tribunal não pôde explicallos, angústias daquelle fatalissimo perigo só as pôde medir a mesma angustia; quem duvida que alli quizera o homem, antes que na dignidade de hum mitra, ter vivido nas estreitezas de hum cova? Este he, o Fortuna, o aperto, a que condenas o homem quando lhe dás a mitra.

Promettes Tiaras ; e com as Tiaras hum Principado na Igreja. Principe da Igreja, a que estás obrigado ? Sem duvida que a meditaes nas tuas obrigações, não ouzaras a aceitar a Tiara ; se de hum Principe no temporal são as obrigações tão crecidas, quaes feroão de hum Principe na Igreja as obrigações ; e sendo tal a fragilidade humana, que difficilmente pôde corresponder a este empenho ! Olha, esperanza, o empenho, em que pões a quem brindas com a Tiara, honra mais para temerse, que para lograr-se. Se pois, ó esperanza, de tuas promessas ainda quando verdadeiras são estas as posses, que ha que fiar em tuas promessas, pois, sendo ansias quando esperadas, ainda são mayor mal quando possuidas ? Mortaes, que fazeis tanto pelo que he tão pouco, aonde está a vossa vaidade, que vos não sabe livrar desta miseria ? Mas ah como vejo que da miseria fazeis a vaidade ! Dais a vida pelas esperanças da terra, e não dais hã passo pela posse do Ceo, grande injuria fazeis ao Ceo ; grande confiança fazeis da terra ; tanto servir ao Mundo pelas honras do

do Mundo , cujo ser he hum pouco de fumo , que cega , e foje , tanto descuido do Ceo , cuja luz he hum Estrella , que alumea fixa , tanta fadiga para a vida , tanto desprezo para a eternidade , tanta meditação para viver , tanto estudo para acabar , como se nunca acabareis de viver : mostras , mortal , que tens grande fé , ou que tens fé nenhuma ; se esperas salvarte , fazendo nada pela salvação ; tens muita fé , mas olha que nesa fé te não podes salvar , e se havendo Ceo te lembras da terra , parece que não chega a tua fé a cuidar que ha Ceo ; homem de tão grande fé , não te fies em tua confiança , homem de fé tão pouca , não te segures em tua duração , abre , ignorante , voluntario os olhos , e verás as luzes ; olha , confiado infiel , para o fogo , e temerás os raios , medita o que vay de posse a posse , e logo deixarás esperanza . Callou o rio , cantou a ave , e ouviu a Peregrina .

Viendo tus esperanças

Alva , y Aurora ,

Quanto uma las rie ,

Otra las llora .

En ayre se fian
Para dezayre,
Quien del ayre se fia,
Es como el ayre.
Por el viento esparcieron
Varias colores,
Y el viento las deshoja,
Porque son flores.
Quien del Mundo las mira,
A dizir oza
Que más que la esperança
Vive la rosa.
Ala flor del almendro
Es comparada,
Mas las flores dan frutos,
Ella dá nada.
De mentiras componen
Todas sus voces,
Pues nos muestran el oro,
Y dan las fezes.
Y siguiendo este estylo,
En tal fatiga
A la plata prometten,
Y dan la liga.
Esta si, Mundo loco,
Es tu esperança,
Quien la alcança, me diga
Que es lo que alcança?

Tão suave cantou a ave, que fez a verdade doce, cujos ecos nos ouvidos da Peregrina passárao ao coração, e buscando a companhia para lhe communicar o effeito, se achou sem ella, que os desenganos tem poucos, que os ouçaõ, e muitos, que lhes fujaõ.

C A P I T U L O VII

Em que a Peregrina passa ao Idolo riqueza, eleva-se primeiro de suas vozes, e logo piza seus poderes.

C Obradas do fusto Caçadoras, e Ninfas tornárao à empresa, que a malicia quando porfia he muy teimosa; cor-tejando a vacillante Deusa, a conduzi-rao a novo domicilio, que se formava do thesouro, que as Hesperides guardá-rao em seus jardins, transplantados pois neste Bosque, crecerao as maceiras a fazer Templo, que douravao suas ma-çans; o Idolo, que aqui se venerava, era humra mulher de luzidos olhos, pra-teado caraõ, dourados cabellos; vestia de tela de prata, e assim manto; como

roupa bordava de botões de ouro, gala, que estudar-se-lhe o ser fora injuria: a cabeça era hum thesouro de joyas, e quanto mais leve na consideração, mais capaz se fazia para o pezo. Allucinados os olhos da Peregrina nas falsas luzes de tanta terra bem illustrada, chegou a dar ambiciosa adoração ao Idolo, querendo tirar de sua devoção seu interesse, e namorada de tanto ouro o desejava proprio quando o venerava alheio. Quem es, ò poderosa illustração deste Bosque, exclamou a innocente belleza, que já te imagino Aurora pelas perolas, Alva pela prata, Sol pelas luzes, e mal determinada no que te cuide, só te venero pelo que vejo. Respondeu em arrogantes vozes a falsa Serea.

A ri-
queza

be o I-
doloda

terra.

Pelas
rique-

zas ar

risca o

bom.

azida

Soy de la tierra el Idolo,

Que adora, porq̃ attiendas sin pre-
ambulos,

Desde la Regia pyramide

Hasta el desierto, hasta el humil-
de paramo.

Por mi belleza unica

Se arroja el hombre sin tener ob-
taculo

En

En las entrañas lobregas,
En los profundos crystalinos am-
bitos.

Alas Zonas incognitas

Huella por verme a los occultos
platanos

Tanto cothurno tremulo

De hombre estrangeiro, no de pro-
pio Satyro.

A mi poder magnifico. (tue

No es imposible a mi valor no fa-
Hazer suban no esfericos

Para dorar el Sol altos pinnaculos.

A mi imperio los Principes

Piden fugetos para ser magnanimos,

Porque sin mi la purpura

No fuera lustre, porque fuera ef-
candalo.

A la adoracion valida

No escapa mi Deidad de enciezo

Tantalo

Ni en los terrestres concavos,

Ni en los senos, escuchame, dia-
fanos.

Por mis bienes altissimos

Guerrea el Mundo con ardiente
animo,

Pe-
do
Mudo
guer-
rea o
homo.



Obras da Madre Soror

Quando en su furôr belico

Rie Democrito, quando llora Heraclito.

O ou-
ro su-
do
man-
da.

Quanto el humano circulo

Rodea mi poder manda infantaf-
tico

Desde el hombre maritimo

Hasta el terreno, hasta el estable
ambito.

Al fin mi Deidad donica

No pueden explicar affectos can-
didos

De continuos hyperboles,

De repetidos, de incesfables can-
ticos.

Callou a Riqueza, e alargando a mão
naõ sempre liberal, tinou de suas arvo-
res huma maçã de ouro, que deu à Pere-
grina, a qual quando hia a avaliar o que
julgava precioso dom, se lhe desfez em
terra: taes eraõ do Bosque as riquezas,
vistas luz, tocadas lodo; aos reparos da
Peregrina nesta transmutação atalháraõ
os despenhos do Rio, que com claras
vozes disse assim.

DESENGANO V.

Que vales, riqueza, vales huma alma? Não, que a condenas; vales huma vida? Não, que a arriscas; vales hum focogo? Não, que o destrões; vales hum alivio? Não, que es pezo; vales hum defcanço? Não, que es cuidado; vales huma respiração? Não, que es affogo; arriscas a vida de quem te busca, condenas a alma de quem te guarda, destrões o focogo de quem te conserva, fazes do sono cuidado, do alivio carga, da respiração receyo, e es thesouró? Aonde pois está o teu valor, que se o achou a estimação, eu o não descobri na realidade? Contigo poderá o homem comprar mais Mundo, porém não poderá o homem comprar mais vida: logo para que quer o homem que o que lhe falte de vida lhe sobeje de Mundo? Duplicarlhe as conveniencias para viver; e não dilatarlhe os alentos para durar, não he darlhe mais seguros, e he deixarlhe mais faudades para a morte, com que compra contigo para a morte outra agonia. So-
nha

nha o ambicioso com o thesouro, esper-
ta, e acha-se com o defengano; logra o
homem breve sono de sua duração, a
mentida posse de sua riqueza, acorda na
eternidade, e desaparece o thesou-
ro; com que quantas perolas cria o mar,
quanto ouro a terra, quanta prata as
minas, são hum thesouro sonhado, que
só val hum desgosto verdadeiro; tudo o
que contigo, ó riqueza, se faz na vida,
he para a vida; he a vida hum compo-
sto de annos, os annos de mezes; os me-
zes de dias, os dias de horas, as horas
de minutos, os minutos de instantes,
com que de instantes se vem a fazer to-
da a vida, e cabes, riqueza, em hum
composto de instantes, servindo só pa-
ra dourar minutos?

Que tem o homem em teus banque-
tes, senão huma demasia para o gosto,
hum achaque para a vida, huma injuria
para a racionalidade? Que tem em teus
adornos? Na seda huma lisonja de me-
nos dura, na prata huma vaidade mais
clara, no ouro huma terra mais bem pa-
recida; que tem em teus palacios, senão
mais dous palmos de chão para o trope-
ço,

co, quatro pedras mais levantadas para a soberba, quatro torres de vento para a ruina; que tem em tuas preciosidades? Humas pedras, a quem a terra deu o ser, e a opiniaõ o valor, melhores para atirarem loucos, que para estimarem sezu-dos; que tem nos divertimentos, que lhe compras, fenaõ huma tarefa de ocio-sidades, hum labyrintho de loucuras, hum theatro de defatinos: isto he que tem em ti o homem, que te logra, e só huma chave tem em ti o homem, que te guarda; se foras, ò miseravel riqueza, precisa para conservar a vida, ainda sendo a vida cousa taõ pouca, tivera alguma desculpa quem por ti fizera muito; mas, se ao homem lhe basta para seu abrigo huma cabana, para seu sustento huma arvore, para seu vestido huma pelle, para seu desafogo huma fonte, que dás ao homem no que lhe sobeja, se sem ti tem o homem o que lhe basta? O mortal, se só com armar quatro troncos te podes guardar das inclemenciãs, para que levantas em teu reparo tantos marmores, para que estremecees tantas pedras, para que fazes trabalhar tanto arti-

artifice, sem que escape à tua fantasia nem a pedra de mayor firmeza, nem o cedro de mayor duração, sendo injuria ao Libano no que te atreves, e ao mesmo Paraíso no que te atreveras, pois sem duvida que a poder, lavráras de suas arvores tua morada; se só com despir a hum bruto podes vestirte, para que cortas tanto Abril em cores, para que apuras tanta fineza em ouro; para que manchas tanta pureza em prata, para que arrastas tanta soberania em purpura, para que teces tanta variedade em galas? Mas he, ó mortal, porque não consideras que basta huma pelle na vida a quem sobra huma mortalha na morte: se huma fruta póde sustentarte, para que alteras os mares por seus peixes, a terra por seus brutos; o ar por suas aves, o fogo com aves, peixes, e brutos, cansando o sustento de huma só vida a quatro Elementos; que dirá o ar de lhe darem trabalho por hum suspiro; se basta à tua sede agua pura; para que injurias a clareza da fonte, e a Providencia de quem a creou para a tua sede, conficiando bebidas, de quem tua vaidade he

a hy-

a hydropica, e não teu calor o necessitado, e sem duvida que a haver Deuses, tu lhe roubáras de sua menza o nectar, porque em teus copos não faltasse a ambrosia. Dize-me pois, ó inutil Riqueza, o de que serves, se sem ti estava provida a natureza? Mas já sey que só serves de injuriar as condições dessa mesma natureza. Sabes, ó homem, quando farás thesouro da riqueza; quando a pize teu desprezo como terra; quando a arroje teu desinteresse como lodo, quando a olhe teu conhecimento como nada. Taes vos vejo, ó riquezas do Muudo, que sois melhores para desprezadas, que possuidas. Mortal, que furcas os mares, que rodeas a terra por seus haveres, como não advertes que está em ti o teu thesouro com menos duvidas na posse, com menos trabalho na esperanza; se com as potencias de tua alma te podes fazer rico de eternidades, para que com tuas diligencias te queres fazer dourado de instantes; se tens em ti cabedal para comprar o Ceo, para que buscas cabedal, que has de deixar na terra, arriscando-te a que te falte pela peregrinação a patria; põe,

põe, mortal, teu cuidado em não perdella, e assim terás em teus affectos teus thesouros. Vontade bem sacrificada he o ouro de melhores quilates, lagrymas bem choradas as perolas mais preciosas, pensamentos do Ceo as saphiras mais celestiaes, esperanças da Gloria as esmeraldas de melhor cor, finezas por Deos os diamantes de melhor lustre, zelo da salvação o rubim mais ardente, desengano do Mundo o crystal mais verdadeiro: chora tua culpa, sacrifica tua vontade, levanta teu pensamento, abraza teus affectos, melhora tua esperanza, exercita tua fineza, aprofunda teu conhecimento, e acharás, ~~o homem~~, o teu thesouro; e se atègora esteves em ti como em campo escondido, de hoje por diante aproveitate d'elle, que ainda he tempo de o fazeres achado. Calláraõ do Rio os desenganos, e começou assim da ave a musica.

M O T E.

O Ro, y tierra todo es uno,
 Pero tanto el Mundo yerra,
 Que adora la tierra tierra.

GLO-

G L O S A.

L As verdades, que atthesoro,
Mortal, aqui podrás verlas
A tantas Alvas de perlas,
A tantos Soles de oro.
Todo esse fatal thesoro
Está de valor ninguno;
Sabe, ò rigor opportuno,
Porque salgas de tu abyssmo,
Que agua, y perlas son lo mismo,
Oro, y tierra todo es uno.
Eres tierra en tal espanto,
Oro, y tus rayos serenos,
Y si pudiera hallar menos,
No te juzgaras por tanto.
Hombre, tu encanto, tu encanto
En esta verdad destierra,
Porque tu valor encierra
Tanta fineza usurpada;
La tierra es para pizada,
Pero tanto el Mundo yerra.
A todo el mortal humano
En adoraciones hallo
Del Principe hasta el vasallo,
Del lustre hasta el villano.

Tan-

Tanto affecto soberano,
 Dizid, que mysterio encierra?
 Su intencion se dezenterra,
 Que busca el hombre humillado,
 Que idolatra el Rey prostrado,
 Que adora? La tierra tierra.

Callou a ave, desenganou-se a Peregrina, fugio ao culto, conhecendo nelle por Idolo o para que tinha olhado como Divindade.

C A P I T U L O VIII.

Em que a alma he levada ao culto do amor proprio, primeira, e ultimo Idolo.

Pelos perigos do Bosque deixou outra vez a Peregrina da ave os voos, que pudera seguir com o pensamento; conduzida como sempre de Caçadoras, e Nynfas chegou ao ultimo, e mais venerado culto daquella esfera, cujo Idolo era hum mancebo de affeminado rosto, lisongeiros olhos, alegre aspecto, delicadissimo talhe; vestia de hum finissimo nacar forrado de cambray, guardado

necido de alijar; era sua esfera de narcisos, que lhe faziao culto, altar, e templo: olhava-se em hum rio, que lhe servia de espelho, e era o mais perdido Narciso nestas aguas: poz-lhe a Peregrina os olhos com affecto, e ao perguntar-lhe quem era com cuidado, respondeu com melodia.

Yo soy el Fuego,
Yo soy el Agua, oy soy la Tierra, yo
soy el Viento,
Y de todos los quatro hago un compuesto,
Con que quedo a nombrarme quinto Elemento.

Soy Fuego, que soy amor,
Pero tan blando, tan lesto,
Que son tisonjas las llamas,
Son halagos los incendios:
Pero mortales; tenedme miedo,
Que aunque tan tibio, aunque tan
quieto,
Todo el Orbe es ruina a mi llama,
Todo el Mundo es esclavo a mi imperio,
Aunque tan dulce, y tan tierno,

Todos
sab es-
cras
vos do
amar
pro-
prio.

Amor
pro-
prio
ma d
o de
Deos.

Amor
pro-
prio
extra
em tu-
do sub-
tilissi-
mo.

Hago roſtro al incendio mãs noble,
Y a ſu fuego le traga mi fuego.

Soy ayre, porque ſubtil

Entro a todo, y tan adentro,

Que no hay coraçon humano,

Que eſcuze de mi ſus ſenos.

Pero vivientes, mirad mi eſfuerço,

Que aunque ayre blando, benigno

Amor
pro-
prio
arrui-
na as
almas
mais
conſ-
tãtes.

Zefyro,

Arranco del Olympto las Eſtrellas,

Eſtremefco del Libano los cedros,

Favonio manſo, ſuave aliento

Quando ſoplò, dezayró a las peñas,

Si respiro peligran los leños.

Soy tierra, porque al fin ſoy

Hijo de tierra ſoberbio,

Que al oro no es menos luſtre

Tener la cuna en ſu centro.

He fi-
lho da
terra
o amor
pro-
prio.

Pero Viadores mirad mi aſpecto,

Porque aunque humano, aunque

terreno,

Faz
guer-
ra ao
Ceo o
amor
pro-
prio.

Con mi ſer hago ſombra al Emphyreo,

Y de tierra me atrevo a los Cielos;

Señor de Mundo, hijo de ſuelo,

Soy el Dios, que habitante en las

almas

Communica ſu gloria a los cuerpos.

H

Soy

Soy agua, porque mi fuerça
Mata de otro amor el fuego,
Recien nacido el calor,
Amortigo los incendios.

*Enti-
bia o
amor
de
Deos.*

Pero mundanos ved mi dezeño,
Que aunque de nieve, aunque de
yelo,

*O a-
mor
pro-
prio
bata-
lha co
o de
Deos,
e mu-
tas ve-*

Hago guerra de amor al amor,
Riño lides de incendio al incendio,
Dormido rayo, callado estruendo,
Soy affombro, que ciega las luzes,
Fuerça soy, que arrebatata los pechos.

Callou o lisonjeiro Narciso, e taõ
doce suavizou os ouvidos, que po-
diaõ persuadirse a que era

*zes
vence.*

O el Orfeo de las aguas,

O el Ruiseñor de los hombres.

A Peregrina; mais que à dos outros sacri-
ficada a seu culto, mudamente lhe be-
bia os agrados pelos olhos, pouco em si,
toda nelle advertio lhe offerencia hum
cestinho de flores, de que se fazia seu
folio, que eraõ symbolos de seu ser; pe-
gon dellas, quando (oh horrendo susto!)
saltou venenozo aspide, que acordado
ao toque, se não ferio a mão, affombrou

os olhos; tremeu a Peregrina, e conhecendo no perigoso das flores o cáviloso de quem as offerecia, hia a exclamar desenganada, quando o rio lhe roubou assim as vozes.

DESENGANO VI.

Que amas em ti, amor de ti? Amas o teu pó, isso he cegueira; amas tua terra, isso he vileza; amas tua vaidade, isso he loucura; amas teu descanso, isso he priguiça; amas teu commodo, isso he perigo; amas a tua saude, isso he achaque; amas tua estimação, isso he injuria; amas teu regalo, isso he veneno, e finalmente amas-te a ti, isso he nada; amar-te, e enterder-te. O' tu aquelle, que te amas, não parece possível, assim o creyo, que te amas, porque te não entendes; se alcançaras que aquelle cuidado, com que estremeces teu corpo, he ruina, que póde estremecer tua alma, quem ignora que dos medos de tua alma fizeras tambem hum coco para tua vida. Eu digo que a ti te amas, porém só quero dizer que por ti te perdes,

des, pois neste affecto proprio ficas bem perdido, e máo amante, que a fineza, com que te estimas, he o delicto, com que te condenas, e tanto, que só fazendo de teu amor teu odio, virá teu odio a ser teu amor: quererte bem, e fazer-te mal implica, ò Narciso, contradicção, e tu traçando de teu querer teu mal, cuidas que he querer bem; que lastima tiveras amando-te, se te viras conhecendo-te: adoras a vontade, quando com ella havias de adorar, o de que havias fazer sacrificio, fazes Idolo, ficando assim idolatra de teu gosto, se ainda para teu gosto era vil, qual será para teu Deos; se hum bruto soubera levantar templo, esta fora a adoração do bruto; não digas, ò rudissimo querer, que es racional: os outros fazem de seu amor seu mimo, e tu fazes de teu mimo teu amor, e he este affecto intruso, se huma fineza para teu corpo, huma grossaria para tua alma; e es tão grosseiro, que amando em ti, amas o peyor, que tens em ti.

Naceste só para querer, e vives só para quererte, se não vives para o que nascees, melhor te estivera o não haver

niado, e neste desmentir o ser usasse com quem te deu o ser da mayor desnaturalidade; aquelle affecto, com que puderas pagar a tua divida, espendias na tua afeiçao, fazendo assim do amor furto, quando do amor podias fazer de fempinho. Toda a moeda se pode pagar em outra, mas a do amor he tao fina, que só tem paga na mesma moeda; entraste no Mundo devedor do mayor amor, que he o de Deos, deixoute em tua vontade cabedal para satisfazer a divida: gastas com tigo o thesouro, espendias com tigo o affecto, logo que te fica para pagar a Deos essa divida? Metendo-se por valia o amor, não só o amor de Deos para contigo, mas o amor de ti para com Deos: logo, se este amor está empregado em ti, quem tomas por valia para o perdão? Contas de amor, cego Narciso, são muy miudas, e quanto no Mundo são arriscadas nos extremos, para com o Ceo são perigosas nas quebras; perdoa Deos a quem o desamou, mas não perdoa a quem o desama, que elle he amante do arrependimento, e não da culpa; a sua misericordia não está em

ex.

excluír a paga, que isso sem queixa da sua justiça não cabe nem na sua misericórdia, está sinta a esperar por ella, e esperar quem ama pela satisfação do que ama, deixa na detença tão grande a penalidade, que esta he a mayor fineza, que por ti faz sua misericórdia: olha, Narciso, que te espera Deos, e que padece em tua demora mais do que padeceu em sua Cruz, pois alli tolerava a dor, e cá retarda-felhe da dor a satisfação; huma ferida atormenta o corpo, huma ingratitude lastima a alma, com que o que vay da alma ao corpo, sente Deos mais o esperar, que o padecer: deixou Deos por ti a sua casa, descendo do seu Ceo; deixou a sua soberania, vestindo-se de servo, deixou a sua vida, soffrendo a sua morte; mas só o seu amor não quer Deos deixar por ti; julga pois que cousa tão estimavel ferá aquella, que prefere Deos à sua grandeza, à sua casa, à sua vida. Pois este he o teu amor, e empregas em hum pouco de lodo aquillo, que só reservou para si Deos; verdade he que de muitos tempos de não almey se satisfaz com hum instante de amo; mas tu

desperdiças tão descompassadamente o teu querer, que te não ficará cabedal nem para hum instante; minuto de paga em divida de annos, ou ha de trazer a moeda muito fina, ou ha de levar repudiada a moeda; he cousa rara fazer-se em hum momento o que sempre se póde lavrar em toda huma vida, e por isso acontece poucas vezes por cousa rara.

He a vontade huma potencia tão nobre, que nunca póde estar ociosa, porque na occupação mostra o valôr; amar a Deos foy o destino desta potencia, alli como em centro proprio vive o que ama, no mais como he affecto bastardo, padece o que quer; não podendo pois estar a vontade suspensa, ama o homem ou a Deos como illustrado, ou a si como cego, ou a outrem como louco; amar a Deos por todas as razões he bom, amar a outrem he máo, amarse a si he peyor; quem ama engana-se com outrem, e he hum engano, que não póde durar muito; quem se ama, engana-se consigo, e he huma cegueira, que sempre prevalece; amando a outrem o tem-
po

po-me dá a conhecer o mal que amo, amando-me a mim nunca me parece que amo mal; amor alheio qualquer desconfiança basta a acaballo; amor proprio, como não tem quem lhe pague mal, não ha destrui-lo; finalmente amar he tormento, e amarte he mimo: da dor não ha quem se não despida podendo, do mimo não ha quem possa despedirse; as violencias da mágoa estalão firmezas de bronze, as doçuras da lisonja se conservão duraçoens de vidro, com que em amar, e amarte tens, ó Narciso, mais certo o perigo no que te amas. Sabes, ó homem, o que podes amar em ti? O que amares a Deos, se te vires transformado neste amor, ama-te nelle, com tanto que estimes o fogo, e desprezes o lenho, ha de quererte só para querer, que isso he querer a Deos, não ha de quererte só para quererte, que isso he amarte a ti, põe teu todo por teu retrato; põe suas feições por tua copia, olha-te a ti, e olha a Deos, e se não escolhes como racional, fica como bruto.

Disse, ó Narciso, como em teu amor proprio não podias padecer ingratição, e já

e já me retrato, porque tudo o que amas em ti, em ti te foje; amas tua belleza, e essa, deixando-te em sua cãveira hum defengano, desapparece: amas tua vida, e tua vida corre de tua lisonja para sua morte; amas teu gosto, e elle voa quando chegas a perdello: amas teu descanso, e foje a embarçar-se com seu susto; amas teu corpo, e elle deixa-te por sua sepultura, com que tudo, ó homem, que em ti amas, te paga mal, e ainda assim te amas; se amar perfeições ingratas era loucura, o que será amar imperfeições desagradecidas. Sabes, ó homem, que te amas, o como podes segurar tuas commodidades? Fazendo por salvarte, busca o Ceo por amor de ti, já que o não queres buscar por amor de Deos, e verás como se pôde buscar o Ceo por amor proprio; se amas teu descanso, no Ceo não se trabalha; se amas teu gosto, no Ceo não ha pezar, se amas teu regalo, o Ceo he delicia; se amas tua nobreza, no Ceo es Rey; se amas tua fermosura, no Ceo es luz, se amas tua discricao, no Ceo es sabio, se amas tua vida, no Ceo es eterno; faze pois, ó homem, por ir ao Ceo,

Ceo, que ahi segurarás para tua fortuna quanto puderas desejar para teu amor. Callou o Rio, desceu a ave, e disse.

Ay infeliz,
Que a ti te pierdes, por quererte a ti!
Engañado Narciso,
Para que escondes, di,
Entre luzir, y arder
El fuego, que consume sin luzir?
Esta llama, que abraza
Tu pecho feminil,
Si es lisonja al nacer,
Disimulada muerte es al vivir.

Ay infeliz,
Que a ti te pierdes, por quererte a ti!
Si en ti perdido estás,
En ti te busca vil,
Porque, si alli te pierdes,
Podrá ser, podrá ser, te halles alli.
Miras-te a los crýstales,
Y no adviertes aqui
Que tu en ellos te mientes,
(mentir.

*Bus-
ca-te
em teu
pó, e a-
char-
te-has*

Que ellos en ti no pueden, no
Ay infeliz,

Que

Que a ti te pierdes, por quererte a ti!
 Ageno affecto busque
 Tu affecto en esta lid,
 Porque de proprio culto
 Huye la adoracion hasta el Gétil.
 El Dios del amor Narciso
 La Deidad del C,afir,
 Quando á si Dios se ama,
 Tambien buscò que amar fuera
 Ay infeliz, (de si
 Que a ti te pierdes por amor de ti!

*Ama-
se, e
ama-
mos.*

C A P I T U L O IX.

Em que desenganada a alma se resolve a deixar o Bosque symbolo do Mundo; procuraõ detella as suas lisonjas na voz do Caçador; vence seus enganos com o favor das inspirações, significadas nos avisos das Pastoras.

D Esenganada tantas vezes a Peregrina o ficou humã, e assim despedindo-se do Bosque sem saudades, lá buscava a sahida do Bosque. Eicay, dizia, labyrintho de enganos, que mayor he a sede, que te-

tenho de deixarvos, do que a que me trouxe a vovos ; ficay , Divindades ^{Só o} falsas , que ainda não valendo para ^{desen-} hum engano, quereis ser para huma ^{gano} adoração , ficay por Idolos de sacri- ^{tira a} fícios cegos , que eu já levanto os ^{alma} fumos , e só posso perdoarvos no es- ^{do.} carmento quanto me aventurastes no perigo ; dizia a Peregrina , e não parava sem que Caçadoras , e Nynfas bastassem a detella , mas sahio-lhe o Caçador ao encontro , que com sonora , e lastimosa voz procurava obrigalla , dizendo.

Para, Nynfa , a mis vozes,	<i>O Mu</i>
Porque tu piê ligero	<i>do en-</i>
Si corre por el ayre ,	<i>gana</i>
Descãce (ay infelice!) por el fuego.	<i>a al-</i>
Aqui desceraõ do Olympo as Pasto-	<i>ma cã</i>
ras, cujas distinctas vozes assim con-	<i>lison-</i>
tradifferaõ as do Caçador.	<i>jas.</i>

Pastor. Corre , Nynfa, al Olympo ,
 Que su Numen sereno
 Te obliga con las llamas ,
 Y aqui solo te engaña con los
 yelos.

110 *Obras da Madre Soror*

Caçador. A mis lamentos tristes
Se suspendan tus buelos,
Tengan-te mis suspiros,
Porque amor aprisiona con el
viento.

Pastor. De sus suspiros huyé,
Porque si a su lamento
Dà por remedio el ayre,
Que le quede en el ayre esse
remedio.

Caçador. Para à mi llanto, Diosfa,
Porque pare su excesso,
Que sintiendo anegarme,
Solo siento (ay dolor!) que a
ti te anego.

Pastor. Huye, Dea segura,
Y tu cothurno tierno
El riesgo tema solo,
Quando pare a temer en esso
riesgo.

Caçador. Escucha, que no puedes,
Si en mi llanto se ha puesto
Obstaculo a tu planta,
Monte de inundacion, y mar
de incendio.

Pastor. No escuches sus palabras,
Que ellos vanos concetos,
Esos

Essos acientos locos,
Quando nacen finezas, mueren eccos.

Caçador. Si huyes de mi, tyrama,
Corra a mi tu despecho,
Tan fuera estoy de mi,
Que en mi de mi puedes estar
màs lexos.

Pastor. Huye, que es falsedad
De su alebozo pecho,
Pues nunca en si està mäs,
Que quando en si parece que
està menos.

Caçador. Plegue al Cielo, enemiga,
Que en tu cothurno terfo
Prueve el Aspid lo dulce,
Porque pare al dolor quien
huye al riesgo.

Pastor. No hade tocar el Aspid
De tu planta lo bello,
Que no engañan las flores
A quien puede apelar a los luzeros.

Caçador. Salga Amor a buscarte
En apressados buelos;
Mas ay que no te alcança
El, o Nynfa, bolando, ni corri-
endo.

Pas-

Pastor. Que te figa Cupido
El lance no rezelo,
Porque en su amor, ò Nynfa,
Tiene más de suspiro; que de
aliento.

Caçador. Adonde vas, espera,
Sin coraçon, pues tengo
Por triunfo de mis flechas
La que cà ha sido imperio de
tu pecho.

Pastor. Es engaño, no pares,
Que tu coraçon cierto
Bolvió, Nynfa, a ser tuyo
Solo en querer dexar de ser
ageno.

Caçador. Las rosas te aprisionen,
Mas ay, que es devaneo,
Si no es que tu esquivas
No tiene en tu esquivas, ò
Nynfa, zelos.

Pastor. No temas los espinos
En su rigor sangrientos,
Que quien no puede al alma,
No importa, Nynfa, no que
hiera el cuerpo.

Caçador. Pues ya que tu crueldad
No cede a mis extremos,

Cubra el Cielo sus luzes,
Que ver ingratitude no quiere
el Cielo.

Tempestad pavorosa
Forme horrores funestos;
Y empeñadas las iras,
Sean los rayos el menor estruen-
do.

A las lluvias mis lagrymas formen *O Ma*
Mis suspiros cansados los vientos, *do en-*
Mis rabiozas pasiones los rayos, *santa*
Mis gemidos ruidosos los truenos; *tam*

Mis confuzos asombros las nubes, *suas*
Mi affligido semblante los seños, *trans-*
Mis mortales tristezas las sombras, *forma-*
goes.

Mi esperanza perdida los riesgos.
Mis voces impacientes los silvos,
Mis lamentos sentidos los eccos,
Mis despechos crueles las furias,
Mis bramidos rabiozos los eu-
ros.

Truenos, rayos, y lluvias,
Nubes, sombras, y seños,
Eccos, vientos, y silvos,
Euros, furias, y riesgos,

A sus ojos formad una noche,
 Infundid un horror en su pecho,
 Compond un temblor a sus voces,
 Arrojad a sus plantas mi yelo.

A estas voces se embaracarão as luzes,
 desatáráo os rayos, responderáo os ven-
 tos, e finalmente se formou huma tor-
 menta tão desfeita, que parecia querer
 o Ceo sepultar a terra nos abyssos. Era
 o astuto Caçador grande Mago, e valeu-
 se contra o desamor do encanto, quan-
 do não pôde fazer o encanto do amor;
 perdeu a Peregrina o tino, porque per-
 deu a luz, e vendados seus olhos nesta
 sombra a deixaremos até novo Capitulo.

CAPITULO X.

*Em que vacillante a alma nas fombra do
 Mundo pererra o Ceo com sua oração,
 e alumeada com hum rago de luz em
 suas escuridades fabe do Bosque
 seguindo a Christo.*

Buscava a Peregrina do Bosque a sa-
 hida, e só topava horrores, não sen-
 tia o rayo, que a amecava, só sentia
 che-

chegar aonde morria ; lembrou-se
do Olympo para o remedio , vendo
se só no Boique para o defengano ,
e fazendo memoria das misericor-
dias de sua Divindade , quiz obriga-
las rogando-as , porque lhe sabia as
condições ; levantou a voz a per-
suadir piedades , e orou assim.

Re-
corre
a al-
ma ao
Ceo
em
sua
affec-
ção.

Deidad del Olympo ,

Que escuchas mis ansias ,

Attienete fiel ,

Y no pido me valgas , que Dios

Es lo mismo escuchar que valer ;

Oma-
lhor
modo
de
per-
sua-
dir a
Deos
he or-
ran-
do.

Oyeme ,

Que buscando las luzes cegué.

A tu pecho suspiros arrojo caídos ,

Y quedame fé

Que a quel ayre , q buela por luzes ,

En tu pecho se llegue a intender ,

Oyeme ,

Que buscando las luzes cegué.

(confusa

En las sombras opacas perdida , y

Infeliz que hare ?

Pues palpando los vagos horrores ,

Solo veo que no puedo ver.

H ii

Oye-

Oyeme,

Que buscando las luzes cegué.

Señor de las luzes, Dueño de los rayos

Te llego a entender,

Solo un viso, que pido a tu luz,

Es un Sol, que conduce a mí bien.

Oyeme,

Que buscando las luzes cegué.

Si amor en tu pecho respira dichozo,

Su aliento me des, (aytès,

Que a quel fuego, que prende en los

En las sombras bien puede prender.

Oyeme,

Que buscando las luzes cegué.

De triste gemido, de tierno lamento

No hiziste desden,

Que el dolor, que no llega a sentir,

Es dolor, que no llega a temer.

Oyeme,

Que buscando las luzes cegué.

Su esfera luziente corra la cortina,

Dezemboce-se,

Y socorra la Estrella a la flor,

Pues retrata su gala a su ser.

Oyeme,

Que buscando las luzes cegué.

Orta vez escucha, ó Numen Divino,

At.

Attiende outra vez,
Y si acoges a la que no mira,
No desdenas a la que no ve,
Oyeme,

Que buscando las luzes cegue.
Aqui se arrojou do mais elevado do *Pode.*
Olympo hum rayo de luz, que des- *res da*
terrou as sombras, serenou o Ceo, *Ora-*
ressuscitou o dia, mostrando à Pere- *ção.*
grina no Bosque aquelle Pastor, que
no primeiro caminho a desviou del- *Soc-*
le, se bem com a mesma cautela, *corre*
porque sendo-lhe guia para a sáhi- *Deos*
da do Bosque, nunca lhe deu ros- *a al-*
to; alvoraçada a Peregrina, e dese- *maem*
josa de saber quem era o Pastor, já *suas*
de duas vezes olhado, e de nenhu- *escu-*
ma visto, elle lhe respondeu ao pen- *rida-*
samento assim. *des.*

Yo soy, Peregrina hermosa, *Zela-*
Yo soy, humana belleza, *nos, e*
El Señor de las llamas por zelos, *ama-*
y amores, *nos,*
El Señor de las luzes por solio,
y Estrellas.

Yo soy, beldad ignorante,
Yo soy, ô muger suspena,
H iii El

118 Obras de Madre Soror

El Señor de la tierra por plantas, y
flores,

El Señor de los mares por gracias,
y perlas.

Yo soy, animada flor,

Yo soy, vacilante Dea,

El Señor de los vivientes por almas,
y vidas,

El Señor de mortales por hombres,
y fieras.

Yo soy, querida dudosa,

Yo soy, desterrada bella,

El Señor de las pazes por Iris, y
rosas,

El Señor de las lides por tiros, y
flechas.

Yo soy, ó racional Nynfa,

Soy, Peregrina sedienta,

El Señor de las dichas por Cielos, y
glorias,

La Deidad del Casir por Astros, y
Esferas.

Soy el Dios del Olympo supremo,

Y el Pastor del Vergel, porque se-
pas

Que soy Dios a escuzar tu dolor,

Y soy hombre a sentir tu terneza.

Al

Al clamor, que llegado a mi oído,
El socorro tan prompto te muestra,
Que entre queixa, y remedio se duda
Si es primero el remedio, ò la queixa.

Al Olympo subieron tus voces,
Y una luz arrojé de su Esfera,
Que el amor, q dió flecha a mi pecho,
A tus ojos no quiere dar venda.

Tras las luzes al suelo me arrojo,
Duplicando sus gracias serenas,
Porque dar el remedio es poder,
Y assistir al remedio es fineza.

Si dezeas mirar de mis ojos
La escondida ignorada belleza,
Al Vergel tu cothurno destina,
Que entre flores se muestran Estrel-
las.

As vozes do Divino Numen eleváraõ tan-
to a attençaõ da Peregrina, que corren-
do a ellas, naõ advertio o que pizava
quando já respirava fóra do Bosque; cal-
lou o Pastor, furtando aos olhos, e ou-
vidos da Peregrina sua voz, e sua pessoa,
porque em callando aquella, se não vio
esta; achando-se a Peregrina naquelle ca-
minho de asperezas, que primeiro a con-
duzia ao Vergel do Pastor, de quem por

abreviar a saudades, começou a jornada. Se houver quem desta conte na segunda parte desta historia, descobrirá o Ver-
gel no Paraíso.

*A Autora não teve tempo de compor a se-
gunda parte.*



192

A ESPOSA
D O S
CANTARES.

DOENC, A DE AMOR.

A Dolece de amor la Esposa,
Porque fue de verdad su passion,
Que el amor quando dexa la vida,
Vida si puede ser, mas no amor.
Ansi explica sus ansias ardientes,
Ansi exprime su fino dolor,
Attencion, que se queixa, mas ay,
Que no cabe el affecto en la voz!

Febre.

Ardiente fiebre de amor,
Que toda el alma arrebatas,
Que dexas para la vida,
Si consumes toda el alma?
Ay que me abrazas,

In-

112 Obras da Madre Soror

**Intensificador, fuego activo;
Incendio de dulces ascuas,
Si te basta una centella,
Porque avivas una llama?**

**Ay que me abrazas.
En ti, dulcissimo fuego,
El alma, y vida batallan,
Que no puede la que vive
Al ardor de la que ama.**

**Ay que me abrazas.
Aplaca, amoroso incendio,
Cesse tu violencia blanda,
Si quieres matar, yá muero,
Si quieres herir, yá matas.**

**Ay que me abrazas.
Yá soy ardor, yá soy fuego,
Dime, violencia tyranna,
Que dejas para las piedras,
Si amenazas a las flammas?**

**Ay que me abrazas.
Toda esencia del amor
Parece fuego, que exhalas,
Si basta de amor el nombre,
Que hará del amor el alma?**

Ay que me abrazas.

**Ayre que ardo,
Flores que muero,**

Que me abrazo agua.

Agua

Agua que abraza el fuego,
Mas ay que el fuego no aplaca,
Porque lagrymas de amor
O son perlas, ò son brazas.
Ay que me abrazan,
Que son incendos fuertes
Lagrymas blandas.

Ayre, que muero al calor,
Mas mis fúspiros le traygan,
No deva a vuestras piedades
Lo que he podido a mis ansias.
Ay que me abraza,
Porque el ayre en el fuego
Sopla las llamas.

Flores, que muero de amor,
Tened, que abrazó al tomarlas,
Porque siempre a los incendios
Dan materia las fragancias.
Ay que me matan,
Que contra un pecho herido
Un jasmín basta.

Dor.

Dolor de amor,
Si dexas la vida,
No tienes valor.

El dolor de una ardiente sayeta
Mi pecho passó,
Mas tan dulce, que diera la vida
Por el dolor.

El dolor de una flecha suave
Mi aliento robó,
Si así son los ahogos, no quiero
Respiracion.

El dolor de un incendio brillante
Mi pecho abrazó,
Tan suave, que ni por las luzes
Diera el ardor.

El dolor de una herida amorosa
Mi affecto llevó,
Si así son los rigores, dexarlos
Serà rigor.

Al dolor de una llaga incurable
Mi pecho gemió,
Mas yo diera por este suspiro,
Toda la voz.

Por amor de un dolor amoroso
Mi vida suffrió.

Que el amor solo puede suffrirse
Por el amor.

Si tan dulcemente matas,
Dolor de amor quando hieres,
Quiero volver a la vida
Para volver a la muerte.

Hie-

Hiereme , hiere,
Porque no vive quien,
De amor no muere.

Buelve , dolor , amarme,
Apura la flecha ardiente,
Que quien ama de una vez,
Puede morir de dos vezes.

Hiereme , hiere,
Porque no vive quien,
De amor no muere.

A prieta , dulce dolor,
No afloxe tu valor fuerte,
Porque es rigor a quien ama,
Lo que piedad , a quien teme.

Hiereme , hiere,
Porque no vive , quien.
De amor no muere.

Hasta el aliento menor,

Querido dolor , no dexes,
Que respirar es afrenta,
Adonde espirar es fuerte.

Hiereme , hiere,
Porque no vive , quien,
De amor no muere.

Ati , suave dolor

Voto la vida contente,
Que quien ama , lo que vive,

Vive mal , en lo que quiere. **Hic-**

226. *Obras da Madre Soror*

Hiereme , hieie ,
Porque no vive quien
De amor no muere!

Desmayos.

Dulce desmayo de amor,
Si aprietas un poco más,
Podrás matar.

Podrás , podrás.
Podrás , suave deliquio ,
Toda la vida llevar,
Porque morir es lo menos,
Adonde amar es lo más.

Podrás , podrás.
Podrás , dulcíssimo incendio ,
Toda el alma arrebatat ,
Que ardor , que al alma no llega,
Si es mortal , no es immortal.

Podrás , podrás.
Suffocar todo el aliento ,
Podrás , dulcíssimo a fan ,
Que rezervar un suspiro
Es hazer cargo de un ay.

Podrás , amorosa fuerça ,
Podrás , amorosa fuerça ,
Todo el acuerdo quitar,

Que

Que hasta la memoria en tí
Se convierte en voluntad.

Podrás, podrás.

Podrás, querida violencia,
Todo el corazón pasar,
Que adonde un alma se hiere,
De un corazón que se hira?

Podrás, podrás.

Podrás, dulce parafísimo,

Todo el amor transformar,

Porque adonde está el amor,

Nada, sino amor está.

Podrás, podrás. (tar,

Podrás herir, podrás vencer, podrás ma-

Si eres amor, podrás, podrás.

Ay que me muero de amores,

Flores,

Ay ansias amorosas,

Rosas,

Ay amantes tributos,

Frutos,

Que desmayo de amores,

Dadme manzanas, traedme rosas

Cogedme flores,

Dulcísimo desaliento,

Ardor deste pecho herido,

Come

Como llevas el sentido
Si dexas el sentimiento?
Ay que sin vida lamento!

Serranas,

Dadme mançanas,

Pastores,

Cogedme flores.

Dime pues, blando homicida,

Responde, amorosa eslima,

Si hieres solo en el alma,

Como arriesgas el la vida?

Ay que muero de la herida!

Serranas,

Dadme mançanas,

Pastores,

Cogedme flores.

Si amor, ò dulce tormento,

Es aliento superior,

Quando dexas el amor,

Como llevas el aliento?

Ya siento amor, ya no siento.

Serranas,

Dadme mançanas,

Pastores,

Cogedme flores.

Dime pues, dolor esquivo,

Porque tu respuesta espero,

Si eres vida, como muero,
Si eres muerte, como vivo?
Ay que muero, y no apereibo!

Serranas,

Dadme mançanas,

Pastores,

Cogedme flores.

En vòs los Zefyros

Traygan instantaneos

Con rosas coloridas

Jasmines diafanos.

Tened, que desmayo,

De mi Amado simbolos

Rubicundo, y candido.

Corra en passo liquido

A tus pulsos languidos

De myrrha odorifera

Unguento aromatico.

Tened, que desmayo,

Pues respira ambares

El que vierte balsamos.

Los claveles, Principes

Deste verde ambito,

Curen salutiferos

Tus deliquios palidos.

Tened, que desmayo,

Pues veo en las purpuras
A sus golpes tragicos.

A tu fas purissima,
De la luz escandalo,
Rocien aljofares
Por remedio valido.

Tened, que desmayo,
Que en sus sienes unicas
Hay tan finos átomos.

Filomenas muzicas
Del nido de un álamo
Respondan a tus lagrymas
Con sus dulces canticos.

Tened, que desmayo,
Que a mis queexas intimas
Son alivios fatuos.

Mosquetas, y angelicas
Sin mirar obstaculos,
Y otras plantas floridas
Te previenen thalamo.

Tened, que desmayo,
Pues por esse vinculo
Gimo en este paramo.

Rosas, mançanas, flores,
Si sois amores,

Tened, tened,
Que si desmayo de amores,

Màs amores para que?

Para que?

Myrrhas, nardos, olores,

Si fois amores,

Tened, tened,

Que, si adoleſco de amores,

Màs amores para que?

Para que?

Gracias, luzes, primores,

Si fois amores,

Tened, tened;

Si eſtoy herida de amores,

Màs amores para que?

Para que?

Campos, Vales, Pastores,

Si dais amores,

Tened, tened,

Si eſtoy moriendo de amores,

Màs amores para que?

Para que?

Gemidos.

Terniſſimo ſuſpiro,

Rompe por las prisiones del ſilencio,

Y ſi aliento te falta,

En eſſas ayres beberàs alientos.

Busca mi Amado auzente,
Y al llegar a su assiento,
Si te deideña el ayre,
Dile, suspiro, que te busque el fue-
go.

A su pecho te arroja,
Y buelve a verme luego,
Porque, si en mi no estoy,
Quiero saber que estoy dentro en su
pecho.

Dile, suspiro mio,
Si te sale al encuentro,
Porque esconde las luzes,
Quando dexa (ay rigor!) a los incen-
dios?

Dile que peno, y lloro,
Mas que tanto le quiero,
Que entre extremos, y vida
A la vida darè por los extremos.

Dile que amor me mata,
Mas tan fina al intento,
Que quando muero, y amo,
Amo, suspiro mio, en lo que muero

Dile, porque es verdad
Que en tan seguros riesgos
Por lo que peno solo
Diera, suspiro mio, lo que peno.

Entre affecto, y dolor

Di que me abrazo, y quemo,

Y matarme el dolor.

Es desayre, suspiro, del affecto.

Di que tanto le amo,

Que es mi ardor tan intenso,

Que, si tuviera amor más,

Me muriera al pezar de querer me-
nos.

Dile, suspiro amante,

En mi dolor severo

Que, si a su centro huye,

Pare en mi coraçon, que es su centro.

Dile que tierna llamo,

Y me responde el viento,

Pues buscando sus voces,

Encuentra (ay infelice!) con mis
eccos.

Dile que amante clamo,

Si en este fino empeño

No alcanço una palabra

Quando, ay amor, suspiro por un
verbo.

Dile que a sus aromas

Arrojo mis alientos,

Y al buscar las fragancias

Bebo los ayres, los olores pierdo.

Dile, aunque cerca estè,
Que lexos le contemplo,
Si un àtomo que a parte,
Aunque tan cerca estè, se està tan
lexos.

Dile que quando fina
En mi llanto me anego,
Le busco en estes mares
Quando sé que se esconde en esses
Cielos.

Di que la peña dura
Se parte a mi lamento,
Si las peñas se quiebran,
A que aguarda, suspiro, di, su pechio?
Pero suspiro para,
Recoge tus excessos,
Que el aliento no llega
A dó puede llegar el sentimiento.
Ay de mi, ay,
Que sin aliento me veo
Suspirar por suspirar!

En tu auzencia, Amado mio,
Dura guerra en blanda paz;
Muero en soledad, y amor,
Si hay con amor soledad.

Ay de mi, ay,
Que te busco en el affecto,
Y me quedo en el afan!

Los

Los suspiros tras el Alma

Te buscan, mas viendo estan,
Quando un Alma no te obliga,
Como hade obligarte un ay?

Ay de mi, ay,

Que el suspiro puede menos;
Y el Alma no puede más!

Escucha, que de amor muero

Quando otra muerte me dàs,
Si hede morir de tu auzencia,
Muera de mi enfermedad.

Ay de mi, ay,

Muero de amor, si te quedas,

Y de dolor, si te vàs!

Buelve, buelve, porque acabo,

De tus piedades que haràs,

Si es muerte vivir sin ti,

Morir sin ti que sera?

Ay de mi, ay,

Que flechar un pecho herido

Es crueldad sobre crueldad!

Ay de mi, ay,

Que sin aliento me veo

Suspirar por suspirar!

Immortal hermosura,

Que solo tu podràs,

Siendo Lilio, clavel, jasmim, rosa,

Ser immortal,

Adon-

Adonde estas,
Que te suspiro, y no te puedo hal-
lar?

Deidad, y hombre tambien,
Que solo en ti veran,
Siendo hombre, siendo amante, sien-
do herido,
El ser Deidad.
Adonde estas,
Que te suspiro, y no te puedo hal-
lar?

Libertad de mi Alma,
Que solo a ti tu tendras,
Siendo amor, siendo affecto, siendo
laço,
Ser libertad.
Adonde estas,
Que te suspiro, y no te puedo hal-
lar?
Y el aliento, que busca tus gracias,
Fenece ya.

Sede de amor.

Arde, coraçon,
Coraçon, arde,
Que por más que beba,
No aplaco la sed.

Con

Con sed de mayor calor
De amor al pecho attendi,
Y luego fuego bebi,
Porque era la fuente amor.
Tanto ardor, y tanto ardor
Pudo duplicar la sed.

Arded, coração,
Coração, arded.

Esta fuente de amor pura,
Que su Deidad acredita,
Bien se ve que es infinita,
Pues a mi sed no se apura.
Si en su Divina dulçura
Al fuego creció la sed.

Arded, coração,
Coração, arded.

Por mysteriozos favores
Desta fuente los raudales
A la vista son corales,
A la essencia son amores;
Si en virtud de sus ardores
Al beber creció la sed.

Arded, coração,
Coração, arded.

Por esta fuente querida
En tan amorosa calma
Bien pudiera toda el Alma

Empeñar toda la vida;
Si amor, que en ella convida,
Offrece fuego a la sed.

Arded, coraçon,
Coraçon, arded.

Esta fuente, que en derecho
A la fe de amor segura,
No es hija de piedra dura,
Hija fue de blando pecho.
Amor, que correr la hà hecho,
Fuego le ofrece a la sed.

Arded, coraçon,
Coraçon, arded.

Esta pues fuente suave
Sabe amor sin màs sabor,
Mas a que sabe el amor
Solo el mismo amor lo sabe.
Si en su corriente no cabe
Màs de amor en tanta sed.

Arded, coraçon,
Coraçon, arded.

Esta fuente por verdad,
Si dezeais conocerla,
No corre, no perla a perla,
Corre piedad a piedad;
Si su ardiente calidad
Haze mayor vuestra sed.

Arded , coraçon ,

Coraçon , arded.

Muero , fuente , al pretenderte ,

Y tambien muero al hallarte ;

De sed muero al dezearte ,

Y de amor muero al beberte.

Si al tenerte , y al no tenerte

Muero de amor , ardo en sed.

Arded , coraçon ,

Coraçon , arded.

Sono.

A la sombra de un Dios me dormi ,

Y en tal suspension

**Quien havrà , que se atreva a inquie-
tarme**

A la sombra de un Dios ?

El rumor del Amor solo escucho ,

Mas en tal fazon

Es estruendo , que llama a quietudes

De amor el rumor.

A fragancias de flores no sople

El ayre velòs ,

Que el amor me respira en su aliento

Fragancias de flor.

Ni la vos Ruiseñora consiente

Mi rezelo hoy ,

Oh

Oh que dulce se está quien desdén
Voz de Ruiseñor?

Al temor, que me dexa mi aliento,
No respiro, no,
Que en mi misma mis propios alientos
Me dexan temor.

A la sombra del Sol me dormi,
Si amor me inclinò,
Que he dormido bien puedo afirmar
A la sombra del Sol.

Silencio, silencio, aves,
Callen vuestras voces hoy,
Que duermo para la vida
Despierta para el amor.

Dexenme dormir,
No me acuerden, no.
Blandos Zefyros, sosiego
En vuestro aliento véloz,
Que no es bien se atreva el ayre
Quando le opprime el ardor.

Dexenme dormir,
No me acuerden, no.
Pasillo, pasillo, affectos,
Quedo, que advertiros voy
Que a los silencios del Alma
No hade osar ni el coraçon.

Dexenme dormir,
No me acuerden, no.

Ardientes suspiros, passo,
Advertid que vozes fois,
Y si calla el pensamiento,
Como puede osar la voz?

Dexenme dormir,
No me acuerden, no.
Callad, que duermo segura,
Y aunque sin sentido estoy,
Yo diera toda la vida
Por toda la suspension.



Dexenme dormir,
No me acuerden, no.
Silencio, aves, silencio, fieras, filêcio, rîos,
Silêcio, ayres, filêcio, flores, filêcio, amor,
No gima fiera, no llore fuente, no can-
te Nynfa,
No sople viento, no mueva hoja, no
aliente flor,
Que de amor en los silencios
Asta el silencio es rumor.

Retrato de Christo Menino.

Lobrego tiempo, mas de Sol vestido,
Hora nocturna, mas de luz armada,
Por objecto me ofrece a una peña,
De aspecto dura, mas de entrañas bláda.

De

De sus senos intrínsecos
Se vomitan sin macula
No yà las sombras lobregas,
Mas las luzes diafanas.

Estudiando en los claros brillantes,
Que a la noche las sombras espantan,
Oygo una queixa de harmonia dulce,
Una ternéza de dulçura amarga.

Miro al secreto concavo,
Y advierto nò por fabula
Que sus ásperos intentos
Rompen amantes lagrymas.

El tierno llanto en mis oídos quiebra,
Yà que a mis attentiones se adelanta,
Viendo una noche de esplendores vida,
Viendo una peña de ternezas alma.

Alli el Amor puríssimo
Era en finezas candidas
De las lagrymas Tantaló,
Si de las luzes Aguila.

En contrarios affectos absorto
Miro uniendo la gloria en el ansia,
Que al compàs de harmonia celeste
El llanto corre, quando el viento para.
Queda el coraçon tremulo,
Porque es de accion fantastica
Meclar melodes canticos
Con doloridas lastimas.

A la espelunca màs adentro miro,
Y porque bruta concha se repara,
Quando a mirarla voy madre de perla,
Ay amor, la mirè madre de gracia!

Hospèda el feno incognito

En sus entrañas asperas

A la belleza unica,

Nò a la rudeza satyra.

Miro al Amor, admiro un Niño digo,
De los Cielos idèa soberana,
Este Niño, este Amor aquí vivia,
Este Amor, este Niño aquí matava.

Quedè al mirarle extatico,

Que haze su beldad maxima

Los incendios vivificos,

Y las acciones languidas.

Retratar su belleza quiziera,
Pero yelo en la luz, tiemblo en la llama;
Quien hade darme a los colores vivos,
Quando a las sombras son las luzes par-
das?

Mas si obscuros hyperboles

Nò son finezas validas,

Pintenle affectos candidos

En amorosa clausula.

Retrato.

Por el Amor pinto al Niño,
Y a justicia lo tendran,
Que el Amor por el amor
Solo se hade debuxar.

Dàme Amor para la frente
Los rayos de su Deidad,
Y cupo tanto de luz
En tan poco de crystal.

En las cejas puzo el arco,
Vibrando flechas estan
Muchos poderes de herir
En pocas fuerças de edad.

El fuego pone en los ojos,
Que nacen para abrazar,
Con todo el fuego de un Dios
Fuego de Dios que será?

Para las mexillas bellas
El Amor todo se dà,
Que un Cupidito de flores
Se debuxa en cada qual.

A la boquita graciosa
Diò su purpura Real,
Esta boca es muy pequeña
Para tanta Magestad.

Su niñes puzo en las manos,
Que es niño Amor claro esta,

Y estan sus manos en leche,
Si hade estar su cuerpo en pan.
Sus plantas dos flores bellas,
La flor del amor seran,
Medidas un poco menos,
Miradas un poco mas.
Su desnudez el amor
Para vestido le traz,
Porque estaba el niño solo,
Cubierto de su beldad.
Su llanto, pero su llanto
Pide otro assunto capaz,
Llanto de Dios, que Divino !
Llanto de amor, que leal !

Pranto.

Sus ojos, que en dulce paz
Nos trayen contra venenos,
Lloran perlas, quando menos,
Y finezas, quando mas;
Perlas, y amor al compaz
Corren en finos ardores,
Y mesclando los primores
Son, si quereis conocerlas,
Los amores como perlas
Y las perlas como amores.

Porque las perlas, que en ello,
Mostraron su amante tino,
Toman al amor lo fino,
Y dan al amor lo bello.
Echò la fineza el fello,
En fe de tanto valor,
Ansi hallareis en rigor,
Yendo por milagro a verla,
En cada amor una perla;
Y en cada perla un amor.

Con que era el Niño constante
En este llanto amorozo
Por los amores preciozo,
Y por las perlas amante.
Mudar pudo en un instante,
Que es de milagros compendio,
Quedando en este dispendio
Fatal injuria del oro
Los amores un thesoro,
Y las perlas un incendio.

Las flores, que adolécian,
Y de calor enfermavan,
En las perlas se abrafavan,
Y en los amores vivian.
Como las perlas se vian,
Sayetas al derramarse,
Como amores al gustarse.

Qual

Qual nectar fuelen tenerse,
Ellos pudieron beberse,
Ellas pudieron amarfe.
El Niño, que tierno amava,
Y sed de extremos tenía,
Lo que por su amor vertia,
Por su fineza agottava,
Y quando incendios gustava.
En lagrymas superiores,
Añelando mas ardores,
Dixo sentiendo correrlas:
Ya sois muchas para perlas,
Aun sois pocas para amores.
Este es su llanto Divino,
Mas este dolor fatal,
Ni a los crystales del llanto
Se hà podido retratar.
A que nasce, y por quien llora
Solo me falta explicar,
Nasce a morir; que fineza!
Llora por ti, que crueldad!

Retrato de Christo homem.

Por un valle de rosas, y de amores,
Delicias de Amalthea primorosas,
Adonde por contactos superiores,

Abjurando inconstancias amorosas,
 Los amores dexaron de ser flores,
 Y las flores dexaron de ser rosas,
 Un Joven baxa de belleza, y talle,
 Que es flor del campo, si lilio del valle.

Graves los passos, movimiento ayrozo,
 Passos de Magestad, si con desbelos,
 Y el Zefyro ha bolado de embidiozo,
 Por nõ mirar el ayre de los Cielos;
 Las señas deste pues Numen hermozo
 Te doy, por soccorrer a tus anelos,
 Entre hombres el mãs bello, no te assom-
 bres:

Porque el es Hombre Dios, los de mãs
 hombres.

Con ayre a las espaldas esparcido,
 El hermozo cabello enfortijado,
 La color de avellana se ha vestido,
 Y los rayos del Sol ha desdenado,
 El Joven, que de amor antes herido,
 En un solo cabello fue llagado,
 Bien pudiera, (ay prodigio siempre bello!)
 Bien pudiera herir solo en un cabello.

Un alba de açucenas prevenida,
 De mosquetas un dia luz elada,
 De jasmín un Aurora florecida,
 En su frente se ve por extremada,

Flores por quien la Estrella màs luzida,
Troco luzes por hojas arrojadas,
Lo que flores pediò contra rigores,
Sin duda se acordò de aqueſtas flores.

Que el amor era fuerte qual la muerte,
Dixo bien quien ſu ardor anſi compara,
Pues amor de ſus cejas, Divo fuerte,
Por arcos hermoſiſſimos diſpara,
Guerreros Iris ſon, ſi bien ſe advierte,
Blandos flecheros, ſi ſe repara,
Mortal ſois, ò dulciſſima homicida,
Que a merecer tal muerte, no hay tal vida.

Verdes los ojos graves, quando bellos,
Eſperanças de fé, porque conſtantes,
Si del amor los ojos no ſon ellos,
Quede ciego el amor como de antes.
Ojos, en quien la Eſpoſa, ſus cabellos
Aliñò para flechas penetrantes,
Penſamientos de amor, como os alejo,
Si os podeis aliñar a tal eſpejo.

Candido, y rubicundo es el Amado
En ſu buſca dizia amor profundo,
Ya que la faſ del Joven ha moſtrado
Ser candido el Amado, y Rubicundo,
Roſas a quien el Mundo ha ſeñalado,
Con ſus mexillas, ſon coza del Mundo,
Roſas de Jericò muy embidioſas,
Que no ſon de la tierra, tales roſas. La

La bocca de dulçuras cifra cierta,
 Como dizia un alma enamorada
 Original de gracias, quando abierta,
 Retrato de Rubi, quando cerrada,
 Silencio que la voz de amor despierta,
 Voz que a la suspension llama admirada,
 Clavel, que sin segundo en sus primores
 De la myrrha primera, esparce olores.

Finos thesoros son sus manos bellas,
 A las piedras preciosas figuradas,
 Hechas yà de jasmynes, yà de Estrellas,
 Quando a menos sentido comparadas,
 Quan liberales son lo digan ellas,
 Manos a repartir nunca cerradas,
 Manos de amor, y lo de màs es llano,
 Que nõ darà el amor, que estè en su mano?

Los pies, candidas flores, si advertidos,
 Y pies de ciervo son, si contemplados,
 Ligeros si a finezas omittidos,
 Tardos quando à castigos destinados,
 Fuego veloz, si llaman sus sentidos,
 E lada flor, si irritan sus cuidados,
 Ansi quando se enoja, ansi se ama,
 Que para rayo, quando buela llama.

De texida violeta es el vestido,
 Sin la mezcla admittir de otras colores,
 Y el Joven, que de flores le ha texido,
 Todo

Todo fragancias es, es todo olores;
Los unguentos, que ha vertido,
En el campo producen nuevas flores;
Tal su fragancia es, que en dulce calma,
A sus olores corre, toda el Alma.

De aljofar coronada la cabeza,
Que la Aurora le dió con el desvelo,
Quando a puertas llamando la terneza,
Con la nieve le pagan el anelo;
Dando amor por extraño en su entereza
A fineza de ardor, laurel de yelo,
Dudando en sus cabellos de continuo
Entre el oro, y la perla, qual es más fino.

Este pues es el Joven es tremado,
A quien un Alma fina ando buscando,
Este por quien andaba su cuidado
De Judea a las Nynfas preguntando;
Este solo el amante quando amado,
Si así fuesse el amado, quando amando;
O fu, que fu belleza aquí percibes,
Si no mueres de amor, para que vives?

Retrato de Christo morto.

Pinto de amor el cazo dolorido,
Que es mirar por amor, amor herido,
De la luz el assombro más llorado,

Que es ver al mismo Sol todo manchado,
De la flor a la offensa más sentida,
Que es mirar la belleza escurecida,
Aqui tierna lamento
Muerto Amor flor pizada,
Sol sangriento,
Lagrymas fieles,
Rojos claveles,
Rosas cruentas,
Flores sangrientas,
Luzes de urnas,
Sombras nocturnas,
Me den colores,
Que retrato el dolor de los dolores;
Pinto de un Joven la belleza herida,
Que compriò su fineza con su vida,
Pues solo en tal extremo su fineza
Atreverse podia a su belleza.
Un monte en su tragedia se bañava;
Quando con su tragedia se ablandava;
Que a terneza provoca
Fiero error, dura peña, firme roca.
Muertos sentidos,
Roncos gemidos,
Tiernos clamores,
Finos dolores,
Perennes llantos,

Duros quebrantos
 En este asunto
 Son exequias de Amor quando defunto;
 El monte, que esperanças se vestia,
 Ya todo de rigores se teñia
 Y la crueldad, que en rayo le ha mudado,
 Por lo verde le dió lo colorado;
 Dexando al Joven su passion furiosa,
 Mortaja de clavel, urna de rosa;
 Y alumbra a su figura
 Ciega luz, triste Sol, Estrella escura.
 Blandos lamentos,
 Tardos alientos,
 Quexas sentidas,
 Vozes heridas,
 Eccos cansados,
 Pues que del trato,
 Corran la cortina a este retrato.
 Bañado en sangre, es verdad,
 Dexando en tanta porfia;
 Las flores con compaña,
 Las venas con soledad;
 Y porque su affecto dà
 Esta sangre en sus ardores,
 Como en subidos favores,
 La sangre de Amor bebieron;
 Todas las flores crecieron,
 Crecieron a ser amores.

Purpura cubre fatal,
De su cabello el thezoro,
Que a tantas luzes de oro,
Tanta sombra de coral.
En este rigor mortal,
Siendo tan claro el farol,
Contra el hermoso arrebol,
Mandando Amor se desangre,
Pudo una lluvia de sangre
Matar los rayos del Sol.

Tanta rosa deshojada,
Tanto clavel esparcido,
Tanto coral derretido,
Tanta purpura arrojada.
Hizo de su frente elada,
Un compuesto de dolor,
Y como en este rigor,
La fineza se acrifola,
Sola con su frente sola,
Frente a frente vence Amor.

Las ojas despedaçava
La crueldad, que se admiró,
Quien a Cupido quebró
Los arcos, con que flechava.
Al rigor, que mal tratava,
Rendidas armas son hechas,
En tempestades deshechas,

Que-

Quebrados Iris se vieron,
Si hasta los arcos hirieron,
Que perdonaran sus flechas?

Los ojos, que el Cielo affombra,
Su bellissimo arrebol,
Parecen noches de Sol,
Parecen dias de sombra,
Y como el Amor se nombra,
Luz de sus ojos sin par,
Una amorir, otra a acabar,
Entre acabar, entre acabar,
Era el Amor a encender,
Era la muerte a pagar.

En sus mexillas, que odiosa
Affrentó mano cruel,
Està llorando el clavel
Los ultrajes de la rosa,
Y viendo su pompa hermosa,
Impossible a conocerse,
Ya capaz de enternecerse,
Tanto llorò, llorò tanto,
Que, siendo de sangre el llanto,
Pudo el llanto convertirse.

La bocca, en quien se ha advertido,
De las gracias un traslado,
Oy se vè clavel pizado,
Si ayer fue Rubi partido.

Amor,

Amor, que de verla herido
Està, su vida atropella,
Como de la bocca bella
Pendiente su aliento mira,
Si antes por ella respira,
Aora espira por ella.

El pecho a la fin rason,
Tan passado, que sospecho,
Que por la herida del pecho,
Enseñava el coraçon;
Y como en el per rason,
El Amor aposentaba,
Quien al coraçon miraba,
Que en el pecho se attendia,
Hallo que el Amor vivia,
Quando el Joven acababa.

Atrevimientos tyrannos
Passaron sus manos bellas,
Quien nõ tocò las Estrellas;
Como ha tocado sus manos?
Mas decretos soberanos
Las dexaron trespasar,
Pues tan hechas son a dar
Manos de grandeza llenas,
Que la sangre de las venas
No supieron rezervar.

Tanto el cuerpo demudavan
Los rigores, que en el vian,
Que las heridas creyan,
Quando el herido dudavan.
Tanto le desfiguravan
Rigores de tal renombre,
Que para que más affombre,
Alli dudava el fentido,
Si era un hombre, como herido,
Si una herida como hombre.

En fus pies la ardiente ira
De dos llagas abre bocca,
Suaves a quien las toca,
Sangrientas a quien las mira.
Su dulçura no retira,
Tanta apparencia cruel,
Y dixo un Alma fiel:
Oy son flores coloradas,
Y mañana seran miel.

Ansi en el monte arrojado
Estava el Joven herido,
Todo de rosas vestido,
Y de espinos coronado.
Muerto, si nõ sepultado,
Le hizo epitafio el dolor,
Que en la hoja de una flor
Escreviò breve epizodio:

Aqui

Aquí mataron por odio.

Aquien murió por amor.

Retrato de Christo Resuscitado.

Una Aurora de perlas dichosa,
De jásmines un Alva risueña,
De açucenas mañana suave,
Crepúsculo de aljofar, y mosquetas.

Nos descubre de un Joven la gala,
Que al Amor se parece en la feña,
Pero trae en sus manos las llagas,
Aunque trae en sus ojos las flechas.

Retratar su belleza perfume
Por la misma mañana serena,
Porque luz, que dió vista a sus gracias,
Solo sirve pincel a sus prendas.

El Sol en sus cabellos naciendo

Va con presteza,

Y daría sus luces el Sol

Por esta Estrella.

Tanta luz muerta,

Que serenan dos mares

En sus tormentas.

Los albores desta Alva nevada,

Su frente tersa,

Mas adonde su frente es el Alva,

Ella es la negra.

So-

Solo por verla,
A los mares se arrojan,
En frente desta.
Son sus ojos el dia luzido,
Porque amanesca,
Que sin luzes de sus ojos el dia
La noche fuera.
Tal Sol encierran,
Que enxugar pueden llantos
De Magdalenas.
Sus mexillas las flores hermosas,
Que alli se enseñan,
Y las rosas con todas disputan
La preferencia.
Flores tan bellas,
Que las busca pizadas
Quien las viò enteras.
De la riza del Alva su bocca
Se vè compuesta,
Siendo alli de claveles el Alva,
No de açucenas.
Y aqui se encuentran,
Por este mar de gracias
El pez, y perlas.
Sus alientos los ayres suaves,
Que esta Alva estraña,
Y alli beben las flores los vientos
Por ayres della. Flo-

Flores cautela,
Porque sopla en su aliento
De Amor la fuerza.
Del llanto de la Aurora, sus manos,
Nos hazen señas,
Que de perlas sus manos hermosas
Parecen hechas.
Si quereis verlas,
Echad por ellos trigos,
Y conocedlas.
El Amor, que en esta Alva se mira,
Su pecho era,
Porque guarda en su pecho este Joven
De Amor las flechas.
Para más su prueba
El que toca su pecho,
La fe protesta.
Destá augura dichosa los yelos
Sus plantas tiernas,
E allí ofrece el amor en crystales
De coral néctar.
A' Magdalena
Le dize que no toque,
Si abeber llega.
Son su gala las luzes alegres
Destá Alva attenta,
Y entre todas las luzes, su gala
La gala lleva;

Luz tan suprema,
Que a los ojos del sueño,
Rompe la venda.

A Samaritana.

Era la hora, en que el Fenix,
De la Esfera Celestial,
Que es cada dia milagro,
No prodigio cada edad.
El que luminozo, y raro,
De todo el Mundo ala faz
Haze gala de morir,
Viendo que no hade acabar.
El que singular, y Divo,
Renace para inmortal,
Sin mas aroma que el ambar,
Sin mas fuego que el crystal.
El que se esconde, y se muestra,
Ya inmortal, y ya mortal,
Siendo su cuna los montes,
Y siendo su esquilfe el mar.
La hora digo, en que el Sol
En su ardiente fiebre esta,
Con el delirio de hetir,
Sin nascer para matar.

Quando muchos de sus rayos
 Huyendo grofferos van,
 Porque hay hora, en que tambien,
 Se huye de la beldad.

Quando la flor calurosa,
 Porque se siente affrentar,
 Pide al Zefyro suspiros,
 Que a una flor le basta un ay.

Quando la fria Acucena,
 Por no llegarfe a quemar,
 Haze al incendio de un Dios,
 Sombra de su castidad.

Quando sonolenta el ave,
 Aunque a despertarla van,
 No canta de amor, porque,
 Quien duerme no sabe amar.

Quando sediento el Pastor,
 Que con su ganado va,
 Dexando el Sol por la fuente,
 Trueca el oro por crystal.

Quando a su sociego azido
 Convida el que tiene pan,
 A Orfeo para dormir,
 Y Zefyro para velar.

Quando la Dama más pura,
 Que el Aurora hade imbidiar,
 Suda aljofar por la frente,
 Que recoje en su cambray.

A esta hora pues camina
Para el poço de Sicar
Con un cantaro una joven,
E inconstancia al barro dà.
Como Gongora dire
Ser esta perla Oriental
La arrecada de su aldea,
Sinò lo es de su beldad.
Quien la encontra, y la conoce,
Con razon puede notar
Que alma de cantaro lleva,
Si alma de cantaro traye.
Coronado el cantarillo
Todo de açucenas va,
Porque en el poço compitan
Las flores con el crystal.
Y Diana de offendida
Quizo el cantaro quebrar,
Viendo flores de pureza,
Donde flores de amor hay.
Ella traye verde faya
Con vivo color de mar,
Y deste mar, deste campo
La perla, y la flor fera:
Un giboncillo de grana,
Que dexa a medio abrochar,

Que no admitte la prizion
 Pecho, donde hay libertad
 Con una cinta de nacar
 Quizo el cabello apertar,
 Qual fus pensamientos libre,
 Negro qual su ceguedad;
 Un volante sobre ellos,
 Al Ayre dexa bolar,
 Que no sirve a la modestia,
 Quien sirve a la vanidad.
 Al cuello colares finos,
 Que el pecho cayendo van,
 Si en pecho de siete amores,
 Puede haver fino coral.
 Blanco cuero el pie le aprieta,
 Que no sabe que hade andar,
 Lo que va de tierra al Cielo,
 Y de Divino a mortal.
 De su traje a su hermosura,
 Aora intento passar,
 Porque al retratar la concha,
 Me llama la perla ya.
 De azavache los cabellos,
 Mas tan hermosos estan,
 Que aun hay mina, que su oro
 Por este azavache da.

La frente, que un Dios en frente
Luego encuentra, en el afán,
Si llegó madre de perlas,
Madre de luz bolverà.

En las cejas ya se vê
Que de ayer a hoy seran,
Si en Samaria arcos de guerra,
En Sicar arcos de paz.

Negros los ojos de quien
El Amor cautivo và,
Y negros que hazen esclavos,
Siendo par, no tienen par.

Hermosos, pero traviesos,
En esto duda nõ hay,
Que ojos, que miran a siete,
No tienen mas gravedad.

De la nariz ya se sabe
Ser en perfeccion cabal,
Destinada a las fragancias,
Que la primer myrrha dà.

La bocca rubi, mas nõ,
Que donde hay perlas, hay coral,
Por pequena hà sido menos,
Si por bella hà sido más.

Entre rosada, y trigueña,
La color graciosa està,

Que ni siempre la hermosa,
En blanco se hade quedar.
Las manos, que al guante ignoran,
Adrede se enseñaran,
Porque son manos tan bellas,
Que la palma han de llevar.
El cuerpo con tanto brio,
Que al ayre ha hecho parar,
Y tiene en traje de Aldea,
Gallardia de Ciudad.
Ansi al fin de su camino,
Llegò, como al de su mal,
Para Aldeana muy Nynfa,
Muy muger para Deidad.
Llega al poço, y mira en el,
Sentado sobre el boccal,
Un Numen, un Sol, un Cielo,
Poco he dicho, porque es más.
Mira un hombre, digo un Dios,
Ansi lo hede confessar,
E a nõ dizirlo su fer,
Lo dixera su beldad.
Morado el grave vestido,
Y en este color darà,
Presuncion a la violeta,
Como a la rosa pezar,

Rubio , y ayrozo el cabello ;
A la Nazarena va ,
Mas penfamientos de un Dios
No fe pueden retratar.
Las cejas fon tan hermosas ,
Cordon de la libertad ,
Que amor en cada cordon
A mil Almas puede atar.
De la frente en frente el tiempo
Canta lo que ha de llorar ,
Que ha de tener dos Coronas
De opprobrio , y de Magestad .
En los ojos unir fupo
Lo verde a lo Celestial ,
Hiriendo de amor fon flechas ,
Mirando de amor , piedad .
La nariz , que fe fuppone
Ser de perfeccion igual ,
Dezafiando lo bello ,
Ya partiendo el Sol efta ,
Myrrha deftilan fus labios ,
Gracias efparciendo van ,
Bocca al fin , que con un *flat*
Hizo Cielo , tierra , y mar .
En lo brillante , y lo bello ,
De fu luminofa faz ,

Entre jasmines , y rosas
El Sol empieza a rayar.
Dos açucenas las manos,
Quien las contempla dirà,
Que todo el poder Divino
En dós flores llega a estar.
Los pies tosca alparca cubren,
Y tan veloces seran,
Que midan en siete Passos
Del amor la inmensidad.
Todo el hermoso compuesto
Es de tanta Magestad,
Que lo humano , a lo Divino,
Sirve de poco disfraz.
Ansi que llegó Fotina,
Agua le pide a su afan,
Es mucho que quien la cria,
La llegue a necessitar.
Ella con seño le mira,
Mas luego le hade dexar,
Que a las puertas de esse seño
El amor batiendo està.
Que le oíò con seño digo,
Por su traje le inculcar,
Sobre el rencor de Samaria
Las señales de Juda.

Ansi le dize, se admira
De que pretenda llevar,
Para la sed de Judea,
De Samaria la piedad.
El agua le difficulta,
Ah Fotina adonde estás,
Que una sed de agua le niegas,
A quien el Alma has de dar!
Y arrepentida, y amante,
Oy mismo le ofrecerás,
Si en tu pecho todo el fuego,
En tus ojos todo el mar.
Si supieras, Jesus diko,
Quien te ruega esse raudal,
A quien el agua te pide,
Agua havias de rogar.
Que agua viva tengo yo,
Siendo de tal calidad,
Que para siempre la sed,
De una vez llega a matar.
Dàme de essa agua responde,
Por escuzarme el afan
De venir por el calor,
A demandar el crystal.
Aqui Jesus le decifra,
Desta agua el raro caudal,

Que

Que yo dizir no sabrè,
Y el solo explicar podrá.
Ella, que oyendo le admira,
Tan dulce, y tan eficaz,
Ya por Profeta le tiene,
Que es lo que llega a alcanzar.
A sus dudas le propone,
Que todas a la Ley van,
Y como es Sol, a las nubes
Pudo luego desterrar.
De allí passa a descubrirle,
Sus tratos, y liviandad,
Y ya le sospecha un Dios,
Pues mira más que un mortal.
Ser el Messias le dize,
Al instante le cree tal,
Y en un instante hazer supo
Fe para una eternidad.
Ardiente sayeta amor,
Và quitando del Careaz,
Y apunta un tiro de fuego
Aun pecho de pedernal.
Con que aquí passó Fotina,
Tal es del amor la edad,
Muchos siglos de querer,
En pocas horas de amar.

Jesús con dulce sociego
 A Fotina en blanda fragua,
 Quanto le ha pedido en agua,
 Ya le va pagando en fuego.
 Con que por esta agua luego,
 Le da fineza, y ardor,
 Y trueca tan superior
 Excede, si hay conocerla,
 Lo que va de agua a perla
 Lo que va de sed a amor.

Alli mudada, y capaz,
 A muchos dexò por uno,
 Porque es amor de ninguno,
 A quel, que es amor de más.
 Luego con fuerça effiaz
 Siente el amor verdadero,
 Antes solo hizongero,
 Entre tantos dividido,
 Que en un coraçon partido,
 No cabe un amor entero.

Agua fria iba a bufoar,
 Quando agua viva encontrò,
 Con que la culpa mató,
 Si la sed iba a matar.
 De alli no intenta passar,
 Y el Cielo le haze festin,
 Y tan inflamada al fin

Duros lamentos.

Todo rigor,

Llorando Maria,

Herido el Amor.

En los brazos de su Madre

Herido el Amor se vió,

Y las heridas de uno

Ya son penales de dos.

De la que siente al que sufre,

Ventaja el dolor llevó,

Que a las heridas del Alma,

Ceden las del corazón.

Partido el dolor está,

Mas entero te sufrió,

Que ni para la fineza,

Admite la distincion.

Blando llanto a duro golpe,

Para remedio corrió,

Pero como hade curar

Las heridas el dolor?

Cessen perlas, y rabies;

Mas nó pueden cessar, nó,

Que quien llora es la fineza,

Y quien sufre es el Amor.

Ay que dolor,

Llorando Maria,

Herido el Amor.

Piedras partidas, &c.

Ay que dolor,

Que no se ama el Mundo

El Amor!

Ay que cuydado,

Que en la tierra el Amor,

Nó es amado!

Ay que gemido,

Que del Alma el Amor!

Nó es querido!

Ay el Amor no es amado,

Porque en tanta estimacion,

Llega a resistir un Alma,

Toda la fuerza de un Dios!

Ay que sois piedras los hombres,

Mas ay, que piedras nó sois,

Que donde una piedra arde,

Se reziste un coracon!

Ay que son nieve las Almas,

Mas nó son de nieve, nó,

Que estas rezisten al fuego,

Y aquella se rinde al Sol!

Ay que la vanidad lleva

Todo el affecto rebol,

Y dan los hombres al ayre

Lo que niegan al Amor!

Ay que Amor está folo,
 Porque el Mundo le dexó,
 Y siendo el Amor tan uno,
 No ay para seguirle dós!
 Ay que dolor,
 Que nó se ama en el Mundo,
 El Amor!

Mundo ingrato, Alma, dura,
 Rinde-te al Amor,
 Que a su valor,
 El bronce se apura,
 La Estrella se piza,
 La flor se eterniza,
 La peña se hende,
 La nieve se encende,
 Se yela el ardor,
 Rinde-te al Amor.

Aunque feas de nieve, y de fuego,
 De Estrella, de peña, de bronce, de flor,
 Rinde-te,
 Y si quieres rendirte,
 Mira-le,
 Rinde-te a su cabello,
 Porque nó es bien,
 Que, siendo de Amor laço,
 Sin preza esté,
 Rinde-te,

Y si quieres rendirte,

Mira-le.

A su frente te rinde,

Y advierte que,

Por más que huyas te quedas,

En frente del.

Rinde-te,

Y si quieres rendirte,

Mira-le.

En sus cejas te hiere,

Que en tal poder

De sus cejas sus arcos,

Hizo esta vez.

Rinde-te,

Y si quieres rendirte,

Mira-le.

A sus ojos te entrega,

Que en tanta fe,

Podrá ser que en sus ojos

Por niña estés.

Rinde-te,

Y si quieres rendirte,

Mira-le.

Rinde-te, a sus mejillas,

Porque también

Sin espinas la rosa

Puede prender.

Rinde-te,
Y si quieres rendirte,
Mira-le.
A su bocca te rinde,
Deuda fiel,
Porque a su aliento debes,
Todo tu ser.

Rinde-te,
Y si quieres rendirte,
Mira-le.

Coraçon, de que es tanto infociego?
Fuego.

Que te affusta entre tanto desmayo?
Rayo.

Que te mata en fortuna dehecha?
Flecha.

Ya sabido se està tu dolor,
Fuego, rayo, faeta es amor.

Que rezelas, que alientas tan tardo?
Dardo.

Que te alcança entre tanto retiro?
Tiro.

Que te duele, que nada te hallaga?
Llaga.

Entendido se està tu penar,
Dardo, tiro, herida es amar.

Coraçõ que a gemir te condena?

Pena.

Que te anega en un mar de quebranto?

Llanto.

Que te explica, que oirte nõ hay?

Ay.

Entendido se està tu temer,

Pena, llanto, suspiro, es querer.

Que appetecen tus penas forçofas?

Rofas.

Que dezeas en tantos dolores?

Flores.

Que quizieras en tiernos tributos?

Frutos.

Ya sabido se està tu dolor,

Que flor, rosa, mançana, es amor.

Frutos, rofas, flores,

Ays, llanto, pena,

Llaga, dardo, tiro,

Que ferà, que ferà coraçõ?

Es amor, es amor, es amor.

Y sinó es amor,

Y si nõ es querer,

Yo nõ sé lo que puede fer.

Un coraçõ, que abrazado,

Al fùego de amor se vé,

Y muere de muchas vezes.

Porque quizo de una vez,
Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Que harà, si de amor herido
En tan ardiente querer,
Si ayre pide, el ay es fuego,
Si agua pide, el llanto es sed,
Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Si la herida es penetrante,
Y tan penetrante, que,
Por la herida el mismo amor,
Si nó se cura, se vé,

Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Que hade hazer, si muere, y vive,
Que en uno, y otro bayben,
Quando muere como amante,
Resuscita como se,
Que hade ser, que hade ser?

Arder, arder.

Coraçon, que en las llamas se abraza,
Que hade hazer?

Morir, penar, arder.

Que harà, que harà?

Morir, arder, penar.

Que hade hazer?

Morir, penar, arder.

AO SANTISSIMO SACRAMENTO.

F Ineza de amor oy fale,
A infinita tu grandeza,
Pues que vales, ò fineza,
Esso mismo, que Dios vale.
Tu quantidade sobrefale,
A nõ caber en progressos,
El mayor de los successos,
Como hade explicar la voz,
Sabe, ò excesso de Dios,
Que eres Dios de los excessos.

Poder, y amor un gran banquete hizieron
Para el hombre, de entre ambos cõbidado,
Y quando el mismo Cielo suspendieron,
Que al supremo combite fue llamado,
A un bocado no más le resumieron,
Mas oh valor inmenso del bocado!
Oh grandeza fatal al Mundo assombre,
Que el mismo Dios bocado fue del hõbre!

Christo no Horto.

Fina sangre, que en virtud,
Correr de duro rigor,
Pareces dolor de amor,
Y queixa de ingratitud.

Ya sé que nó paras tu,
 Entre flores inferiores,
 Tus raudales superiores,
 Passan a mayores palmas,
 Que quien corre por las Almas,
 No descansça entre las flores.

Prizaõ de Christo.

Dezidme adonde os llevais,
 Armada gente en rigor,
 Si está prezo por amor,
 Quien por odio aprender vais?
 Tan à prissa caminais,
 Para al Juiz le entregar.
 Hombre que me hazes temblar,
 Tu temeridad notando,
 Mira que el que estas juzgando,
 Es el que te hade juzgar.

A bofetada.

Mano, que contra Dios te levantaste,
 Mano, que contra el Cielo te atreviste,
 Para mano con alma, mucho erraste,
 Para mano sin alma, mucho heriste,
 De la esfera del Sol horror baxaste,

Si a la esfera del Sol rayo subiste,
Sabe, ò mano cruel, porque te affombre,
Que hieres rostro de Dios, con mano de
hombre.
O golpe cuya crueldade,
Al mismo Cielo pasmò,
Si eres mucha injuria a un hombre,
Que injuria fuiste a un Dios!

A Christo no tribunal de Herodes,

No habla, aunque se le offerece,
Porque Christo en esta junta,
No responde a quien pregunta,
Mas responde a quien merece.

A los açoites.

Tu nó te sientes, nó, ó piedra dura,
Por esso lo que tocas, nó has sentido,
Pero mi coraçon mas duro ha sido.
Pues sentirlo, sintiendo, nó procura.
Essa sangre, que amor de amante pura,
Corriendo por tu ser endurecido,
Tu dureza ablandar no ha pretendido,
Mi coraçon labrar solo procura;
Ah coraçon labra tu al instante,
Que es sangre de cordero, y tu diamante.

Ecce

Ecce Homo.

Eis el hombre; cruel pueblo tirano,
Contra quien tu rigor n^o has suspendido
Tan herido a la fuerza de tu mano,
Que una herida parece, n^o un herido.
Pasado de dolor tan inhumano,
Desnudo, defangrado, escarnecido,
Si es Dios, como te atrebes a offenderle?
Si es hombre, q^u mas quieres, q^u ansí verle?

Coroa de espinas.

Esta Corona, a que inclinas,
S^ñor, tus sienas hermosas,
Para el amor fue de rosas,
Para el odio fue de espinas.
Y en finezas tan Divinas,
En Corona tan punsante,
Que estimas mas es constante,
Por guardar de amor la ley,
Que la que tienes por Rey,
La que tienes por amante.
Essas sienas hermosas,
Que con tratos indignos,
Oy coronas de espinos,

Oy salpicaes de rosas,
Digna Grinalda dellas,
No fuera el Sol, la Luna, y las Estrellas.

A lavar as mãos Pilatos.

Mal juez à tu impiedade,
Essa accção nõ la defrangoa,
Para que buscas el agua,
Si desprecias la verdad?

Ao encontro da Senhora na rua da

amargura.

Bien os pudiera escusar,
Ay, ojos tanto quebranto,
El raudal de vuestro llanto,
Pues os pudiera cegar.
Mas si dolor de matar,
Hizo nõ mortal la herida,
Uno, y otro es homicida,
Màs tirano en tal conquista,
El llanto por dexar vista,
El dolor por dexar vida.

A Veronica.

Para las tintas, el Cielo todo es pizado,
 Para las cores, amor todo es ferido,
 Para las sombras, el Sol se ha eclipsado,
 Para las luzes, la fe se ha prevenido,
 Para el lienço, el affecto se ha fiado,
 Para el pincel, a la gloria se ha subido
 Para el custo, retrato ya me affusto,
 Todo un Dios se vendió, só para el custo.

A Cruz.

O' Leño Sacro, O' Cruz incompetida,
 O' dulce planta vitorioza palma,
 Quien te pudiera introducir por Alma,
 Ya que te puede merecer por vida.

A Christo na Cruz.

El cuerpo todo en purpura bañado,
 El aliento a la angustia suspendido,
 El pecho a los deliquios todo elado,
 El coraçon de amor todo acendido,
 Coraçon, pecho, cuerpo defangrado,
 Pecho, coraçon, cuerpo todo herido,
 Así Christo en la Cruz, amargo dia,
 Bien amava, ay dolor, y mal vivia.

De

De carmin las madexas coronadas,
El semblante de nacares teñido,
Las manos de claveles ocupadas,
El pecho de corales guarnecido,
Las plantas de rubies salpicadas,
Todo el cuerpo de purpura vestido,
Así Christo en la Cruz, ay Dios, estava,
Porque todo en su sangre se bañava.

A Lança.

Aguarda tu tyrannia,
Lança errada a toda luz,
Pues vas herir a Jesus,
Y das el golpe en Maria.
Grande tu crueldad seria,
En el lance, que apercibo,
Quando en dolor tan esquivo,
Fuesse tu rigor incierto,
Por herir un cuerpo muerto,
Passando un coracon vivo.

Mas ya sé que en tanta calma,
Intenta tu tyrannia,
Hallar el Alma en Maria,
Por ser deste cuerpo el Alma.
Tu crueldad lleva la palma,
Si a mi dolor no se esconde.

Por más que rompas adonde,
El sentimiento se olvida,
Que de esse cuerpo la herida,
Aquella Alma corresponde.

Nunca tu rigor se olvida,
Si hazer sabe tu rigor,
De una herida sin dolor,
Un dolor, que es como herida.
En la occazion ofrecida,
De atormentar no cansada,
Que fuiste tu quando alçada,
Ya mi sentimiento alcança,
A quien te recibe lança,
A quien te mira lançada.

Que importa que tu rigor,
O' lança en tanto despecho,
Nó duela em mi muerto pecho,
Si duele en mi vivo amor.
Por esso en esto dolor,
Cruel la razón te Hama,
Quando la piedad infama,
De tu rigor tiernamente,
Pues de donde nó se siente,
Vas adonde bien se ama.

Alientas tus sin razones,
Porque tu rigor defangre,
Un cuerpo con poca fangre,
Pero con dos coraçones.

Mas

Mas si a la crueldad te impones,
Quando la crueldad profieres,
Advierte, porque nó erres,
En esse golpe, que tratas,
Que hieres onde nó matas,
Y matas onde nó hieres.

Passa ayrado tu furor,
Sin reparar advertido,
Que contra un pecho rendido,
Eres sobrado rigor.

Y de tu dureza amor
Se queixa con sentimento,
Mas ya sé que en esse intento,
Dás de tu poder indicio,
Pues que sobre un sacrificio,
Hiziste un Sacramento.

El furor inimigo,
Que mi dolor repara,
Pára pára.

O' Lança, si te obligo,
Pues hiere tu despecho,
Hombre Dios, vivo amor, defunto
pecho,

Y nó es capaz de herida,
Vivo amor, muerto pecho, immortal
vida.

A Christo morto.

O' tranze, cuyo dolor
A todo dolor excede,
Yo nó sé como ser puede,
Explicarse tu rigor.
Y solo pudo el amor,
Que uno, y otro pecho heria,
Dizirlo; mas nó haria,
Que solo dixerá tanto,
El mar de sangre, y de llanto,
De Jesus, y de Maria.

A vida à vossa morte tan unida,
Quero Senhor en vinculo tan forte,
Que pela morte só respire a vida,
Ja que foy minha vida vossa morte,
Tan reciproca fim, y extremecida,
Tan vinculada pois, y de tal sorte,
Que vossa dor, Senhor, en fina calma,
Fique na minha vida, por minha Alma.

En ninguna accion te he visto,
Muerte cruel tan impia,
Como en dexar a Maria,
Quando te atreyes a Christo.

Si esta piedra de lagrymas transumpto,
Te muestra el mismo amor, como enser-
rado

Nó te affustes al verle sepultado ,
Que amor es inmortal, aunque defunto.

Soledade de N. Senhora.

En tiernas soledades dividido ,
Un coração amante firmemente ,
Los lexos de la vista enternecido ,
Fia de la memoria tiernamente ;
A las piedras obliga su gemido ,
Que la misma dureza se desmiente ,
Con alma lo sintieron coza es cierta ,
Que a unica soledad, no ay piedra muerta.

La vida se llevaba dividida ,
Porque la media vida le quedava ;
Mas mal digo , dexó toda la vida ,
Que la mitad del Alma nó llevaba :
Llevó por alma amor en despedida ,
Quando el Alma al amor se la dexava ,
Mas todo le dirè tiernas verdades ,
En dizir que llevaba faudades.

Coração de dolor llevar nó ignora ,
Y corazón de amor dexar ordena ,
Por voluntad se dexa en lo que adora ,
Por fineza se lleva en lo que pena ,
En dexarse al affecto se atezora ,
En llevarse a la magoa se condena ,

En-

Entre amor, y dolor nó hade haver quexa,
Pues se parte a sentir, y amor se dexa.

El coraçon pues dexa sepultado,
Que assegura fu amor finezas tantas,
Y la piedra le dixo en tierno estado,
Ah coraçon, y como te quebrantas,
Si me miras unido, y separado,
Responda el coraçon, de que te espantas,
Màs q̃ piedra a far buelues, piedra liento,
Pues de sentir estás, sin sentimiento.

Lo que apezados passos apartava,
A tiernos sentimientos bien ouvia;
Porque con la memoria vinculava,
Lo que con la violencia dividia,
Cerca por voluntad en lo que amava
Lexos por sin razon en lo que huia,
Mas tanto dexa aqui tierno quebranto
Como se hade apartar, si dexa tanto.

Con los ojos bolvia al monumento,
A quien manda suspiros por despojos,
Mas el amor aqui por más tormento,
Con liga de crystal venda los ojos,
La tierna amante en tanto sentimiento,
Espejo quizo hazer de sus enojos,
Mas no lo pudo hazer, q̃ en tal conquista
Màs de llanto dexó, menos de vista.

Ternísimos suspiros dedicava,
Quando cansados ayes reprimia,
Por ver lo que queria suspirava,
Suspirando nó ver lo que queria,
La vida en los alientos embiava,
Adonde toda el Alma le assistia,
Y dizia suspenfa en triste calma
Que se vaya la vida, tras el Alma.

La tierra con dos mares va regando,
Y como de amor llora padeciendo,
Entre fuego, entre agua està dudando,
Si se abraza, ò se anega no sabiendo,
El incendio por agua vá notando,
El llanto por el fuego vá advertiendo,
Y tanto llanto davan sus pezares,
Que quien por tierra fue, bolviò por mares.

Resurreiçãõ.

Con el Sol, con la Aurora, y el Alba,
Madrugava a salir del Sepulcro,
El Señor.

Y a su vista por noche quedavan,
La luz del Aurora, la riza del Alba,

Los rayos del Sol.

Esos finco Rubins hermosos,
Que áyer dolor fueron, y oy son resplendor,
A rigores del odio se lavran,
A finezas se guardan del amor.

Apparecimento do Senhor à Magdalena.

Hortelano enamorado,
 Que en la soledad del huerto,
 A quien te buscava muerto,
 Te muestras resuscitado.
 Que bien tu amante cuidado,
 Ha dado al amor assumpto,
 De uno, y otro aplauzo junto,
 Al dulce favor altivo,
 Pues pagas con un bien vivo,
 Despues de un bien defunto.

A nossa Senhora.

Eres Estrella? nó, que más brillante,
 Eres Rosa? menos, que más florida,
 Eres diamante? nó, que más constante,
 Eres Sol? pero nó, que más luzida,
 Eres Flor? esso nó, que más fragante,
 Eres Cielo? mas nó, que más subida,
 Eres Perla? nó nó, tibio capricho,
 Eres Maria? si, todo lo he dicho.
 Si de la tierra las hermosas flores,
 Y del mar las arenas inconstantes,
 Los atomos del ayre boladores,

Del Cielo las Estrellas rutilantes,
Si hizieran lenguas para tus loores,
Aun nó pudieran ser lenguas bastantes,
Como pues hade ozar sola la mía,
Hablar en tus loores, ò Maria?

As lagrymas de David.

Mudando amante cuidado,
Llora David su dolor,
Anegado de un ardor,
Y de otro ardor ya negado.
En el affecto passado,
Y en el prezente querer,
Tal su llanto vino a ser,
O' gran valor del llorar,
Que uno amor pudo anegar,
Y otro amor pudo incender.

As cego, que pediu vista a Christo.

Supplicava vista un ciego,
Al amor, que era Jesus,
Si el ciego tuviera luz,
Al amor pidiera fuego.
Viendo el amor su infociego,
En el rigor padecido,

Por su ser compadecido,
 Le dio vista, gran favor,
 En que sanó por amor,
 Quando enfermó por Cupido.

Una piedra que fría se llorava,
 Porque el rayo de amor appetecia,
 Piedra siendo al despego, que la elevava,
 Alma siendo al dolor, que la partia,
 Mirando que al amor vista rogava,
 Enfermo, que a la sombra solo via,
 Anciozo le gritó, dos vezes ciego,
 Para que pides luz, àonde ay fuego?

A N. P. S. Francisco.

De amor ao felicissimo reclamo,
 Entreguei o vivente sentimento,
 Que resoluta sim pelo que amo,
 O que respiro dei, dou o que alento,
 Por Alma me ficou, assim a chamo,
 Transformado no amor o seu tormento,
 Com que posso dizer com Paulo divo,
 O amor vive em mim, eu ja não vivo.

Acende más q̃ a Cedros incumbrados;
 Que a las mismas Estrellas levantadas,
 Más que a todos los hombres acendrados,
 Más que a las perfecciones elevadas,

Más

Más alla de los divos ilustrados,
 Más que a las mismas gracias sublimadas,
 Entre los Serafines, y Querubés,
 Tente Francisco, mira, aonde subes.

Los que este sayal vestis,
 Ponderad bien su valor,
 Pues que con el pudo un hombre,
 Equivocarse con un Dios.

V I L H A N C I C O à Magdalena.

T Odo el mar en las perlas, que vierte,
 Todo el campo al olor, que derrama,
 Todo el Sol en cabellos, que enjuja,
 Todo el ayre en suspiros, que exala,
 Es mucho,
 Es nada,

Quando Maria ofrece,
 Y quando Christo paga.

Aquellos puros luzeros,
 Que desde su Cielo baxan,
 A ser Estrellas corrientes,
 No siendo Estrellas erradas.

Que son?

Son lagrymas,

Donde Maria arde,

Donde Christo se baña.

Aquellas perlas vertidas,

Que por flores despenadas,

Quando se miran ser perlas,

Quando se piensan son ascuas.

Que son?

Son lagrymas,

Para Christo delicias,

Para Maria ancias.

Aquellos puros Jasmines,

Que el llanto, que declatan,

Mirando-se como flores,

Se precian de constancias.

Que son?

Son lagrymas,

Que entonces más se logran,

Quando más se derraman.

Aquellas lindas Auroras,

Que en aljofar dezentadas,

En hilo de oro aprizionan

El Aljofar, que derraman,

Que son?

Son lagrymas,

Si para Christo perlas,

A Maria triaca.

Todo el mar en las perlas que vierte, &c.

SIG-



SIGNIFICAÇÕES DAS Flores moralizadas.

Rosa graça.

A Bela Rosa Emperatriz das flores,
Mimo do Roxinol, do Cravo amores,
Aqui por graça passa,
E já em fôr formosa estava graça,
Porém em outra allude,
Porque também he graça em ter virtude,
Que he suave receita,
Feita em rozado em perolas desfeita,
E a virtude graça superior,
Siquis divina he do Deos de amor,
Com quem as outras graças,
Quando apparecem luz, fogem fumaças.

Cravo estimação.

He o Cravo prezado,
Do campo Adonis, Princepe do prado,
N iv Da

Da Dama em dita summa,
Joya do peito, da cabeça pluma,
A mais nobre das flores,
Se vermelho rubi, matiz se en cores;
Mas com pouca demora,
Se a ave o canta, logo a fonte o chora,
Emblema da ventura, que se nega,
Porque he Crayo, que murcha, e que não
préga,
Sendo a mais exaltada,
Se antes flor bella, logo flor pizada.

Jasmim perigo.

O Jasmim he perigo, aqui se veja,
Mas que flor haverá, que o não seja?
He bello na candura,
E tem muito perigo a formosura;
He flor muy delicada,
Circunstancia, que a faz mais arriscada,
Prezumido de Estrella o notarão,
E tambem tem perigo a prezunção.
O' tu Jasmim com alma,
Que a vida passas nesta tibia calma,
Tem cuidado contigo,
Porque tudo na vida he hum perigo.

Açucena pureza.

Dos campos a Diana,
A candida Açucena soberana,
Tão pura lhe compete,
Que na terra a do Ceo, invejas mete,
E do Sol no ardor,
Se teme neve, quando nasce flor,
A pureza em tal fé,
He o crystal aonde Deos se vê,
Porém tão delicada como admiro,
Que se vê empoadada em hum suspiro,
Sê tu como o Arminho em tal sahida,
Que só por não mancharse perde a vida.

Violas recato.

A Viola he recato,
Que deixa perceberse pelo olfato,
Nas folhas escondida,
He só pela fragancia conhecida,
Dando lição à Dama,
Que só se deixa ver na boa fama,
Aos cantares se atreve especiosa,
Dizendo negra sou, porém formosa,
He de muita virtude,

Tam-

Tambem à Alma santa nisto allude,
Dando a todos exemplo esta flor pura,
De recato, virtude, e fermosura.

Mosqueta cuidado.

He cuidado a Mosqueta branca flor,
Porque o cuidado faz perder a cor,
Com espinhos defende seus arminhos,
E já em ter cuidados tinha espinhos;
Tem entranhas de ouro,
E que mayor cuidado que hum thesouro,
Mas a mão do que a olha,
Alli logo lhe rouba o ouro, e folha;
Assim he o thesouro do avarento,
Que a morte lhe arrebatata em hum mo-
mento,
E de cuidar não trata,
Que he mayor o que a culpa lhe arrebatata.

Caxia inveja.

A Caxia invejosa
Compete nos espinhos com a Rosa,
Logo que assim me informa,
Com a Perpetua no tamanho, e fórma,
Na arvore exaltada,

Se poz como a Mosqueta levantada ,
E nesta emulação,
Retrata dos mortaes a condicao,
O dano da inveja ,
Pois que no Ceo se vio, no Ceo se veja ,
Adonde, que me affombra,
O que subio luzeiro, cahio fombra.

Lagacão verdade.

He flor entre os espinhos offendida,
Porque sempre a verdade he perseguida,
Lá nos campos o achão retirado,
Que a verdade não anda em povoado;
Suas flores de Flora são argueiros,
Assim as contas dão os verdadeiros;
Em cada folha o coração descobre
O que he leal o coração não cobre,
Em fresco, e secco dá fragancia summa,
Porq a verdade em todo o tempo he humma,
O' virtude Divina,
Duas vezes no Mundo peregrina.

Goivo thesouro.

He o Goivo thesouro,
Que em sua cor parece feito de ouro,

E pa-

E para que o creas,
 Como este metal anda em cadeas,
 Em seu ser o não erra,
 Porque he filho do Sol, e mais da terra;
 Os thesouros mayores,
 Tambem desapparecem como flores,
 Por serem bens da terra limitada,
 Que hoje são muito, e à manhã são nada;
 Não affim os do Ceo, que em tal demora,
 A Eternidade tem em huma Aurora.

Perpetua Constaancia.

He a Perpetua digna de louvor,
 Pois soube ser perpetua, sendo flor.
 Inveja a Rosa sua condição,
 Que não tem a belleza duração,
 E a flor da fermosura,
 A de mais galla, he de menos dura.
 Sendo como a Perpetua a dama fina,
 Diamante no valor, no ser bonina;
 Que sustenta brilhante,
 Em sexo fragil, coração constante,
 Qual nos mostraraõ tantas Virgens bellas,
 Se perpetuas do Ceo, da terra Estrellas.

Narcizo gentileza.

Tem o Narcizo tanta gentileza,
Que na fonte o rendeo sua belleza,
E hoje, porque o conte,
Ha Narcizo do espelho, e não da fonte,
Homem, que sem conselho,
Como dama te alinhas ao espelho,
Olha bem que só toca neste espaço,
O crystal à mulher, a ti o aço,
Abraça o que te he proprio,
Que ser homem, e flor está improprio,
Se es bello procede de tal arte,
Que quem te vê Narcizo, te olhe Marte.

Junquillo soberba.

Junquillo hum Sol pequeno se affigura,
E sempre foy soberba a formosura,
Se às flores se avezinha,
Não dobra o junco nem à flor Rainha,
Não se inclina ao Cravo Rey por ley,
Que o soberbo não tem roque, nem Rey,
Sempre sóbe direito às luzes bellas,
Porque quer conversar com as Estrellas
Porém ao murcharse vê com dor,

Que

Que he só huma flor, como outra flor,
Para o soberbo o dezekano tomem,
Que ao fim hum homem he como outro
homem.

Jacinto sentimento.

Foy Jacinto hum menino superior,
A quem Apollo converteo em flor,
E já na sua esfera,
Quando menino foy, tambem flor era,
Saye vestido de azul, e fe prezume,
Que o tingio Apollo em seu ciume,
Já sinto, diz a flor, mostra tormento,
E he de perder o ser seu sentimento,
O' vós flores com alma,
Senti perder o ser em triste calma,
Porque o ser perde em miseravel fruto
Todo o que homem nasce, e vive bruto.

Papoila prezunção.

A Papoila formosa,
Das boninas da campo he a rosa,
E nesta imitação,
As outras lhe chamárao prezunção,
Porém a Rosa allude,

Que

Que sennaõ he no fer, he na virtude,
Refrigera o affogo,
Que tem alma de neve em cor de fogo,
He flor galena em fim,
E das receitas faz o seu jardim,
Porẽm da Rosa aqui muito mais preza,
Imitar a virtude, que a belleza.

Campainhas voz.

A' Campainha aqui dou nome tal,
Porque retrata em si a de metal,
Sinos, e campainhas, como ouvimos,
Saõ vozes, a que todos acudimos,
E como bem se crê,
Na Missa, e na Igreja he voz de fé,
No campanario, quando chama aos seus,
Ao Divino louvor, he voz de Deos,
Mas em diversos modos,
Quando as horas dá, he voz de todos,
E em melhor relógio não ignoras,
Que Deos te está chamando a todas horas.

Esporas velocidade.

Pelo nome a Espora persuade,
Que signifique aqui velocidade,

Mas

Mas com pouco primor,
O Aço duro na mimosa flor ;
E passando aos usos superiores,
Deixa tu as do aço , e as de flores ,
Pica tua Alma para que se mude ,
A correr os caminhos da virtude ,
Donde rasgado o veo ,
Chegue apressada desde a terra ao Ceo ,
Que as ligeirezas, que no Mundo vemos,
Voos sem azas são velas sem remos.

Flor Adonis vingança.

Flor Adonis he branca , e desmayada ,
Na vingança de Marte defangrada ,
Nesta purpura deo às Rosas cor ,
Hum Adonis deixando em cada flor ,
Ficando (medo nos ciumes cobres)
As flores ricas, quando as veas pobres,
Era Adonis ; porém callo fiel,
Por não manchar com Venus o papel ;
Mas só direy, que o que quizer ventura,
Fuja de Venus na belleza impura ,
Ame no Ceo donde a Alma aspira ,
Ou do Marte Divino tema a ira.

Suspiros Ar.

Os Suspiros no ar haõ de ficar,
Que suspiros da terra saõ só ar,
Os que vaõ ao Ceo em doce affogo,
Quando começaõ ar, acabaõ fogo;
Saõ pois estas boninas,
A taõ grande elemento pequeninas,
Varias em cor se vem em seus retiros,
Que diversas paixões tem em suspiros;
As que vestem de azul, em melhor lume,
Deixemo-las no Ceo, naõ no ciume,
Voem os coraçõs, que se bem olhas,
Verás que coraçõs saõ suas folhas.

Novelas embrulhadas.

Os novelos, ou geldes embrulhadas
Porèm em simplez flor naõ ha meadas,
E o que taõ branco for,
Fiado de cambray he pela cor,
Livre-nos Deos de entredos,
Que atè na dobadura causaõ medos,
Donde se ha embaraco,
Por naõ querer soffrelle corta o ago;
Sem laços, nem emredos caminhemos,

rio Obras da Madre Soror

Porque à razão o fio não cortemos,
Passos torcidos não, q' ainda que estreito,
O caminho do Ceo he muy direito.

Flor triste ingrata.

Da flor triste se trata,
E já he triste flor em ser ingrata,
Foge do Sol a quem deveo o ser,
Ingrata, e ignorante vem a ser,
Porque ignorante he, se bem se apura,
Q' que os olhos fecha à formosura,
Não abres ao Sol ingrata flor,
Assim a alma cerra o peccador,
Por mais que Deos o chama,
Clama em dezerto, porque a penhas ama,
Não ouvem, porque são surdas,
Nem podem responder, porq' estão mudas.

Mal-mequeres desconfiança.

O Mal-mequer desconfiança val,
Porque esta logo diz, querem-me mal,
De amor humano he,
Que não ha confiança em pouca fé,
He fé de idolatria,
Que infelix forma, quando amantes era,
E o

E o Ídolo que implora,
Hoje derruba, quando hontem adora,
Sendo da creatura o amor tal,
Que nelle vem a acharse o querer mal,
E por certo se tem,
Acharse só em Deos o querer bem.

Madre Sylva desdem de Freiras.

Desdens de Freiras asperos arminhos,
Para o Ceo flores são, se ao Mundo espinhos,
Quando mais desdenhosas,
Cercadas de esquivanças ficam Rosas;
Estas pois Madres Sylvas,
Catholicas Dianas, flores vivas,
São de Deos os amores,
Cuidado; não olheis para estas flores,
Temey o forte lume,
Que he ciume de Deos sobre ciume,
Para os quaes sem desmayo,
Se hum homem tem punhal, hum Deos,
tem rayo.

Flor de martirios paixão.

Paixão humana he do homem indigna,
Que à alma racional tira a Divina;

212 *Obras de Madre Soror*

Pois antes de creada,
Já no mente de Deos se vio formada,
Não hade ter o homem Superior,
Nem a paixão do odio, nem do amor,
Senaõ aquella digo em breve exordio,
Que abraçou o amor, e fez o odio.
Quando em hũ monte em flores desigual,
Se achou o bem-mequer, e o queref mal,
Busca tu entre as flores,
Cravos de sangue sim, chagas de amores.

Angelica Saudade.

Saudade na Angelica se encerra,
Saudade do Ceo, e não da terra,
Que seu nome negára,
Se Angelica da terra se lembrára;
Em tudo lembra ao Ceo sua doçura,
Em nome, em cor, fragancia formosura,
O' suave memoria,
Saudade da gloria,
Adonde enternecida,
A vida morre por sahir da vida,
Mas trocarse podia com verdade,
Só pelo Ceo do Ceo a saudade.

Girafol oração.

O fino Girafol de Febo amores,
Gigante do jardim, Aguia das flores,
O que na mesma hora,
Enxuga ao Sol lagrymas da Aurora,
Quando segue feliz,
O coche de Topazio, e Rubiz,
Por emblema da alma o notaraõ,
Que segue o Sol Divino em oraçaõ,
E em tarefa ditosa,
Amante busca, quando amante goza,
Porque he a oraçaõ a chave do ouro,
Que do peito de Deos abre o thesouro.

Lyrio memoria.

O Lyrio para gloria,
De outro Lyrio melhor he a memoria,
Quando diz do Impyrio,
A flor dos campos sou, do valle Lyrio,
Invenções do amor,
Que retrata a hum Deos em humã flor,
E tu, se em doce trato,
Estimas essa flor pelo retrato,
Estima de tua alma a dignidade,

114 *Obras da Madre Soror*

Que a semelhança tem da Divindade ;
Flor de tal condição ,
Que tem do mesmo Deos a duração.

Amor perfeito amor de Deos.

Amor de Deos se explica nesta flor,
Porque o de Deos he só perfeito amor,
Do outro o tibio lume,
O apaga a mudança, ou o ciúme.
He mentira de fogo,
Relampago veloz, que passa logo,
Mas ha occasião,
Em que arrebenta o rayo no trevaõ,
Só o amor Divino he sem defeito,
E por isso se diz amor perfeito,
Amor de Deos, e basta para a fé.
Que em ser amor de Deos diz o que he.

Margarita perolas.

A Margarita perolas indica,
Porém só em o nome as significa,
Mayor nome não tome,
Quem no seu ser desmente ao nome,
E he pouco pondunor,
Perola se dizer, quem vive flor,

Sê tu em tuas obras precioso,
Logo terás o titulo lustroso,
Não resistas, e acode,
A quem o melhor nome darte póde,
Que he perigo, e não medra,
Ter em vida de flor, alma de pedra.

Chagas crueldade.

Chagas são crueldade de mão dura,
Mas se forem de amor serão doçura;
As do campo são destas arremedo,
Mas como flores são não metem medo.
Sobem nas trepadeiras de alta rama,
Que o aggravo inda em flor ao Ceo clama.
As dores bem soffridas,
Rosas chegam a ser, e não feridas,
Que em graças superiores,
O que hontem chagas são, hoje são flores.
E ainda percebi,
Trocar-se huma ferida em hum Rubi.

Reynunculo patarata.

Muita folha ao Reynunculo se olha,
Que tem a patarata muita folha,
Sem cheiro de virtude.

E tambem, nisto à patarata allude,
E eu já reparey por derradeiro,
Singeleza não ter sendo Estrangeiro,
Mas he que em tanto mal,
As raizes deitou em Portugal.
E tu à Portuguez,
Pois tua alma ao crystal igual se fez,
Não fejas qual Reynunculo dobrado,
Ou toma sua cor por afrontado.

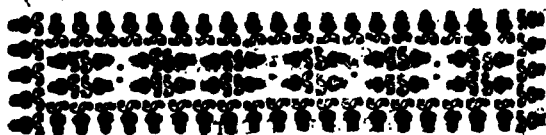
Tulipa invenção.

A Tulipa entre as suas a primeira,
Allude à invenção por estrangeira;
Quando estes sem fer justo,
Nos vendem invenções a muito custo.
Na Tulipa o conheço,
Porque flor, q̃ não cheira, não tem preço;
A dama aqui me chama,
Que huma flor he o mesmo q̃ huma dama;
E esta por mais bella, que se creya,
Senaõ cheira a virtude, fica feya.
Leve pois na fragancia que respira,
Do Templo incenso, não da flor mentira.

Giesta de desesperação.

Significa a Giesta pela cor;
 Dezesperado Mayo nesta flor,
 Em a causa não cayo,
 Porque já nos Jasmins teve hum desmayo.
 Mas alcanço subtil,
 São ciumes de Flora com Abril,
 Que dezespere embora a flor sem alma,
 Mas o que a alma tem, por mayor palma.
 Se tudo lhe levar hum golpe agudo,
 Olhe que tem a Deos, e nelle tudo,
 Não dezespere pois em tal bonança,
 Quem tem a todo hum Deos por espe-
 rança.





SIGNIFICAC, OES DAS
Frutas moralizadas em estylo
frágello.

Romã Imperio.

A Romã he Imperio,
 E não o significa sem mysterio,
 Pois para todos abre seu thesouro,
 Repartindo Rubins em caixa de ouro,
 Que hum Rey em altos modos,
 Não nasceo para si, mas para todos;
 Esta fruta excellente,
 O triste alegre, fara ao doente,
 Refresca o calorozo,
 A nenhum dá pezar, a todos gozo,
 E a Coroa merece em tal concordia,
 Quem para todos he misericordia.

Morango disvello.

O Morango he disvello,
 Que só em madrugar põe seu anhelos, E

E ainda que pouco cresce,
He a primeira fruta, que apparece,
Nasce de humilde planta,
E com a primazia se levanta,
Vence quem no descanso não atura,
Que he máy a diligencia da ventura,
O preguiçozo quando em fello erra,
He humta terra inutil para a terra;
E nem para o Ceo he trato de alcorça,
Porque o Reyno do Ceo padecer força.

Amoras amores

Amoras são amores,
E amores firmes, que não mostram flores
Ouvi o seu reclamo,
Porque logo em nascendo dizem amo,
Sempre derramão sangue em branda lida
Porque não ha amores sem ferida,
Causão melancolia com doçura,
Que amor nos gostos o pezar mistura;
Só no do Ceo amor sem descaminhos,
Se acha mel sem ferrão, flor sem espinhos
Sol sem eclypses, Lua sem mingoante,
Dia sem noite, Estrella sem errante.

Ginjas faude.

He a Ginja-faude,
 Porque para os enfermos tem virtude;
 He gorda, e corada,
 Por isso na faude figurada,
 He a doente, e saõ regalo pleno,
 Mamma das frutas, mimo de Galeno,
 Para curas, he buscaõ os carcos,
 Porque dos bons se estimaõ atè os ossos,
 E destes na virtude que produz,
 Se adora a cinza, quando acaba a luz,
 Que o virtuozo para mayor gloria,
 Jaz no sepulcro, e vive na memoria.

Cerejas innocencia.

A menina cereja he taõ mimosa,
 Que sem chorar faz bicos graciosa,
 He na innocencia aqui significada,
 Por fruta dos meninos mais amada,
 Vela-heis das meninas nas orelhas,
 De Rubins arrecadas por vermelhas;
 Logo em apparecendo,
 Nas innocentes mãos as vaõ metendo,
 O candida innocencia,

Com

Com quem quer a malicia competência,
Sendo da vida no vital caminho,
A' huma a Rosa, à outra o espinho.

Figos doçura.

He o Figo doçura,
E na gentileza se se apura,
A Mercurio dos Deoses Enviado,
Por seu doce eleger, foy dedicado;
São brandos, e suaves,
E por taes perseguidos pelas aves;
Em diverso sentido,
Quando o bom não ha sido perseguido,
Sendo ainda que injustos,
Os trabalhos, as perolas dos justos,
Margaritas, que o Mundo, que as fomenta,
Na dureza da concha lhe appresenta.

Damascos mentira.

O Damasco he mentira,
Sedas promette, quando cascas tira,
Logo em sahindo do pomar ameno,
Se vay fingindo pecego pequeno,
Reimozo da virtude se retira,
Porque não ha virtude com mentira,
Por

222 *Obras da Mãe Soror*

Por indigesto o tire,
Que o que mente, só fabulas digire,
Mas com tudo regala ao gôstallo,
Que muitos na mentira tem regallo,
O' verdade fiel candida, e pura,
Que ainda quando amargas, tens doçura?

Melancias caridade.

As Melancias caridade são,
Que vem matar a sede no Verao,
E sem mais beberete,
A ricos, e a pobres dá forvete,
Na boca do febrente o ardor cura,
Que liquido crystal contra a secura!
Quando lhe põe final he huma Cruz,
Aonde a caridade sempre luz,
O' obras generosas,
As das quatorze pedras preciosas,
Quem vos não usa tem em tal desmedra,
Em corpo racional, alma de pedra.

Melaõ sabedoria.

He o grave Melaõ sabedoria,
Pelas letras que cria,
He doce, se se apura,
Que não ha ser discreto sem doçura,
Mas

Mas eu o hey ponderado,
Que mais sabio se está por ser callado.
O que sabe callar em hum banquete,
Assegura valor, fizo promette,
Aonde a gula, e vinho se dezata,
Arta prudencia tem quem a voz ata.
Mal falla quem diz sempre com o louco,
E sempre falla bem, quem falla pouco.

Uvas alegria.

Uvas são alegria,
Gostado seu licor sem demazia,
Que de outra sorte em tanto maleficio,
Quem virtude buscar achára vicio,
Quando em tão vil intento,
Pelo vinho tropear o entendimento.
Tambem alegre a Uva ponderada,
No alto fim para que foy creada,
O' tu que a desfrutas,
Bem lhe podes chamar Deosa das frutas,
E em sentido não vago,
Contempla hum Deos de amor em cada
bago,

Maçã discordia.

A Maçã he discordia acontecendo,
O que hum jardim, e hum monte estaõ
vendo,

E

224 *Obras da Madre Soror*

E o mostraõ de improvizo,
 Pariz no Ida, Adão no Paraíso,
 E outro motivo o faz,
 Que adonde ha chocalheiros, não ha paz,
 Culpa que nella achada,
 Faz huma lingua o mesmo q̃ huma espada,
 Quando Deos que a desterra,
 Para darnos a paz, desceo à terra,
 E alli com a gloria a traz profundo,
 Porque achou, fer a paz gloria do Mundo.

Amendoas esperanças.

He a Amendoa, esperança em seu reverde,
 Põe muito em madurar, e nasce verde,
 Com o primeiro fer que flores lança,
 Se fica largo tempo em esperança,
 O que a gosta, com tres cascas lida,
 Tanto custão as posses desta vida:
 Logo perde a brandura,
 Que esperança da terra sempre he dura,
 E tão vans que Plataõ lhe tem chamado,
 Sonhos de hum acórdado,
 Só a do Ceo o fer segura alcança,
 Adonde he Deos a posse da esperança.

Frutas novas mocidade.

As Frutas novas dizem mocidade,
Porque todos são novos nessa idade,
Logo desapparecem,
E nisto a mocidade se parecem,
Porque a muitos succede cada hora,
Antes de ver o Sol ficar na Aurora,
E alli no melhor,
Ficar o tronco quando cahe a flor,
E em breve passa tempo,
Se lhe perdoa a morte não o tempo,
Não faças caso de tão leve folha,
Que he flor, q ou se murcha, ou se desfolha,

Pera Ira.

Pyrum, ou Pera he fogo, o fogo Ira,
Que isto de ser amor soa a mentira,
Porque em mayor affogo,
Vista com o amor he neve o fogo,
A' Pera fogo diz titulo tal,
Porque ambos fórma tem piramidal,
Seu nome em grego de quem menção fiz,
Se derivou de Pir, que fogo diz,
Porém cá nesta esfera,
Livra-te tu da Ira, e não da Pera,

226. *Obras da Madre Toror*

Que he sadia ; e a Ira fulminante.
Dará a morte a mil em hum instante.

Pecego guerra.

He o Pecego guerra sem engano ,
Pois fórma tem de coração humano ,
Os Perfes nos escudos mais prezados ,
Os davaõ por diviza aos mil Soldados.
Seu caroço diz Lidas ,
Que nasce todo cheyo de feridas ,
O que sangue derrama he mais illustre ,
Que he Soldado sem sangue, aco sem lustre,
Tu coração humano, que assim cresces ,
E na fórma ao Pecego pareces ,
Sabe q̃ ainda triunfante em outra gloria ,
Só vencendo-te a ti terás vitoria.

Ameixas inconstancia.

A inconstancia na Ameixa bem se alcança,
Porque dizer amey suppõe mudança ,
He palayra sem fé ,
Que diz amor, que foy , e naõ que he ;
Huma florinha a cobre, com que fica ,
Porque a flor inconstancia significa ,
Sempre andaõ mudadas ,
Velas-heis já presentes, já passadas.

Porém virtude tem,
Porque em moças, e em velhas fazem bem;
E se póde passar a variedade,
A quem sustenta firme a caridade,

Marmelo uniaõ.

O Marmelo uniaõ aqui se toma,
Porque as entranhas tem cheas de goma,
E a goma se se apura,
O dividido une com brandura,
Nos doces sua massa conhecida,
Entre todas se vê a mais unida,
Tem cheiro, tem sabor, dezenfastia,
Porque a uniaõ muitos bens cria,
Que he nobre, e superior,
Por ser filha da paz, e do amor,
Amor de Deos aonde a paz se encerra,
Porque a ser de outro amor, seria guerra.

Sorvas conversão.

As Sorvas conversão,
Porque amargas primeiro, e duras saõ,
Assim do peccador a alma impura,
Antes de convertida amarga, e dura:
Da arvore mudadas
Brândas se vaõ fazendo, e regaladas,

Do homem o coração, se pedra era,
Quando se muda se converte em cera,
O' alta conversão de Deos segredo,
Diamante, que se acha em hum penedo,
E tal valor encerra,
Que excede aos que Estrellas são da terra.

Laranja formosura.

A Laranja he belleza, e o segura,
Quem vê de hum Laranjal a formosura,
Vem cercadas de espinhos como as Rosas,
Que sempre são esquivas a formosas.
Em tudo a formosura dá tributo,
He bella em flor, em folha, em ser, em fruto,
Parece de ouro, e mente,
Que a belleza da terra he apparente,
E por esta terrestre hireis à China,
Quando hum passo não daes pela Divina,
O' quantas vezes erra,
Quem conhecendo o Ceo, namora a terra.

Limaõ vontade.

He vontade o Limaõ,
Que este nome lhe dá atradição,
O ser contra a peçonha se ha notado,
Como Barreira diz no seu tratado,

Por-

Porque a boa vontade quando a sonha,
Logo armada se vê contra a peçonha,
Todo o anno na arvore se está,
Que quem dá com vontade sempre dá.
Seja exemplo o de Deos, e sem estudo,
Que a si mesmo se deo para dar tudo,
Que o verdadeiro amor, e até o louco,
Quando tudo, não dá, sempre dá pouco.

Lima nobreza.

A Lima diz nobreza, e he sabido,
Que a muitos nobres deo o appellido;
Entre as frutas de espinho a mais prezada,
Que sempre a fidalguia he estimada.
Seu gosto a agro, e doce reduzio,
E Fidalgo sem agros quem o vio?
Nenhum della se queixa por fadia,
Esta he a verdadeira fidalguia,
Fazer a todos bem, com gosto igual,
Porque harto villaõ he o que faz mal,
E o grande o superior,
Quando affaga o pequeno, está mayor.

Toranja esquivança.

He Toranja esquivança,
Por isso muito pouca a que se alcança,

Formosa entre os espinhos se segura,
 Que a esquivança he guarda à formosura,
 Poucas vezes se vê pura, e altiva,
 Porque não apparece a que he esquivã.
 Assim as damas sejaõ,
 Pouco se deixem ver, e pouco vejaõ,
 Pois são perolas vivas,
 Que em sahindo da concha vão cativas,
 Na esquivança ficaõ mais brilhantes,
 Que ornadas de esmeraldas, e diamantes.

Cidra ciúme.

He ciúmes a Cidra,
 E indo a dizer ciúmes disse Hidra,
 Que o ciúme he serpente,
 Que espedaça seu louco padecente,
 Dalhe hum cento de amor o appellido,
 Que o ciúme he amor, mas mal soffrido;
 Vê-se cheya de espinhos, e amarella,
 Que piques, e disvellos vão por ella,
 Já do forno no lume,
 Sidrach foy zello, senão foy ciúme,
 Troquem pois os amantes, e haja poucos,
 Pelo zello de Deos, ciúmes loucos.

Avelans levandade

Leviandade Avelans,
 Não direy dellas podres dellas fans,
 Sua arvore ligeira como o vento,
 Toda vem ao primeiro movimento,
 Muitas não tem miolo como a cana,
 Que nunca tem miolo a que he leviana.
 Tem gosto, e não tem pezo,
 Que este he da loucura o contrapezo,
 Do fizo faça a dama a sua palma,
 Ou ficará por Avelã com alma,
 Dé bom cheiro de fama esclarecida,
 Para que assim pareça flor com vida.

Medronho retiro

O Medronho he retiro bem cuidado,
 Que está sempre no mato retirado,
 Adonde vive certo,
 Coral dos Faunos, braza do Dezerto,
 E quando dahi sahe que senão veda,
 Juntamente regalla, e embebeda,
 O que o Ermo deixar sem exercicio,
 Quando virtude vay, ficará vicio,
 Porque a solidaõ he relicario,
 Que guarda o solitario.

Se a deixar sem causas superiores,
Murchará as virtudes com as flores.

Tamara's Doutrina.

A Tamara na palma diz doutrina,
Porque direita á terra não se inclina.
Que a palmeira a impulsos superiores,
Por buscar as Estrellas, deixa as flores,
E do Mundo na guerra,
Quem quer subir ao Ceo despreza a terra,
Mas ay do que não mede por grosseiro,
O que vay de hum flor a hum luzeiro,
E na escolha agreste,
Olha o verde com queixa do Celeste,
Quando em toda a campina,
Hum dezenario he cada bonina,

Bolotas gostos da vida.

Da vida os gostos nas Bolotas vão,
Que humas amargas, outras doces são,
Destas immundos brutos se sustentão,
A quem os peccadores representaõ,
Outra a todos convida,
Mas sempre em dura casca vay metida,
E às vezes nesta posse,
A amarga gosta o que busca a doce,

Gosto da vida que nunca he fiel,
Nelle encontra azibar quem busca mel,
E em perigos mayores,
Áspides piza, passeando flores.

Peros firmeza.

Nos Peros a firmeza se assegura,
Porque entre as frutas he a que mais dura,
São tezos, e constantes,
Melhor que para fruta, que para amantes;
Menos o Verdeal tão frio logo,
Que se ao fogo chega apaga o fogo,
Assim os tibios são,
Que dão a Deos as brazas em carvão,
E aonde quer affectos por perfume,
Encontra a cinza, quando busca o lume,
Não assim o que ama,
Que só com hũ alento accende a chamma.

Nesperas espéras.

Nas Nesperas espéras estou vendo,
E ellas no seu nome o vão dizendo,
E toda a fruta espéra vem a ser,
Que tempo espéra para amadurecer,
As arvores espéram pelo fruto,
Que em tão pomos de ouro lhe he tributo,

As flores pela Aurora,
 Que se primeiro as ri, depois as chora,
 O homem pelos bens que não alcança,
 Em azas verdes voaõ na esperança,
 Mas pois he creatura de outra esfera,
 Senão he pelo Ceo, que he o que espéra?

Camarinhas. humildade.

As Camarinhas saõ, pelo retrato,
 As perolas do mato,
 Mas com tal humildade,
 Que nas do mar não buscaõ igualdade,
 Antes logo em sahindo das mantilhas,
 Dizem humildes fer das Urzes filhas,
 Poucas vezes se offerece,
 Confessar o que he quem mais parece,
 Que em tempo semelhante,
 O que nem he crystal, diz q he diamante,
 Só o humilde só,
 Ainda que seja ouro, se diz pó.

Murtinhos dor.

Dizem q a murta he dor, seu fruto, e folha,
 Esta dor não encontra quem a olha,
 Pois he em tal tributo,
 Linda em flor, fresca em rama, doce em
 Os
 e o fruto,

Os antigos no mais festivo dia,
A levavaõ nas mãos por alegria,
Com que fica esta dor não conhecida,
Na Murteira escondida,
Que a quẽ não dezaflaga exterior,
He de todas as dores a mayor;
E só se Deos a olha em caso tal,
Acaba bem, quando começa mal.

Tremoços chocalhisse.

Tremoços chocalhisse não me espanta,
Que em nascendo chocalhaõ sobre a plãta,
Não furtaõ por ligeiros,
Que sempre leves saõ os chocalheiros,
Por pouco preço os compra a golodice,
Porque anda muy barata a chocalhisse,
Porẽm aqui repara,
Que tambem houve vez que custou cara,
Teu segredo em teu peito esteja quedo,
Que se o passas de ti não he segredo,
Sanção quando o rompeo te persuade,
Sem olhos, sem valor, sem liberdade.

Azeitonas Paz.

As Azeitonas pazes significação,
E já desde o Diluvio as prognosticaõ,
Quan-

Quando sua Oliveira nunca agreste,
Em ramo verde trouxe paz celeste,
Depois que em tanto affogo,
Brötou castigo de agua, ira de fogo,
Tanto crystal subio sobre a flor bella,
Que ficou por peanha da Estrella,
Tu que o estrago vés, que a culpa faz,
Poem-te com Deos em paz,
Porque quem do seu Iris louco zomba,
O Diluvio terá sem ver a Pomba.

Castanhas restauração.

Restauração em as Castanhas figo,
Assim Barreira o diz, eu não o digo,
Sua arvore cortada se repara,
Que huma mata produz só de huma vara,
Com que nesta extensão,
Se lhe deve chamar restauração,
He forte o Castanheiro a toda a forte,
Que sempre o que restaura hade ser forte,
Não só o que na terra leva a palma,
Mas quem restaura a alma,
Que hade constante ter sem embarço,
Com coração de cera, peito de aço.

Noz Virtude.

Pela Noz a virtude aqui se entende ,
O seu nome a defende ,
Porque a virtude he nô, que não dezata ,
Quando o homem a Deos por amor ata ,
Mais unido que o Gordio decantado ,
Que senão foy desfeito , foy cortado ;
Dura , e aspera a Noz , quando se avista ,
Assim a penitencia logo vista ,
Porém ao gostar seus frutos sós ,
He suave , e saboroza como a Noz ,
Rompey sua carranca ,
Que entre espinhos tambem a flor se ar-
ranca.

Junfa pobreza.

A Junfa não se preza ,
Em cor, em ser, em preço diz pobreza ,
Entre todas as frutas desprezada ,
Porque nunca a pobreza he estimada ,
Só huma pelle a cobre ,
Tem muy poucos vestidos o q he pobre ,
Nunca em mesa se assenta ,
Mal faz quem ao pobre não sustenta ,
Mais misero se está ,
Ainda que o que pede, o que não dá, E

E à mayor compaixão nos persuade,
Que a pobreza da forte a da vontade.

Pinhões descanço.

O Pinheiro diz morte, pois cortado,
Não torna, nem o homem que ha passado:
Descanço são seus frutos, como alcanço,
Porque o fruto da morte he o descanço,
Que na gloria escondida,
Começa a vida, quando acaba a vida,
Mas já purificada,
Como a Pinha ao fogo preparada,
Cujó incendio vibrante,
Primeiro a faz Rubim, depois diamante,
E se morte he caminho para a forte,
Pódes temer a culpa, e não a morte.





SIGNIFICAC,ÕES DAS Ervas aromaticas moralizadas.

Mangerona prazer.

A Mangerona com fragancias bellas,
Convida o ar a perfumar-se nellas,
Dá prazer o seu trato,
Que manda ao coração pelo olfato,
Por isso o significa,
Mas quem prazer no Mundo solicita,
Hade achallo enganozo,
Que acaba pranto, se começa gozo,
He flor, que se desfolha,
E flor, que não dá fruto, fenaõ folha,
O' prazeres do Ceo puras verdades,
Solidos bens, queridas faudades.

Salva salvação.

A Salva peregrina
He salvação, seu nome no lo ensina,
Nen

Nem bella, nem viçosa se afigura,
Que o vicio vive mais na formosura,
He Abelha, que fere no melhor,
A' planta deixa, e só pica a flor.
Tem a salva poderes,
Para fazer fecundas as estereis,
E quem haver mais almas facilita,
Nome de salvação se lhe permitta,
Que a salvação em gloriosas palmas,
O seu unico emprego saõ as Almas.

Mangericaõ igualdade.

He do Mangericaõ,
A igualdade toda a perfeição,
A mão que o tosquia lha procura,
E tambem sua esferica figura,
O mesmo nos offerece,
Igual ao Sol, e à tempestade cresce,
Sua pompa fragante,
Quem estiver no mal, e bem constante,
Crescerá nas virtudes felizmente,
Ceo sem nublados, agua sem enchente,
O' paz serena, verdadeiro sizo,
Que faz de hum coração hum Paraíso.

Alecrim ciúme.

Dizem do Alecrim gregos Autores;
Que foy hum Jovem, q morreo de amores;
Foy esta mutação maravilhosa;
Hum rayo ardente de paixão ciosa;
Amor, que assim encanta,
Matou o homem, e deo vida á planta,
He activo, e fogo;
Que são condições proprias de hum ciozo;
Brotá em flores azuis os seus queixumes;
A esse forão Ceos, e não ciúmes,
Trocando o coração, que tal encerra,
Pelo zelo do Ceo, zelos da terra.

Alfazema Baptizada.

De donde entra a Alfazema com cuidado;
A poucos dias sahe o baptizado,
Por isso se lhe applica,
Este nome, que graça significa;
He escudo mil vezes da faude;
Tal he sua virtude;
Seus grãos em odoríferos ardores;
Exhalão fumos, que respirão flores;
Taes as fragancias são de quem enlaça,
As virtudes na graça;

O que virtudes tem, ter graça estude,
Que he luz sem Sol, sem graça huma vir-
tude.

Erva Cidreira alivio.

Serve a Erva Cidreira nos confitos,
De corações affitos,
Hora em perolas seja destillada,
Ou já em esmeraldas applicada,
Triaga preciosa sempre fica,
Que alivio significa,
He suave, e amena,
Ciume à flor, amor à Filemena,
Tomou da Cidra o nome, e condições,
E appellido fez destes braços,
Que tanto lustre tem,
Porque a mayor nobreza he fazer bem.

Murta dor.

A Murta com labores graciosos,
Faz caza às flores nos Jardins formozos,
A dor nella figuraõ,
Pela que tem do pouco que lhe duraõ,
Tambem humas filhas tão mimosas,
Que gastaõ mais melindres do q as Rosas,
E este de muitas mais he o engano,
O que quer ser carinho ficar dano,

Quan-

Quando fora melhor,
Ficar em beneficio o que he rigor,
O' cegueira de amor sempre vendado,
De Deos desviaõ, o que Deos lhe ha dado.

Tomilho prezunção.

O Tomilho he louzaõ,
Exorifo naõ ha sem prezunção,
Em campo horta, jardim hade acharse,
Que hum presumido a todos quer mostrarse,
Lá entra nas cozinhas viciozo,
Sempre hum affeminado foy golozo,
Veste modas de plumas superiores,
Ave das Ervas, que enamora as flores,
Mais deve a Deos o q' mais prendas tem,
E deve só olhar doñde lhe vem,
Para trocar assim o presumido,
O ser louco, por ser agradecido.

Rosmaninho pranto.

O Rosmaninho he pranto,
Que orna as Igrejas no mayor quebranto,
As flores roxas, que no mato cria,
Antipodas saõ de alegria,

244 *Obras da Madre Soror*

Tem a folha mais secca do que amena,
Que a hum triste o desfigura a sua pena,
Assiste na função mais dolorosa,
Adonde até a pedra está chorosa,
E quando as pedras dão este tributo,
O' vivente que alli se mostra enxuto,
Tua dureza, ô homem te dezalma,
Pedra pareces, quando a pedra alma.

Erva Limaõ vontade tibia.

O Limaõ seus espinhos sollicita,
Contra huma Erva, que seu nome imita,
Que o nobre sempre teve por desgraça,
Encontrar em hum humilde a sua graça,
Como que a natureza;
Só poderá dar dotes à nobreza,
Esta Erva por pura lealdade;
Quiz tambem do Limaõ ter a vontade,
Mas foy vontade tibia, e imperfeita,
Porque era contrafeita;
Esta vontade pois ao Mundo demos,
E a mais nobre, para Deos guardemos.

Celidonia roubo.

A Celidonia furta à camoeza,
A fragancia, direy, não a belleza,

Por

Por isso he roubo o seu significado,
De que murmura o prado;
He pouco conhecida,
Que huma ladra escondida,
Faz melhor dos seus lances a traição,
A cara encolhe, quando estende a mão,
He rasteira da terra,
Mais longe está do Ceo o que mais erra,
O' vicio, o de furtar, baixo, e cobarde,
Que só em peitos viz teu fogo arde.

Neveda amor errado.

He a Neveda fria,
Mais fragante na noite, que no dia,
Por influencia sua,
Aborrecer o Sol, e amar a Lua,
Nisto he amor errado,
Como nos diz o seu significado;
A Lua, e o Mundo se parecem
Nas inconstancias, q' ambos nos offerecem,
E quem deixar por elle o Sol Divino,
Da Neveda fará o dezatino,
Pouco se lembra dos enganos seus,
Quem ama o Mundo, e dezama a Deus.

Trevo Thesouro.

He o Trevo thesouro,
Porque se touca com plumagens de outro,
Seu cheiro em odoriferos primores,
Quer apostar fragancias com as flores;
Quea vaidade louca da riqueza,
Lá se remonta ao solio da nobreza.
Mas de taõ alto monte,
Se sobe Apollo, baixará Faetonte,
Com vinganças da Rosa,
Que de soberba tal, está iroza,
Abate ó Trevo humilde a prezunção,
Que hade tornar teu ouro em carvão.

Marcella disvello.

A Marcella dourada,
He empenho de certa madrugada,
E por isso he disvello,
A manhã do Baptista hade dizello;
Reparte em muitas partes seus cabellos,
Que estes são de huma dama os disvellos,
E são cabellos louros,
De que a vangloria faz os seus thesouros,
Os que são pensamentos figurados,
Mereciaõ melhor outros cuidados,

Que

Que são louços inventos,
Desdouraõ na figura os pensamentos.

Erva doce e paciência.

Regalla a Erva doce dous sentidos,
Gosto, e olfacto traz favorecidos,
He das Ervas mais nobres a primeira,
E com tudo lhe chamaõ confeiteira;
He continua em dar gosto,
A quem lhe dá disgosto,
Quando se vê pizada, e opprimida,
Que esta he a virtude mais sobida,
Sua doçura mostra em troca tal,
Que he muy suave quem dá bom por mal,
Frutos da paciência quando he alta,
Pois quão mais se humilha, mais se exalta.

Nardo de devoção.

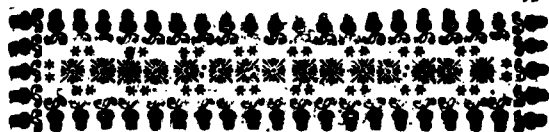
Foy o Nardo fragante,
Da Magdalena sacrificio amante,
Quando em luzida fervorosa acção,
O derrama licor, e fez unção,
Sem duvida he memoria,
O seu significado desta gloria,
He Nardo a devoção dos virtuoços,
Que se derrama em oleos preciosos,
Q iv Tam-

148 *Obras da Madre Soror*

Tambem he mel, e mel de taes primores,
Que as virtudes o gerao como as flores,
Nectar suave he, cujas doçuras,
Tiraõ da penitencia as amarguras.

Alfabor segredo.

Segredo he a raiz,
E a do Alfabor melhor o diz,
Pois guarda nella a junca o seu thesouro
Ricas fragancias, senao rico ouro,
Bem por dentro da terra,
Mas lá o vay buscar, quem lhe faz guerra,
Para ser repartido, e quebrado,
Assim he o segredo revelado,
Guarda-o pois no teu peito tao inteiro,
Como esta no seu globo o luzeiro,
Olhe a prudencia, senao for o medo,
Que em passando de dous, nao he segredo.



CLAVEL, Y ROSA.

Breve Comedia alludida a los despozos

DE

MARIA, Y JOSEHP.

Flores, que hablan en ella.

Rosa.

Girasol.

Clavel.

Amor perfeito.

Lyrio.

Açucena.

Narcizo.

Mosqueta.

Bien mequiere.

Jasmim.

Sale la Mosqueta cantando.

Mosq.

DE despozar a la Rosa
Trata el Sol, que la dio el ser,
Grande assumpo para el Ave,
Gran dia para el Vergel.

Venid, pertended,

Que Rosa sin espinos

Es favor sin desden.

Sale la Rosa.

Ros. O' que bien, y mal me suena,
Esta voz desigual es,
Porque al genio suena mal,
Lo que a la obediencia bien.

Mosq. Rosa bella Reyna hermosa,
Mil veces dicho zo a quel,
Que entre venturas de amante
Vista purpura de Rey.

Ros. Por lo menos lleva en mi
Aquel, que ciña el laurel,
La Rosa de Jericó,
Con la palma de Cadés.

Mosq. En colmo las perfecciones,
Llevará, pues que te ven;
Toda pura, toda hermosa,
Por el vulto, y por el ser,
Si hede dizirlo en la fin,
Macula non es in te,
Huma minina de graças,
Si lo digo en Portuguesez.

Ros. Por gusto del Rey mi Padre,
Me despozo aun que fiel;
Mas fer adorno del Templo
Quiziera que en el Vergel
Despazorio; mas aquí
Es la obediencia la ley.

Mosq.

Mosq. Pues yo pienso, y bien pensava,
Que aunque izenta estes
El Amor perfeto al Mundo
De ti tiene de nasser,
Y porque de tus grandezas,
Nó he llegado a comprehender
La menor parte; te pido,
Me las dés a conócer,
Que como soy quien publica
Tus bodas, ey de saber
Qual es la Nobia; y entonces
El Novio procuraré.

Ros. Aunque nó es licito a alguno,
El loarle; á mí lo es,
Que como al Mundo nasci
Para prodigio, nó es bien,
Que quien me mira me ignore,
Y me esconda a quien me ve.
En un campo de Esmeralda,
Terréno de Nazareth,
Que con migo es Paraizo,
Si con otros fue Vergel,
Hija de aquel, que ilumina,
Con los rayos de su tren,
Quando á todo el ser há dado,
A todo que há dado el ser,
De aquel cuya luz hechoza,

Tan

Tan sola , y clara se ve ,
Que la miran como una ,
Y la adoran como en tres ,
Hija he nascido , y tan hija ,
Sua , que dizir podré
Que en semejança son uno ,
Los que son dós en el ser ,
Mi nombre , que significa ,
Gracia le dezempene
Con tantas gracias , que quando
Si quiziessse componer ,
Una de mis perfecciones ,
De todas las que el Vergel
Flores cria ; no pudieran ,
De la Açucena la tez
De la Violeta el olor
Del Jasmin la candidez
Del Lyrio la gravedad
La hermozura del Clavel ,
Lo celeste del Jacinto ,
Y de la Angelica el ser ,
O finalmente de todas
Lo mejor , era poner
Un impossible à ymitarlas ,
Porque tal mi beldad es ,
Que al Gielo pudo dar zelos ,
Antes de al Mundo nacer.

En esta conformidad,
Aqui Mosqueta me vés,
Maravilla con la flor,
Y deidad con la muger.
Por este hermoso reverde
Singular pues me crié,
Y la pacié sin fusto,
Porque aunque en flores tal vez
Se esconde el Aspid, mi planta
Ha pizado sua altivez,
Y pudo una flor aqui
A una serpiente vencer,
El ayre de la lizonja,
Tambien no pudo offender
Mi pureza, que nó osó,
Ni lo ardiente del Clavel
Ni del Zefiro el suspiro
Del Albor el rosicler,
Ni del Ruiseñor el canto,
Porque a todos enseñe,
Aquel desden, que es decoro,
Sin dexar de ser desden.
Aqui pues, adonde sube
Si a tanto puede ascender
La palma para mi mano
Para mi frente el Laurel,
El Sol mi Padre me puzo

Donde me bezan el pie,
Reyna fuya quantas flores
Nascen a ser, y a nó fer,
Que animadas flores son
Quantas en este Vergel,
Del Mundo nascen, pues vemos
Todo humano parecer
Qual flor en la duracion,
Y en la belleza tambien,
Y aun en las virtudes si
Semejantes se nos ven,
Y el metaforico estylo
Siguiendo en flores, porque
Cozas tan sagradas ay,
Que al tocarlas hade ser
Por sombras, ò por enigmas,
Porque nó encuentra la fé
Una emblema que es respeto,
Un misterio que es pincel,
Digo que el Divino Sol,
Hallando ser tiempo en que,
Ami izienta libertad,
Puziessse dorada red,
Para pertender mi mano,
Convoca en este Vergel,
A las mas illustres flores,
Adonde entra tanto bien,

Imbidia el Cielo a la tierra,
Y el Azul que hasta aqui fue
Metafora de su gloria -
Cifra de sus zelos es;
Los Astros que luminosos,
Fueron antorchas de aquel
Pavimiento de Safiras
Rayos quizieran hazer
Viendo imposible a la Estrella
La esperanza del Clavel.
Yo que en mi folio Divino
Desde mi infancia, ô niñes
Estava como deidad,
Sin prezuncion de muger
Oyendo el fatal decreto
Vacilante me affusté,
Entre el genio, y el respeto,
Entre izencion, y poder,
Mas reverente a mi Padre
Docil el si pronuncié,
Sin que en tan alta ocasion,
Quexarse pueda esta vez,
Mi izencion de mi obediencia,
Pues aqui me sugeté,
Por agena voluntad
Cediendo el genio a la ley.
~~Esto acentado te digo,~~
An si lo escucho a mi fé, Que

Que en estas bodas augustas,
 El orbe tiene de ver,
 Del crystal lo immaculado,
 De la Acucena la tez,
 Del Sol, y Estrellas lo limpio
 Y en ellas conservaré,
 La pureza del Armiño,
 Que tan celebrada es,
 Y al Hymineo la visto,
 Sin que la disputa con el.

Mosq. Lo cierto es Rosa Divina,
 Que con tu gracia, y poder,
 Es toda la tierra un punto,

Ros. Al prado conmigo vien,
 Antes que lleguen las flores.

Mosq. Mas dame licencia que
 Pues no ay boda sin pregon,
 Que te pregone otra vez.

Cant. Venid pretendes,
 Que Rosa sin espinos,
 Es favor sin desden.

*Salen las flores galanes, y el Clavel
 queda retirado.*

Lyr. A' vuestras plantas ò Reyna,
 Vengo rendido esta vez,

Con la dicha de esperar,
Entre el fusto de temer.

Ros. Quien sois?

Lyr. El Lyrio arrogante.

Ros. Aspirante a tanto bien,
Que meritos alegais?

Lyr. Que mas merito que ser
El mayor entre las flores;
Ansi que todas me ven
Princepe, pues de los valles,
Si nõ el sagrado laurel,
Y todas estas grandezas
Sacrificio avuestris pies.

Ros. Bien està, y vos quien sois?

Narc. El Narcizo,

Ros. Que trayeis
Por merito, si llegaes
Mi Deidad a pertender?

Narc. Esta gala, y hermosura,
Porque como en mi se ve
Hermosura, y gracia, espero
Ser preferido, porque
Cierto es que ama cada uno
Su semejante.

Ros. Tened
Vos mi semejante sois?

Narc. Si Señora,

Ros.

258. *Obras da Madre Soror*

Ros. No sabeis ,
Que yo semejante no tuve,
Ni tengo, ni hede tener?

Clav. No sabe el loco Narcizo *à parte*
Que la Reyna unica es.

Lyr. Quando el que fue presumido
Nò fue nescio?

Bien. Aqui se ve.

Mosq. Vaya-se el bobo al espejo,
Y lindo se mire en el.

Narc. Corrido estoy.

Ros. Passará por necedad esta vez.
Vos quien sois?

Bien. La flor del amor,

Ros. Por merito que teneis?

Bien. El ser amor, porque solo
El amor merito es.

Ros. Con que por merecimiento
Dais al amor?

Bien. Estó es fe.

Ros. Tambien es fe ser mas fino,
Adorar sin pertender.
Qyes Mosqueta.

Mosq. Que mandas?

Ros. Me digas quien es aquel,
Que alli se ve retirado.
De los demas.

Mosq.

- Mosq.* El Clavel,
Princepe, que es de la sangre,
Y aun aspirante a ser Rey.
- Ros.* Pues porque así se retira?
- Mosq.* Yo, Señora, no lo sé,
Serà Galan vergoncozo,
Que ama sin dexarse ver.
- Ros.* Clavel, porque no llegais?
- Clav.* Yo Señora?
- Ros.* No os turbeis,
- Clav.* Porque me alexa el respeto,
Quando me acerca la fe.
- Ros.* Tambien pertendeis mis nupcias?
- Clav.* Si Señora.
- Ros.* Pois nó veis
Que implica contradiccion
Retirar, y pertender.
- Clav.* Pertendo como el que espera,
No como el que oza.
- Ros.* Y en que la esperança alimentaes?
- Clav.* En los posibles, mas es
Tan cercada de temores
En mi humildad, que se ve
Màs miedo, que no esperança.
- Ros.* Muy poco valor teneis.
- Clav.* Es porque he pezado el vuestro.

260. *Obras da Madre Soror*

Ros. Y que meritos traeis,
Para aspirar a mi mano?

Clav. Solo uno traigo.

Ros. Y qual es?

Clav. Solo merefco em mirar
Que no llego a merecer.

Ros. Efse merito os aceto.

Mosq. Que discreto.

Ros. Que cortez.

Clav. Postrado os rindo las gracias,

Ros. Llevantad,

Clav. Anfi estoy bien.

Ros. Nõ estais, que fols flor, que nasce
De la raiz de Jefe.

Clav. Tantos honores a mi!

Bien. Fabores haze al Clavel,

Narc. Es fu pariente.

Lyr. Que importa
Si no excede a todos tres.

Mosq. Que soberbio el gigante solo
Hombrea con un Jozeph,
CaveI digo.

Ros. Illustres Flores,
Mañana en efte Vergel,
Os aguardo, y advertid
Para que anfi madrugueis,
Que al que mas preffo llegare

Un favor tengo de hazer,
Com Magestades de Reyna,
Y gratitud de muger.
Quiero ver en esta accion, *a parte*
Qual más attento se ve,
Y si se adelanta a todos,
Como en lo más, el Clavel.

Lyr. Yo con prifas,

Narc. Yo con alas,

Bien. Yo con ancias,

Clav. Bolaré.

Tod. Si nõ nos mata primero,
Desta esperança el prazer.

Ros. Pues a Dios que aqui os aguardo.

Tod. Quedamos a vuestros pies. *Van-*
se, y la Rosa tambien.

Mosq. Yo apostaré que las flores,
Del Alba al amanecer,
Para llegar más a prifa,
Vienen corriendo en un pie,
Y yo si fuera galan,
Aunque pezasle a mi fe,
Por no dexar de dormir
Dexara el favor perder. *Vase.*

Sale el Clavel.

Clav. Un favor prometió la Rosa bella
Al primero que aquí dexasse huella
Con que yo me quede de día a día,
Que ir, e bolver seria grossaria,
Ansi me estoy constante,
Por ambiciozo nó, mas por amante,
Que es más justo se infiere
Que sea yo quien el favor espere.
Y no que el aguardar que buelva
aquí
Sea el favor el que me espere a mí.
La escarcha, que ya empieza,
En plata buelve el oro en mi ca-
beça,
El yelo me trespasa rigurozo,
Que vive la fineza en lo costozo,
Y ya el sueño groffero
Me busca aunque pezado lizon-
gero,
Aunque amor me divela
Duerman los ojos, que el coraçon
vela.

*Reclina-se el Clavel, y sale el amor
perfecto cantando.*

Am. Despierta, despierta flor,
Que te llama el amor,
Y en traje de Abejuela
Buena y linda
Despierta, vivifica,
Que ya te pica,
Eya a qué aguardas,
Que ya tardas en lo que no tardas.
La fiente puta,
Ya te murmura,
La Estrella hermosa,
Verte hermosa
Dizen las flores,
Como duermes si tiene
amores.
No de la Aurora,
Passe la hora
El Alva fria,
No anuncie el dia,
Y hande salir
Una a llorar, otra a reir
Despiertas, despierta flor,
Que te llama el amor.

*Vase el amor, y despierta el Clavel
asustado.*

Clav. Quien será quien me llama?
Amor perfeto es, pues dexo flama,
Corrido estoy de hallarme con so-
ciego,
Siendo ardiente su fuego,
Que aunque un instante he dado
en mi pereza,
Por un siglo lo mide la fineza.
Pero la Reyna viene, y su arrebol,
Mui de mañana me ha salido el Sol.
No hede salir a hablarla de atrevi-
do,
Porque no piense que el favor le
pido,
Ella me mirará, si la fortuna,
Me levanta más alto que la Luna

*Salen Rosa, y Mesquera de espaldas
para el Clavel.*

Mesq. Mucho tardan las flores,
No podremos decir que son amo-
res.

Ros.

Ros. Mas el Clavel me admira,

Mosq. Pienso que en sus verdades no ay
mentira.

Clav. No hede salir, que fuera desatino
Demandar tal favor sin ser Divino.

Ros. Que el amor llega infiero,

Mosq. Y pues quando el amor no fue el
primero

Bien. Aquí llego a vuestras plantas.

Ros. Ya el Alba rio de vos.

Bien. Porque?

Ros. Por lo que tardasteis,
Diziendo que sois amor.

Bien. Por el Aurora aguardé,

Para coger de su Albor.

Las perlas, quize traerlas

Avuestras plantas, perdon

Aquí las teneis Señora, *saca un*

hilo de perlas

Y fue fineza mayor

Por hazer el sacrificio

Aventurar el favor.

Ros. Quedad con ellas.

Bien. Será deaire,

Ros. Será razon,

Que perlas, que hazen grósseros,

No seran finas.

Bien.

Bien. O' Dios de amor paciencia te pido,

Ros. Fineza será mayor.

Bien. Con todo llegué el primero,

Ros. No ha llegado el que tardó,

Bien. Fue por traeros las Perlas,

Ros. Muí mal me entendéis, que yo,

Estimo a la promptitud,

Más que del Sur el valor.

Sale el Narciso.

Narc. Al Vergel dichozo entro,

Primero en la estimacion,

Aunque segundo en llegar.

Ros. Como así?

Narc. Por más honor,

Al espejo de una fuente,

A componer con primor,

Mi gala, me he detenido.

Porque mas digno al cándor

De vuestras luzes llegalle.

Conque en este lance oy

Si nó adelanté los pasos

Adelanté la atencion.

Mosq. Este por mirarse así,

Al Cielo nó mira.

Ros. Yo hermoza a los pedi,

Si nó disvelo.

Lyr. Que flor tan necia como el Narciso.

Sale el Lyrío.

Lyr. Ya a vuestras plantas estoy,
Donde en un dia dos vezes
Pienso me amanece el Sol.

Ros. Como esperastes por el?

Lyr. Temprano me despertó
Mi cuidado; pero como
Es mi asistencia en rigor,
En los valles, y en los montes.

Por más que me madrugó
La fineza, no he podido
Vencer los leños veloz;

Y así parti con la noche,
Y he llegado con el Sol.

Ros. Partierais al Sol de ayer

Y no os ollara el de oy.

Lyr. Aun el Clavel no ha venido.

Sale el Clavel.

Clav. No he venido, porque estoy:
Aqui quedé desde ayer.

Que era mas fina atencion a la

Rosa

- Primero que vos ami,
Os esperasse yo a vós.
- Ros.* En todo el Clavel se mira *à parte*
A los de más superior.
A la escarcha haveis quedado?
- Clav.* Essa ha sido la lición
Del mayor amante, quando
A sus cielos Coronó
Con las perlas de Aurora.
- Ros.* El a las puertas llamó,
Y vos mudo haveis quedado.
- Clav.* Porque reverente yo
El favor podré esperar,
Mas no llamar el favor,
Que la fortuna es de todos,
Y el atrevimiento no.
- Bien.* Yo fui el primero en llegar,
- Narc.* Yo el primero en la atención,
- Lyr.* Yo el primero en la partida,
- Bien.* Yo que el Bien me quiere soy,
- Narc.* Yo fui,
- Lyr.* Yo he sido,
- Mosq.* Y ninguno ha valido un caracol
- Lyr.* Mi dilvelo;
- Narc.* Mi cuidado,

Ros. No hagamos difinicion
Que ninguno de los tres
Lleva el favor por honor.

Los 3. Porque?

Clav. Alentad temores.

Ros. Porque la hora passó
De la fineza, y ninguno
Fue primero en la occazion.

Clav. Segun esso yo Señora soy el di-
chozo

Ros. Nô sois
Porque no viene el que está,
Y os haveis estado vos.

Clav. Yo proprio me condené
Pues quien el alto favor
De vuestra mente divina
Lleva?

Narc. Quien le mereció,

Ros. Aquella flor, que en fineza
A todas lleva la flor.

Lyr. Otro podrá ser mas fino,
Mas nó podrá ser mayor.

Vase

Narc. Otro havrá de mas fineza,
Pero de mas gala nó.

Vase

Bien. Otro Si de mayor dicha
Mas nó de mayor valor,

Vase

Mosq.

270 *Obras da Madre Soror*

Mosq. O' que amantes tan grosseros,
Troncos parecen, n flor.

Clav. Quien es Señora el dichozo
Saberlo quiero, porque oy
A pezar de tanta imbidia
Le venere tanto honor?

Ros. Uno de los quatro es.

Clav. N mereciendo ser yo
Qual es de los trez?

Ros. Ninguno.

Clav. Luego podr,

Ros. Que os turb?

Clav. Presumir

Ros. Que si, n digo,

Clav. Ser en dicha superior
Yo quien el fabor alcance.

Ros. Tambien n os digo que n.

Clav. Que es lo que explicais señora?

Ros. Que ya llevaes el fabor. *Vase.*

Clav. Dichozo mil vizes quien
Sin merecer alcanco. *Vase.*

Mosq. El fabor seria grande,
Mas entr dientes qued. *Vase.*

JORNADA SEGUNDA.

Sale el Clavel.

Clav. Dicho Amor que imagino,
Livre de viles rezelos,
Porque no puede dar zelos
Un sogeto tan Divino.
Y aunque otro contra mi intento
Si prefiera en la occazion,
Nó lo harà su inclinacion,
Y lo harà su entendimiento.
A si que quando mi hado
Me quite el laurel dicho,zo,
Nunca quedaré zelozo,
Aunque quede desdichado.
Tambien como ayer aqui,
Quando el fabor alcancé
Que era rectitud pensé,
Para mi, mas no por mi.
Porque beldad de tal ser
Magestad tan soberana
Nó hade mirar como humana,
Aunque esté como muger.
Dicho Amor sin disvelos,
Buelbo a dizir entre flores
Aunque me dexes temores
Nunca me puedes dar zelos.

Sale

Sale el Girasol.

Gir. La ignorancia desta flor
 Con admiracion oi
 Porque nunca prezumi
 Haver sin zelos amor.
 Hasta aqui nõ sé a quien ama
 Mas lo que llevo a entender
 Es que nõ puede en querer
 Haver incendio sin llama.
 Y como del Sol candores
 Penetro en alto arrebol
 Pues soy como Girasol
 El Aguila de las flores,
 Le voy siguiendo constante
 A ver si en tal confuzion
 Si livre desta passion
 Passará siempre este amante.
 Ya estoy a sus rayos puros
 Desde donde llevo indigno
 Hasta su archivo Divino
 A penetrar los futuros.

Pone-se como mirando al Sol

Clav. El Girasol a ver llevo
 Que apura el Sol sin desmayos
 Y en carateres de rayos
 Lee por papel de fuego.

Can-

Canta el Girasol.

- Gir.* O' tu Febo Divino
Peregrino
Rompete a mis anhelos
Los velos
Y mire en ti brillante
Si este amante
Que oy passa sin disvelos
Tendra Zelos,
Y de quien al haverlos
Hade tenerlos:
- Clav.* Su muzica escuché
Pero lo que hà explicado no lo sé
Ni me atrevo a inquietar su alto
empleo.
- Gir.* O Apollo Divino, que en ti veyo.
- Clav.* Acciones está haziendo de admirado.
- Gir.* Que es lo que leyo en ti Febo fagrado?
- Clav.* Al Sol ya se suspende, y ya se admira.
- Gir.* Pues a la luz está como es mentira?
- Clav.* De la suspencion sale con espanto.
- S
- Gir.*

Gir.

Como tal permitis Apollo Santo
A los Cielos se atreve amor ze-
lozo? *con furia.*

Clav.

Al estupor divino está furiozo.

Gir.

O' zelos, ò passion que es lo que
hizistes? *Furiozo*

Que a una hija del Sol os atrevistes?
Aqui a las luzes puras,
Romperè con dolor mis vestiduras
Y es tanto mi despecho
Que passaré a romper tambien el
pecho.

A una hija del Sol, a una luz pura,
Que está quazi deidad, yes crea-
tura,

A quien mortal ninguno se halla
digno,

Como tal permitis Febo Divino?

Sospecha obscura aqui vivos re-
zelos,

Estremescan los exes de los Cie-
los.

Clav.

Ya parò su furor, ya está templa-
do.

Gir.

Cielos, que es esto que por mi ha
passado?

Zelos vi del Clavel contra la Rosa
Dei-

Deidad tan pura , como tan hermosa

A ver más no llegué ,
Porque en una passion me arrebate.

Clav. Aquí os vi contemplando
Vuestros raros affectos admirando,
Y merecer quiziera
Saber que visteis en la clara esfera.

Gir. Pues a tu hado escucha
Mucha es mi informacion.

Clav. Mi atencion mucha.

Canta el Girasol.

Gir. O' tu Clavel que inocente
Prezumes en tal enpeño
Ser sacrificio de amor
Sin ser víctima de zelos ;
Sabe que yo Girasol ,
Que a luz del Divino Febo
Leyo incognitos futuros
De sus arcanos secretos ,
Vi que ha de penar zelezo
En un oculto misterio ,
Donde pagarás a perlas
Quanto has devido a sociegos ;
La paz se bolberá guerra

Y en este hermoso terreno
 Serán jacintos azules
 Los que son jasmínes terfos.
 Este es el fatal preludio,
 Que fiel te reprezento,
 Porque al avizo del Rayo,
 Pagues la culpa del Trueno.
 Piza, piza con tiento
 Del Vergel bello
 Las lindas flores,
 Porque si oy son amores
 Mañana seran Zelos. *Vase.*

Clav. Aguarda flor, que esta vez
 Inquietas en triste Aurora
 A los fociegos de aora
 Con las penas de despues.
 Buelve, buelve Girasol,
 Mas ya dezapareciste,
 Que mucho se te atreviste
 Adar atomos al Sol.

Sale la Rosa.

Ros. Aquien llamas?

Clav. Ay de mi.

Ros. Que os veyo defcolorido.

Clav. Señora

Ros. Dizid que ha fido?

Clav.

Clav. Hable conmigo, y fin mi,
Dexame vana locura,
Que no cabe en mis disvelos
Pensar que pueda dar zelos
Una belleza tan pura.

Ros. Pensativo os llego a ver.

Clav. Desperté con poco gusto.

Ros. Pues de que es vuestro disgusto?

Clav. De poder venirlo a fer.

Ros. No os entiendo, y en verdad
Mui otro os llego a advertir,
Si os atreveis a dizir
Obscuros a mi deidad.

Clav. Perdonadme si ante vos
Hablé incauto, ò indiscreto
Porque nõ supo el respeto
De lo que supo la voz.
Si mi color con quebranto
Està, fèran fus retiros
O' del ayre a los suspiros
O'ya de là Aurora al llanto.

Ros. Sois flor, ninguna en rigor
Dexa de mudar semblante.

Clav. Quando una flor es diamante
Luego dexa de fer flor,
Mas diamantes dezazerlos
Aun puede un dolor lavrando.

278. *Obras de Madre Soror*

Que estea yo tolerando *à parte*
Zelos, de haver de tenerlos!

Ros. Otra vez,

Clav. Passome un clavo.

Ros. Enigmas hablais conmigo
Sin mirar onde estais?

Clav. Digo,

Ros. Que dizis?

Clav. Soy vuestro esclavo. *Vase.*

Ros. Que tendrà el Clavel, que ansi
Con tal digusto se infiere,
Mas tenga lo que tubiere,
Que esso nõ me importa a mi.

Sale la Mosqueta.

Mosq. Señora hallarte consigo
Mas sola.

Ros. No advierte oy,
Que yo nunca sola estoy
Porque siempre estoy conmigo.
Quiero el Jardin passear
Dando a las flores honor
Mis plantas, y por mayor
Suavidad mando cantar;
Q'la, no ay un page ahi?

Sale el Jasmin.

- Jasm.* Aqui està el Jasmin Señora
Ros. Di al Ruiseñor sin demora,
Que venga a cantarme aqui;
Hagan sus voces suaves
Con el ayre un dulce ajunto.
Jasm. Yo voy a llamar al punto
El Orfeo de las aves. *Vase.*

Sale el Lyrio.

- Lyr.* Milagros vuestra beldad
Ha echo en esta estacion
Pues lo verde, y lo celeste
Hizieron pazes por vds.
Mosq. Quando hubo dama, y Jardin
Sin conçeto.
Ros. Aqui me estoy
Bien hallada con las flores,
Lyr. Illuminais su candor.

Sale Bien mequiere.

- Bien.* Pizad con tiento Señora
Del Jardin lo verde oy
S iv Que

Que embidían las esmeraldas
De las yervas el favor.

Mosq. Requebro de yerva, solo
Lo he visto en esta ocasión.

Ros. Siempre la Mosqueta pica.

Bien. Aquí nada hace dolor.

Sale Narciso.

Narc. El firmamento, Señora,
Mirando con feño estoy,
Porque se queja la Estrella
De la dicha de la flor.

Mosq. Este ha llegado más alto,
Porque al Cielo se subió

Ros. Eya baste de lizonjas
O'la cante Ruiseñor.

*Canta dentro una voz, y va saliendo
el Clavel.*

Voz Pregunta a saber mejor,
El Ruiseñor entre flores
Qual viene a ser en amores
La mayor prueba de amor,

Clav. Pregunta a saber mejor
El Ruiseñor entre flores

Qual

Qual viene a ser em amores
La mayor prueba de amor?
Esto el Ruiseñor pregunta,
Ya ser más ozado yo
Diria mi sentimiento,
Pero Señora ante vòs
Lo que nasce a ser palabra
Luego fenece temor.

Lyr. Tambien yo mi parecer diria,

Narc. Mi explicacion

No escuzaria al proemio.

Bien. Yo que Bien mequiere soy
En amor definiria

Si aqui todos por fabor
Vuestra licencia alcançamos.

Ros. Aunque livre de passion
Porque a humanos sentimientos
Aun nõ hê visto la color;
Pues del campo la licencia
Tiene alguna distincion,
Permito que cada uno
Explique en esta occazion
Su entender.

Tod. A vuestras plantas prostrados la
permission

Agradecemos rendidos.

Ros. Llevantad.

Tod.

Tod. Tan alto honor.

Lyr. Del amor la mayor prueba
Dire confiado yo.

Es que un grande, un poderoso
Prizionero en su cordon
Se haga por amor esclavo,
Quando ha nascido Señor.

En su amorozo cariño

Un grande, quando es amante,

Esta, como si un Gigante

Si viesse rendido aun niño.

Y de amor en este aliño

Se exalta su fe serena

Pues que su grandeza, agena

Muestra a todo el emisferio

Que ya no estima su imperio

Por estimar su cadena.

Clav. Tal grossaria.

Ros. Calla,

Dexa que digan los dos,

Y tiempo queda despues

Para la definicion.

Mosq. Tomò tema mui grossero,

Para delgado sermon.

Narc. Del amor la mayor prueba

Es que uno en tal occazion

Se dexe de amar a si

Por amar a lo que amó.

Rin-

Rindir tu grandeza aqui
 Es dexar tu señorio
 Mas dexar el amor mio,
 Es más, que es dexarme ami.
 Anfi que poco dàs vi
 Si al amor proprio nó daz
 Con que yo de su carnaz
 La mayor prueba consigo
 Pues todo es menos conmigo
 Y yo conmigo soy más.

Ros. O' quanto el Narcizo precia
 Su amor proprio.

Mosq. En quanto habló
 Viendose estuvo a la fuente.

Ros. Me enoja su prezuncion.

Bien. El que aventura la vida
 Por alcançar lo que amó
 En este de amor litigio
 Dà mayor prueba al amor.

El que ama, o es frenezi,
 Amor proprio hade tener,
 Pues si quiere, hade querer
 Lo que quiere para si.

La vida en la ardiente lid
 Hade aventurar su flama
 Por el premio desta llama
 O' su fineza dezhaze,

Pues

Pues no ama el que no haze
Por alcançar lo que ama.

Clav. Quien quiere para alcançar
Haze el amor interes,
A si sabe desta vez.
Que es querer, mas no es amar.
Aquel que llega a adorar
Una divina belleza
Si de amor la gentileza
Busca, porque no la ofusque,
Solo en su fineza busque
El premio de su fineza.
Tambien ò Lyrio mi voz
Te convence en esta ley
Porque no se humilla un Rey
Quando se ha rendido aun Dios,
Postrarse un Cetro veloz
A la beldad, que ve pura,
Es deuda, y passa a ventura
Sin fineza ni misterio,
Porque nada tiene imperio
Adonde està la hermosura.
El Narcizo fue a gloriarse
De lo que es fuerça en amor
Que ya se sabe en rigor
Que quien ama no hade amar-
se.

Esfurzado era probarse
Si amarse era cazo atrás
Herido del niño Dios
A si mismo, amante alguno,
Que el amor hade ser uno
Y ya consigo eran dos.

Ansi que ninguno aqui,
El aplauso mereció,
Que el tener muchas razones,
Nó es tener mucha razon.

Lyr. Nó me doi por convencido,

Narc. Ni oy tan poco.

Bien. Ni yo.

Ros. Y vos que dizis?

Clav. Yo digo, y lo afirmo sin temor
Que en un amante los zelos
Son de amor prueba mayor.

Ros. Y no sabeis que los zelos
Son atrevimientos?

Clav. Nó, que esos son zelos villanos,
Hijos de affecto traidor,
Adonde el crystal más puro
Se enturbja en la preziuncion.
Al fin son zelos grosseros.
Y de aquellos hablo yo,
Que sin llegar al respeto
Se atreven solo al dolor.

Ros.

186 Obras de Madre Soror

Ros. Y de que esse dolor nasce?

Clav. De un rezelo, que forjó
El mismo amor en si mismo
A hurto de la razon.

Y passo a lo que desiendo.

Mosq. Buena hora te dé Dios.

Clav. Del amante en las firmezas
Las constancias son porfias ,
Las finezas bizarras ,
Las dadivas gentilezas ,
Los disvelos fortalezas ,
Los desdenes son favor ,
Todo es gloria, todo honor,
Mas zelos, que es mi intento
Son tormento, y sin tormento
Ninguno prueba el amor.

El que no passa a penar ,
Que ama nó puede dizir
Que quien no llega a sentir
No puede llegar a amar,
En los zelos viene a estar
La pena destes disvelos
Y como en tales rezelos
Vive de amor el dolor
Solo haze prueba de amor
Aquel que prueba los zelos.

Dentro voces,

Victor, victor al Clavel

Viva que el lauro llevó.

Ros. O'lá que voces son estas
Quien haze esta aclamacion?

Sale el Jasmin.

Ros. Que es esto niño?

Jasm. Señora, el Jacinto, que se halló

Aqui cerca, y el problema

Pudo oír con atencion,

Como tan pratico que es

En sentimientos de amor

Dió por el Cavel sentencia.

Y consigo se llevó

El aplauzo de las más

Flores, y una, y otra voz

Uniformes repitieron

En esta verde estacion

Voces. Victor, victor al Clavel,

Viva que el laurel llevó.

Lyr. Y porque entre todos el

La sentencia mereció,

Narc. Porque más honor alcanza?

Bien. Porque más gloria ganó?

Ve-

JORNADA TERCERA.

*Salen las flores galanes, y la
Rosa.*

Clav. Viendo-os madrugar, Señora,
Alva, y Aurora se ven
Quando una a llorar de embidia
Otra a reir de plazer.

Ros. Un sueño me ha disvelado
Porque aunque de gusto fue
Tanto para el que dispierta
Desvela el mal, como el bien.

Clav. A Morfeo agradecidos
Quedamos todos, en que
Os dió gusto, aunque disvelo.

Lyr. Y el Jardin lo está tambien
Pues que por el con tal flor
Se mira al amanecer.

Narc. De vuestra idea divina.
Quien duda que hubo de ser.
Hasta el sueño soberano,
Con que prezumo esta vez
Que aun quando agena de vos
Como vos os dexaes ver.

Ros.

Ros. Porque mejor lo digaes,
El sueño revelaré
Sin que lo oculte a ninguno.

Clav. A todos honor hazeis.

Ros. Soné que via el Cielo estremecerse
Y su maquina pura al alterarse
Ya se estava a cayerse, o no cayerse
Ya se estava a quebrarse, o no que-

brarse
Del Dios de amor se vio luego
romperse

Porque ligero á rá quizo arrojarse
Cayendo en mi regazo mui veloz,
Con que esfera quedá de todo un
Dios.

Clav. Quien duda que se el amor
Dexar el Cielo se ve
Será a buscaros, y ansi
No era baxar el caer.
Si seran estos mis zelos? *a parte*
Si aqui estará su poder?
Mas no puede ser, que un Dios
Quita duda, y dexa fe.

Bien. Corrido amor quedará,
Si el sueño sabe, porque
Ha echo la fantezia.
Lo que el devia de hazer.

Narc. No es mejor throno el Impirio.

Lyr. Ni el Cielo mas gloria fue.

Narc. Pues yo tambien he soñado

Y misteriozo soñé

A favor de todo el Orbe.

Ros. Si a todos nos está bien

Sea el sueño para todos.

Narc. Ya lo refiero corteza.

Soñé que quando ociozo yo bus-
cava,

Para mi espejo el agua crystalina,

En campos de Belen alli encon-
trava

Una graciosa fuente peregrina,

Que a beber todo el mundo con-
vidava

En sus crytales si elara, y benigna,

Y yo gustando su corriente pura

Quedava mejorado en hermozura.

Lyr. Vuestros sueños son delicias

Mas yo del mio quedé

Ajado.

Ros. Tambien soñastes?

Lyr. Si, Señora, y esto fue.

Soñando un Lirio vi de tal gran-
deza,

Que

Que alas Estrellas fu altivez toca-
va,

Porque fu pompa, lustre y gen-
tileza,

Quando nascia flor Astro acabava:
Pensando con soberbia, y con ru-
deza

Yo que a mi mismo en el alli mi-
raya

Yo solo, aqui me dixo entre se-
vero,

El Lirio soy del campo verdade-
ron

Mas son sueños, y de sueños

No ay hazer, cazo.

Ros. Está bien, mas ay sueños miste-
riozos.

Que nos avizan tal vez.

Contra nuestra vanidad.

Bien. El mio de nupcias fue

Con que hemos soñado todos.

Ros. Hasta esto misterio es.

Bien. Unas nupcias son de gloria tal,

Y de pureza las miré tan llenas,

Que a su Talamo vi ser de crystal.

Siendo su aparamiento de Aquí-
cenas.

Y las luzes, que allí todo era igual,
 Eran de las Estrellas mas serenas;
 Los consortes no vi, mas bien mi-
 rado

Solo el Sol pudo ser el despozado.
Narr. Estos misterios, Señora,
 Sola vos aqui podreis
 Con vuestra mente divina
 Decifrarlos.

Res. No podré,
 Que nó es justo se examine
 Con curiosidad infiel
 Del oculto lo sagrado
 Antes de dexárse ver
 Si son sueños, nada importan;
 Y si nó lo son, tambien;
 Hasta que el tiempo los diga
 En sus arcanos se esten.

Cantan dentro.

Mus. Decifrados los sueños
 Mui presto haveis de ver
 Porque ni siempre, o flores,
 El sueño, sueño es.

Ref. De una Angelica animada
 A quien el Sol esta vez

Fulminó con sus rayos

Es la voz, con que ya veis,

Que a vuestros fueños el velo

Mui presto se hade romper.

Bien. La declaracion del mio,

Con ansias esperaré.

Ref. El vuestro está decifrado,

Porque mi Padre el Sol Rey

Oy manda que me despoze

Siendo de su gusto ley;

Y bodas de tal pureza

Solo mias pueden ser,

Y como en visperas fuyas

Misterios al parecer

Todos havemos soñado,

Yo tengo asentado en que

De mis soberanas nupcias

Hande venir a nacer

Estos futuros, que aqui

Se nos han dexado ver

En Dios de amor fuente, Lirio,

Cuyo raro oculto bien

Será embidia de los Cielos

Siendo gloria del Vergel.

Clav. Vuestros otros pensamientos

Lo aciertan, mas posible es

Que tan cerca esté la dicha?

125 *Obras de Madre Soror*

Lyr. Que tan llegada se ve?

Tod. Para bien, mas no sabemos,

A quien dar el parabien.

Clav. O como me temo indigno. *à parte*

Lyr. Como alentado me ven. *à parte*

Narc. En fuente soñe, no digo,
De esta agoa nõ beberé. *à parte*

Bien. Quien duda que soy el nobio,
Pues con las nupcias soñe? *à parte*

Lyr. Quien duda que a mi grandeza
Se hade llegar el laurel. *à parte*

Clav. Quien duda que todos pueden
Mejor que yo merecer.

Lyr. Pues yo con vuestra licencia
Voy a prevenir fiel

La asistencia a tal función
Entre temon y placer. *Vase*

Tod. Esse intento nos aparta. *Vanse*

Clav. Y yo me quedo a temer.

Ros. Vos solo nõ havais soñado?

Clav. También, Señora, soñe,
Y estoy dudoso entre sombras.

Ros. Y que se llegó a ofrecer
Peregrina a vuestra idea?

Clav. Pues lo mandais, lo dire.
Que en un campo soñe me pas-
seava

Adon-

Adonde solo havia azules flores
Allí con sus espinas me picava
Porque estaban cercadas de rigo-
res.

Luego un pañal via, y gustava,
Que suave curava mis dolores
Y tan dulce la miel estava en el
Que se estava mas dulce que la
miel.

Efecto mi sueño Señora,
Y aunque suave, y cruel
Ni lo temo como mal,
Ni me alegra como bien,
Y lo que quizo explicarme.
En su archivo lo dexé.

Muz. Es lo que aquí te muestran
Que tus zelos Clavel
Serán flores azules,
Y luego serán miel.

Ref. La Angelica ha respondido
Ya solo quizo atender,
A su dulçura, y a la letra *a parte*
No di atencion, esto es
Hazeme dezentendida
Como que mal escuché
De zelos, en qué fin duda
Misterio deve de haver.

Clav.

298 *Obras de la Madre Sora*

Clav. Ya la oi con tanto gusto,

Que dos veces aqui fue

Alegria; una por canto

Otra, Señora, porque

Mosq. Seran flores azules,

Y luego seran miel.

Clav. Dulce voz que a mis temores

Has dexado foyegar

En el altar de mi pecho

Doy gracias a tu fiidad.

Sale la Mosqueta.

Mosq. Señora, estos memoriales

A tu Augusto tribunal

Emblian las flores Princepes.

Ros. Pues el Clavel se los dà

Leedlos; mas a que intento

Oy peticiones me dan?

Lee el Clavel.

Clav. Suplica a vuestra belleza

El Lirio en esta ocazion

Que os acordeis, y es razon

De su honor, y su grandeza.

Ros. Bien està, venga el segundo,

Mosq. Todos de un pano seran!

Lee. El Bien me quiere atrevido
Pide en las nupcias de honor
Os acordeis de su amor,
Que amor no merece olvido.

Ros. A quien de amor entendielle
Podria ser memorial,
Ami no; venga el tercero.

Mosq. Este espejo pedirá
Para el dia.

Ros. Eya acabemos.

Clav. Ay mucho que ponderar.

Lee. El Narciso, en la accion pura
Pide acordeis bien mirada,
No ser para despreciada
Tanta gala, y hermosura.
Esto se atreve a pedir.

Ros. A que no se atreverá un nescio?

Clav. Será dilirio por no dizir natural

Mosq. Antes de serlo estes nobios,
Han dicho la necesidad.

Clav. Corrido estoy de su accion. *a parte.*

Mosq. Voy a conduzir las mas
Porque al Templo te acompañen.
Vase.

Ros. Y vos sola no me daes memorial?

Vase.

600 *Obras de Madre Soror*

Clav. No, gran Señora,

Y si to huviera de dar,

Que os olvidasseis de mi

Pidiera en el memorial.

Ros. Porque peticion tan rara?

Clav. Porque se apensar llegaes

Lo que va de vos a mi

Impossible os ve mi afan

Con que arriesgo en la memoria

Aun mas que en la voluntad.

Ros. De esta suerte en los olvidos

Las esperanças fundades?

Clav. Si Señora.

Ros. Pues aqui de humilde ignorante

estais,

Porque mejor en la fe

Las podéis sustentat?

Clav. La fe, Señora, me vale

En tanta contrariedad,

A qué estando desmayado

No he llegado á estar mortal.

Ros. Si va por merecimiento

Quien ay que pueda esperar

En mi pretencion?

Clav. Ninguno,

Mas es tal disparidad

Yo prezumo que soy menos

Adonde ninguno es mas.

Ros.

Ros. O' que lugar en mi pecho ,
Va labrando su humildad, *à parte*
No se si sois más, ò menos ,
Pero no llego a dudar,
Que presumir no es saber.

Clav. Pues yo quien soy ?

Ros. Lo ignorais ?
Un Principe de la sangre
Conjunto a la Magestad ;
E esto es que buelvo por mi ,
No por vos.

Clav. Más me obligais ,
Mas quando con vos me miro ,
Aunque aqui tanto me honrais
Pareceme que estoy viendo
Un borron junto aun crystal.

Ros. Pedi confiança a los otros
Que tan hartos della estan.

Clav. Aun a saber que son dichas
En su atrevimiento van ;
Más quiziera mi rezeño
Que nõ fu temeridad.

Ros. Con que mejor el estado
Os estava de excludo ?

Clav. Si , porque antes que atrevido
Quiziera ser desdichado
Y liendo tal el objecto

Yo de mi propio homicida
 Cortaría por mi vida
 Antes que por su respeto:
 Que si acazo a la ventura
 El rostro llevo a mirar
 Su favor no hede comprar
 A costa de mi locura.

Dentro voces , y cañas.

Voces. Viva la Rosa, viva la hermosura

Ros. Estas voces son trofeo,
 Con que el pueblo en este día
 Aplaude con alegría
 Las nupcias de su deseo.

Voces , y cañas.

Viva la Rosa, viva Emineo.

Sale la Mosqueta.

Mosq. Señora, el Templo gozoso
 Te aguarda ya, porque el Sol
 Solo espera tu arrebol.
 Para nombrar a tu espozó.

Ros. Vamós pues.

Clav.

Clav. O' quien pudiera
Merecer gloria tan alta,
Que a las Estrellas exalta.

Ros. Venid, que a todos esperá
Y alli vuestro lugar sea,
Quando la fortuna entrare,
Ni tan cerca que os repare,
Ni tan lexos que no os vea. *Vase.*

Clav. Aunque en su voz me enageno
Dudo em mi temor fatal,
Que una Rosa Celestial,
Sea de un Clavel terreno. *Vase.*

*Descubrese una forma de Templo,
y sale Jasmin.*

Jasm. Al Templo del divo Sol
Vengo la Reyna a esperar. *Mi-
rando a dentro.*

Ya llegan a duplicar
Las luzes a su farol,
Entré todos el Clavel
Viene con tal Magestad
Que me parece que está
Arrebatando el Laurel.
Su gala, su bizzarria
Su gravedad, su hennozura

Va

Va diciendo a la ventura :
 Oy de justicia eres mia.
 La Rosa viene tan bella
 Con tal gracia , y tal primor
 Que se desdena de flor ,
 Y aun se desprecia de Estrella.
 Ya llegan con gravedad :
 Flores animadas todas ,
 A ver las mayores bodas
 Que ha de conocer la edad.

*Cantan dentro , y van saliendo
 todos.*

Muz. A despozarse la Rosa
 Oy sale de su Verigel
 Donde la dicha de uno
 Embidia de tantos es.
 Fuentes parad ,
 Flores corred.

Clav. Vengo a tan justo dever.

Lyr. Vengo a tan claro farol.

Ros. Todos a saber del Sol
 El que mi espozo hade fer.
 Aunque alcanço una lealtad a
 parte.

Esti.

Estimo en esta occazion,
Que fea mia la accion,
Y fuya la voluntad.

Padre de la luz hermozo.

Clav. Dominante en el farol.

Lyr. Clara deidad.

Narc. Divino Sol.

Bien. Numen el más luminoso.

Ros. Dignate,

Mosq. Romper los velos a responder

Lyr. A explicar,

Tod. El dichozo, que hade dar

Hasta al mismo Empireo zelos.

Clav. Quien la flor de Jericó

Lyr. Quien la Rosa Celestial

Narc. Quien la Açucena entre espinas.

Bien. Quien la esperança de Abran,

Mosq. Quien la Palma de Cades,

Ros. Quien el sellado Crystal,

Lyr. Quien la Oliva especiosa,

Narc. La espiga del mejor Pan.

Tod. Hade llevar por corona

En tanta prosperidad.

Canta dentro una voz.

Yo doy mi hija bella,
La Flor de la Magestad,
A aquel, que piensa ser menos,
Quando entre todos es más.

Lyr. Dinos quien es, Sol hermoso.

Clav. Dadnos su nombre, Deidad.

Narc. Nombrale, Luzero bello,

Bien. Dinos quien es.

Tod. Quien será?

Mus. Aquel, que piensa ser menos,
Quando entre todos es más.

Ros. Como sospecho quien es. *à parte.*

Tod. Dinos, ò Sol.

Sale la Açucena.

Açuc. Esperad
Que a mi me toca nombrarle

Ros. Es la Açucena.

Açuc. Escuchad. *Canta recitado*
El Sol Apollo Divino
Cuya inmensa claridad
Es antorcha de los Cielos
De la Tierra, y de la Mar.

Cuyos rayos luminosos
Alumbran de fas à fas
Del Querube adonde vive
Hasta el hombre adonde està.
Numen Divino me manda
Para espozo nombre ya
A aquel si, que par no tiene;
De la que no tiene par.
Oid, atended, escuchad.
No mueva la hoja ,
No aliente la flor ,
No corra el crystal.
El dichozo a quien el Sol
Su hija la Rosa dà ,
Es el Clavel, quando menos ,
Es un Joseph, quando más.
Dizid , publicad
Por flores , y Estrellas
Por Cielos , y tierra
Su felicidad.

Las flores galanes dizen.

Flores. Todos si por su decreto
Estamos , aunque a-pezar
De nuestra embidia.

308 *Obras da Madre Soror*

Ros. Ninguno mejor que el Clavel me
está,

Mosq. Yo apostaré que este nobio
No há dizir needad.

Clav. A vuestras plantas, ò Reyna,
Teneis aquel, que será,
Eslavo para servir,
Espozo para adorar.

Ros. Al decreto de mi Padre
Obligada lleço a estar
Pues toda mi estimacion
Ha sido vuestra humildad:
Mi mano os doy.

Clav. De la mia, que tengo
El Cielo, podran dizir.

Açuc. Tanto mereceis.

Clav. A vuestra voz anunciar
Devo mi dicha.

Açuc. Fue denda
Lo que en la Açucena hallais,
Pues devia la pureza
A la pureza nombrar.

Bien. No valio mi amor.

Lyr. No pude yo grande.

Narc. Ni yo galan.

Açuc. Del eleito.

Jasm. Del Clavel.

Ros.

Ros. Del dichozo.

Mosq. Del fin par. *Cantan*

Dezid , publicad por flores, Estrellas,

Por mares , y tierra, su felicidad.

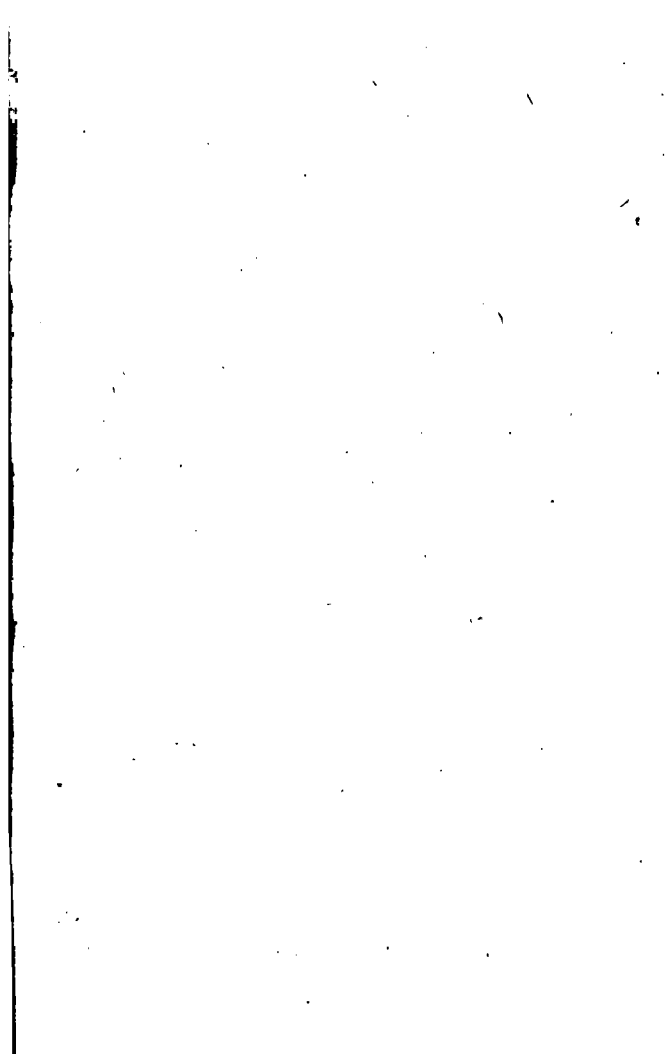
Toda A quel que piensa ser menos

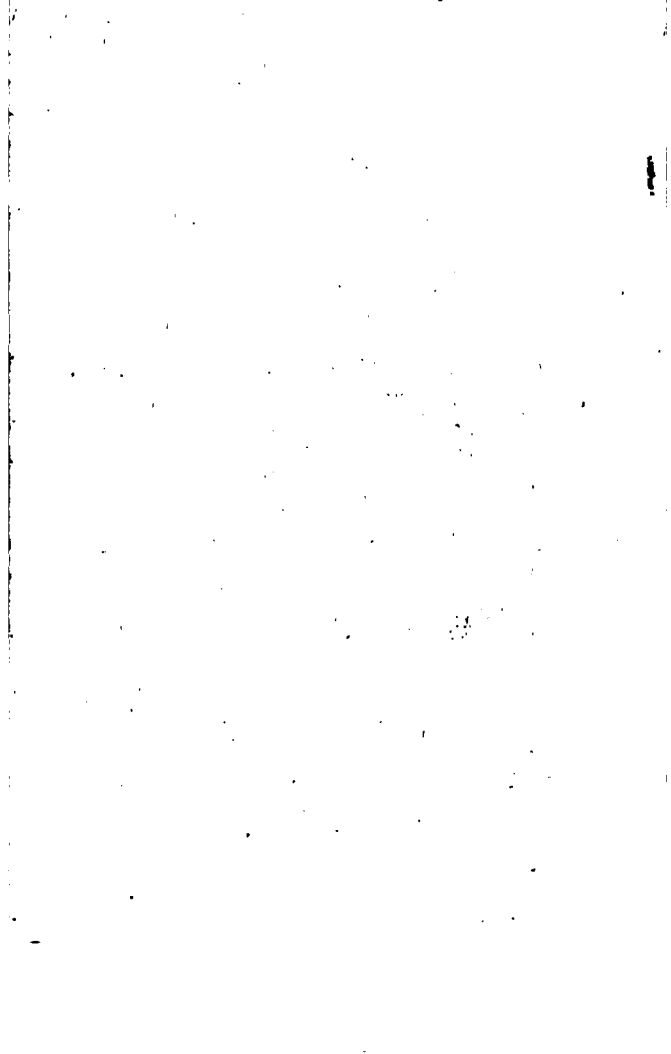
la muz. Quando entre todos es màs.

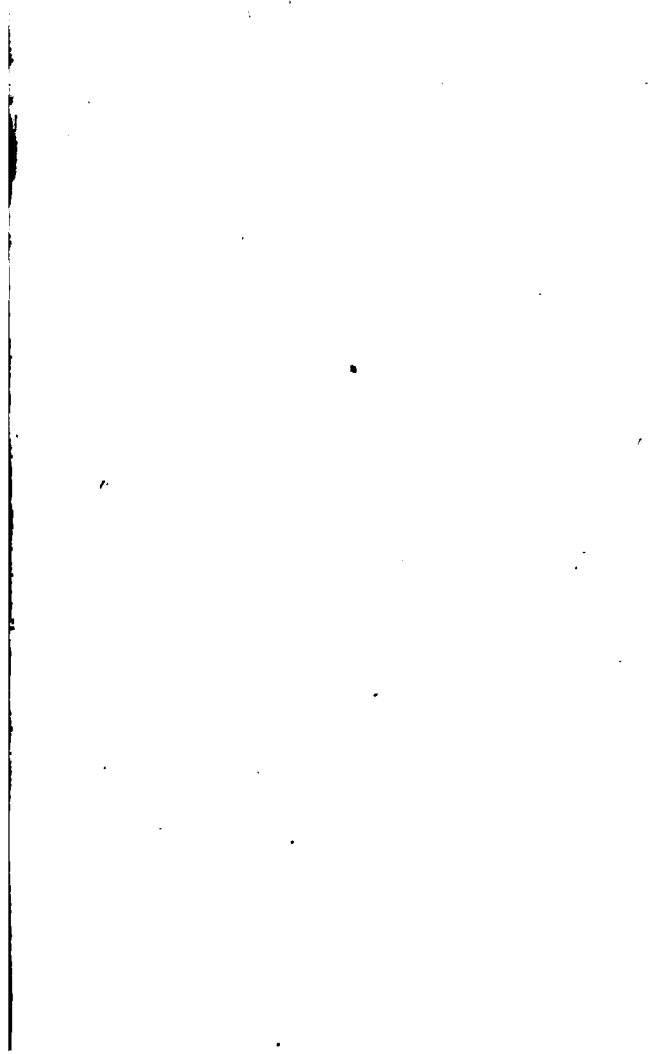
F I N.

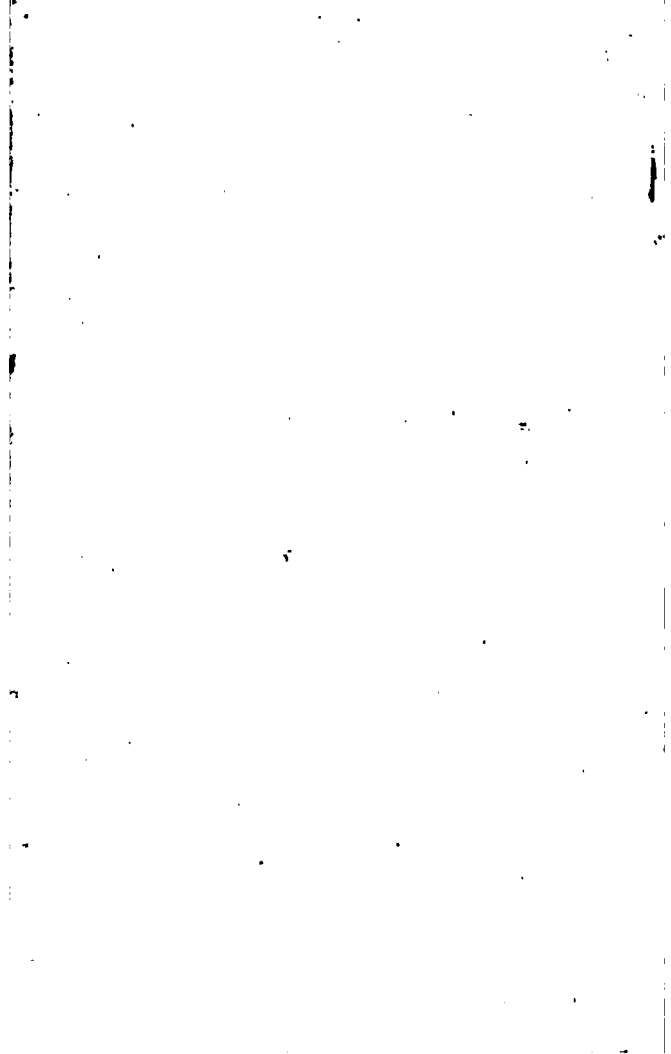


76770069









2



